

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Os Fundidores de Metal na Colômbia e no Brasil:
Um estudo transversal em Popayán e São Carlos no Campo CTS.

Aluna: Maribel Deicy Villota Enríquez

São Carlos – SP

2017

MARIBEL DEICY VILLOTA ENRÍQUEZ

**Os Fundidores de Metal na Colômbia e no Brasil:
Um estudo transversal em Popayán e São Carlos no Campo CTS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos no processo de obtenção de título de Mestra em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Área de concentração: Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Linha de pesquisa: Dimensões sociais da ciência e da tecnologia.

Orientador: Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro

São Carlos – SP
2017

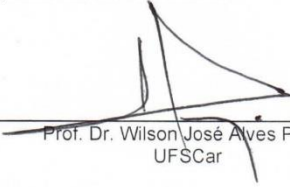


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade


Folha de Aprovação

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Maribel Deicy Villota Enriquez, realizada em 21/12/2017:



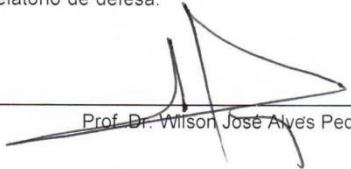
Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro
UFSCar

Prof. Dr. Jairo Tocancipá-Falla
UNICAUCA



Profa. Dra. Luzia Sigóli Fernandes Costa
UFSCar

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do(s) membro(s) Jairo Tocancipá-Falla e, depois das arguições e deliberações realizadas, o(s) participante(s) à distância está(ão) de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha família e colaboradores que fizeram possível o desenvolvimento desta pesquisa; agradeço também a eles as transformações de meu próprio mundo. Espero ademais que este trabalho possa esclarecer a construção de futuras investigações, pois o tempo é a possibilidade de sempre encontrar-nos: a fixação continua de ser sempre representados por o tempo.

Agradecimentos

Agradeço a construção deste trabalho, aos artesãos, arquitetos, professores e amigos que motivaram a continuidade desta pesquisa; sem eles, o objetivo de recuperar parte da memória de cada cidade em Colômbia e Brasil onde antigamente o artesão era ‘mestre’, não teria sido possível. A construção da contemporaneidade no tempo, a trazido o fluxo de novas transformações, contudo, as cidades, as pessoas e as costumes sofrem variações, mais os habitantes ficam no espaço, onde de fato, outros habitantes ficam na memória de outros habitantes, e assim, umas vezes conscientes e outras vezes inconscientes, os habitantes que não ficam mais, são lembrados.

Não posso deixar de registrar alguns agradecimentos especiais, á todos aqueles que participaram mais diretamente da produção de este trabalho:

*A minha avó **Aura Gómez de Enríquez** “in memoriam” por ser o símbolo que motivo esta investigação.*

*A meus pais **Sra. Lilia Amparo Enríquez Gómez** e **Sr. Rodrigo Villota Semanate** pelo apoio durante minha formação acadêmica, e irmãs.*

*A **Jakeline Amparo Villota** e **Dora Alexandra Villota** por nossas diferenças, discussões e igualdades durante toda a vida.*

*A meu Orientador **Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro**, um grande amigo que levo para toda a vida acadêmica no Brasil: pela sabedoria, respeito e dedicação.*

*Ao **Professor Jairo Tocancipá-Falla**, um grande amigo a quem devo inumeráveis aprendizagens. Agradeço o apoio ao Grupo de Investigação em Estudos Sociais e Comparativos GESC da Universidade do Cauca – Colômbia do qual formo parte.*

*À professora **Luzia Sigoli Costa**, membro da Banca Examinadora, que não poupo esforços e muito contribui nas reflexões finais desde o ponto de vista do meu trabalho de campo como antropóloga.*

*Aos **professores e colegas do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência, Tecnologia e Sociedade** da Universidade Federal de São Carlos, em especial ao apoio dado pelo grupo de pesquisa Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Pesquisa em Gerontologia Social (NIEPGS).*

Aos “sujeitos artesãos” cujas histórias não foram relatadas aqui por problemas de memória, mais estão contidas.

A Yesid Llanos Bravo, Efraín Bámaca-López, Dora Alexandra Villota e Jakeline Amparo Villota por sua contribuição durante a pesquisa etnográfica e as fotografias

Ao CAPES pelo apoio financeiro e ao grupo GCUB – OEA 2016 – 2018.

Enfim à todos àqueles que nos auxiliaram no apoio humano e técnico para a realização desta pesquisa.

Maribel Deicy Villota Enríquez

RESUMO

ENRIQUEZ, Maribel Deicy Villota. **Os Fundidores de Metal na Colômbia e no Brasil: Um estudo transversal em Popayán e São Carlos no Campo CTS. 2017.** 185 p. Dissertação (Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Univesidade Federal de São Carlos, 2017.

O presente estudo tem por objetivos descrever e caracterizar as transformações dos ofícios artesanais na metalurgia e a ourivesaria em Popayán – Colômbia e São Carlos – Brasil, através de um estudo transversal em relação com o ofício do ferreiro e joalheiro. Trata-se de um estudo interdisciplinar realizado na perspectiva dos estudos sociais das ciências e das tecnologias (CTS). Adotando a metodologia descritiva, combinando técnicas do método etnográfico e histórico, em particular a investigação colaborativa. Adotou-se procedimentos de análise documental: a história de vida e a entrevista reflexiva para fins de coleta de dados e pesquisa empírica. Foram entrevistados sete artesãos de ambos sexos com idade entre os 38 e 70 anos, residentes em Popayán - Colômbia e São Carlos/SP, Brasil. Todos os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos foram observados. Para análise dos dados, nos centramos em três eixos: a mudança do ofício do ferreiro e joalheiro, as histórias de vida dos participantes e a a caracterização das técnicas artesanais desde tempos distantes até hoje. Considerando-se as significativas mudanças no entorno dos ofícios artesanais hoje, identifica-se e analisa-se a construção das novas relações sociais do entorno e os artesãos. Aponta-se transversalmente a presença do tema de envelhecer sendo o artesão um protagonista do envelhecimento ativo, cujo trabalho exercido ao longo da vida é fortemente influenciado pelas transformações técnico-tecnológicas. Ser artesão é uma profissão que se leva na continuidade do tempo, mas que hoje está perdendo a possibilidade de ser transmitida.

Palavras-chave: Tecnologia. Ferreiros. Joalheiros. Ofícios artesanais. Mudança social. CTS. Envelhecimento.

ABSTRACT

ENRIQUEZ, Maribel Deicy Villota. **The Metal Smelters in Colombia and Brazil: A cross-sectional study in Popayán and São Carlos in the CTS. 2017.** 185 p. Dissertation (Master in Science, Technology and Society) – Center for Education and Human Sciences, Federal Univesity of São Carlos, 2017.

The present study aims to describe and characterize the transformations of the handcrafted crafts in metallurgy and goldsmithing in Popayán - Colombia and São Carlos - Brazil, through a transversal study in relation to the trade of the blacksmith and jeweler. It is an interdisciplinary study carried out in the perspective of social studies of science and technology (CTS). Adopting the descriptive methodology, combining techniques of the ethnographic and historical method, in particular the collaborative investigation. Procedures were adopted for documentary analysis: the history of life and the reflective interview for purposes of data collection and empirical research. Seven artisans of both sexes, aged between 38 and 70 years, living in Popayán - Colombia and São Carlos / SP, Brazil, were interviewed. All ethical procedures in human research were observed. To analyze the data, we focus on three axes: the change of the blacksmith and jeweler's office, the life histories of the participants and the characterization of the craft techniques from distant times until today. Considering the significant changes in the surroundings of the craft trades today, the construction of the new social relations of the environment and the artisans is identified and analyzed. The presence of the theme of aging is pointed out, being the craftsman a protagonist of the active aging, whose work carried out during the life is strongly influenced by the technical-technological transformations. Being a craftsman is a profession that takes itself in the continuity of time, but that today is losing the possibility of being transmitted.

Key words: Technology. Blacksmiths. Jewelers. Crafts. Social change. CTS. Aging.

RESUMEN

El presente estudio tiene por objetivos describir y caracterizar las transformaciones de los oficios artesanales en la metalurgia y la orfebrería en Popayán - Colombia y São Carlos - Brasil, a través de un estudio transversal en relación con el oficio del herrero y joyero. Se trata de un estudio interdisciplinario realizado en la perspectiva de los estudios sociales de las ciencias y las tecnologías (CTS). Adoptando la metodología descriptiva, combinando técnicas del método etnográfico e histórico, en particular la investigación colaborativa. Se adoptaron procedimientos de análisis documental de la historia de vida y entrevista reflexiva para fines de la colecta de datos para fines de la investigación empírica. Fueron entrevistados ocho artesanos de ambos sexos con edad entre los 39 y 70 años, residentes en Popayán - Colombia y São Carlos / SP, Brasil. Se observaron todos los procedimientos éticos de la investigación con seres humanos. Para el análisis de los datos, nos centramos en tres ejes: el cambio del oficio del herrero y joyero, las historias de vida de los participantes y la caracterización de las técnicas artesanales desde tiempos lejanos hasta hoy. Considerando los cambios significativos en el entorno de los oficios artesanales hoy, se identifica y analiza la construcción de las nuevas relaciones sociales del entorno y los artesanos. Se apunta transversalmente la presencia del tema de envejecer siendo artesano un protagonista del envejecimiento activo, cuyo trabajo ejercido a lo largo de la vida está fuertemente influenciado por las transformaciones técnico-tecnológicas. Ser artesano es una profesión que se lleva en la continuidad del tiempo, pero que hoy está perdiendo la posibilidad de ser transmitida.

Palabras claves: Tecnología. Herreros. Joyeros. Oficios artesanales. Cambio social. CTS. Envejecimiento.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1– Ferrovia do Pacifico..... | 68 |
| Figura 2 – Estação de São Carlos..... | 69 |
| Figura 3 – Mapa do Departamento do Cauca – Colômbia..... | 71 |
| Figura 4 – Grades ajoelhadas com barras de madeira..... | 76 |
| Figura 5 – Grades de ferro forjado..... | 76 |
| Figura 6. – Escadas de ferro forjado..... | 76 |
| Figura 7 – Balcão de ferro forjado..... | 76 |
| Figura 8 – Grades de ferro redondo..... | 77 |
| Figura 9 – Grades e balaústres de ferro forjado..... | 77 |
| Figura 10 – Janela de ferro forjado..... | 77 |
| Figura 11 – Grades de madeira com balaústres forjado..... | 77 |
| Figura 12 – Oficina “O Cavalinho”..... | 79 |
| Figura 13 – Fatura de pedido de materiais..... | 81 |
| Figura 14 – Publicidade de fechaduras..... | 81 |
| Figura 15 – Publicidade de venda de ferramentas agrícolas 1942..... | 81 |
| Figura 16 – Interior EAOP. Óleo de Arturo Aragón..... | 83 |
| Figura 17 – Rua de São Agustín..... | 86 |
| Figura 18 – Rua do Empedrado..... | 86 |
| Figura 19 – Bairro São Camilo..... | 87 |
| Figura 20 – Bairro o Cadillal..... | 87 |

| | |
|---|-----|
| Figura 21 – Rua da Carniceira..... | 87 |
| Figura 22 – Rua de São Rafael..... | 87 |
| Figura 23 – Rua do Chóco..... | 87 |
| Figura 24 – Bairro Modelo..... | 87 |
| Figura 25 – <i>Portapaz</i> – Oficina Francisco Becerril..... | 91 |
| Figura 26 – Custodia processional..... | 91 |
| Figura 27 – Relicário da virgem com o menino..... | 91 |
| Figura 28 – Caminho do Calvário..... | 91 |
| Figura 29 – Custodia A Bicéfala..... | 93 |
| Figura 30 – Caliz e Custodia de Morales 1617..... | 94 |
| Figura 31 – Detalhe da Coroa da Imaculada..... | 94 |
| Figura 32 – Custódia Popayán..... | 94 |
| Figura 33 – Imagem da Virgem e o mundo..... | 94 |
| Figura 34 – Mapa do São Carlos – São Paulo..... | 96 |
| Figura 35 – Meninos aprendendo o ofício de sapateiro, 1920..... | 98 |
| Figura 36 – Caldeiro de Ogum – Brasil..... | 102 |
| Figura 37 – Interior do LAO – São Paulo..... | 106 |
| Figura 38 – Publicidade do LAO – São Paulo..... | 106 |
| Figura 39 – Publicidade Oficina de ferreiro e carpinteiro..... | 108 |
| Figura 40 – Publicidade de ferragens..... | 108 |
| Figura 41 – Publicidade oficina de relojoaria e joalheria..... | 112 |

| | |
|--|-----|
| Figura 42 – Publicidade oficina de ourives..... | 112 |
| Figura 43 – Alvaro Montilla..... | 117 |
| Figura 44 - Tomás Castrillón..... | 122 |
| Figura 45 – Balcão em ferraria antiga..... | 123 |
| Figura 46 – Balcão em ferraria antiga..... | 123 |
| Figura 47 – Ornamento antigo em porta..... | 123 |
| Figura 48 – Janela ferraria antiga..... | 123 |
| Figura 49 – Grades em ferraria antiga..... | 124 |
| Figura 50 – Caracteristica de ferraria antiga..... | 124 |
| Figura 51 – Braulio Ledezma..... | 125 |
| Figura 52 – Alirio Ledezma carpinteiro..... | 126 |
| Figura 53 – Águias bicéfalas..... | 127 |
| Figura 54 – Iluminaria em ferro..... | 127 |
| Figura 55 – Gustavo Cárdenas..... | 131 |
| Figura 56 – Oficina de Gustavo Cárdenas..... | 132 |
| Figura 57 – Ferramentas oficina de Gustavo..... | 135 |
| Figura 58 – Dilmer Javier Ramos..... | 136 |
| Figura 59 – Oficina de Dilmer Ramos..... | 137 |
| Figura 60 – Dilmer Ramos e seu Ajudante..... | 139 |
| Figura 61 – Carlos Calle..... | 139 |
| Figura 62 – Oficina de joalheria – Andrés Calle..... | 140 |

| | |
|--|-----|
| Figura 63 – Cristina Rodríguez..... | 142 |
| Figura 64 – Técnica de fundição (Cera Perdida). Oficina de Cristina..... | 142 |
| Figura 65 – Oficina de Cristina..... | 143 |
| Figura 66 – Danilo Vivas..... | 144 |
| Figura 67 – Júlio Ramos e Jorge Ramos. Registro familiar..... | 146 |
| Figura 68 – Jorge Ramos na oficina de forja..... | 147 |
| Figura 69 – Porta de madeira com rebites de ferro..... | 148 |
| Figura 70 – Trípode de ferro. Fotografia familiar..... | 148 |
| Figura 71 – Repisa com forja em platina..... | 149 |
| Figura 72 – Baú de madeira com rebites de ferro..... | 149 |
| Figura 73 – Valter..... | 151 |
| Figura 74 – Oficina de joalheria de Valter..... | 153 |
| Figura 75 – Zulmiro Donizetti..... | 155 |
| Figura 76 – Oficina de joalheria de Zulmiro Donizetti Vitor..... | 157 |
| Figura 77 – José Riga Neto..... | 161 |
| Figura 78 – Paulo Torreta..... | 163 |
| Figura 79 – Loja e oficina comercial do joalheiro Paulo Torreta..... | 165 |
| Figura 80 – Técnica de ferrária clássica. Rebite..... | 170 |
| Figura 81 – Técnica de ferrária clássica. Alfinete..... | 170 |
| Figura 82 – Técnica de Cera Perdida..... | 171 |
| Figura 83 – Técnica de Filigrana..... | 171 |

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ferreiros encontrados no Almanack de São Carlos 1894 – 1928..... 99

Gráfico 2 – Joalheiros encontrados no Almanack de São Carlos 1894 – 1928..... 100

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 – Locações de bases referenciais..... | 72 |
| Tabela 2 – Distribuição de trabalho para os presidiários..... | 80 |
| Tabela 3 – Trabalhadores metalúrgicos na Popayán de 1970..... | 82 |
| Tabela 4 – Bairros e ruas de artesãos na Popayán..... | 88 |
| Tabela 5 – Ferreiros e ferrárias no Almanack de São Carlos 1894 – 1928..... | 99 |
| Tabela 6 – Joalheiros e joalherias no Almanack de São Carlos 1894 – 1928 | 100 |
| Tabela 7 – Almanack de São Carlos. Ferreiros encontrados de 1894 – 1928..... | 107 |
| Tabela 8 – Almanack de São Carlos. Joalheiros encontrados de 1894 – 1928..... | 111 |
| Tabela 9 – Perfil dos participantes do estudos..... | 116 |

LISTA DE SIGLAS

AHGC - Arquivo Histórico Governação do Cauca

AHJMA - Arquivo Histórico José María Arboleda

CDP - Centro de Desenvolvimento Produtivo

CTS. - Ciência, Tecnologia e Sociedade

EAO - Escola de Artes e Ofícios

EAOP - Escola de Artes e Ofícios em Popayán

EAOM. - Escola de Artes e Ofícios em Medellín

EI - Escolas Industriais

FETP - Fundação Escola taller de Popayán

LAO - Liceu de Artes e Ofícios

MARP - Museu de Arte Religioso Popayán

SENA - Serviço Nacional de Aprendizagem

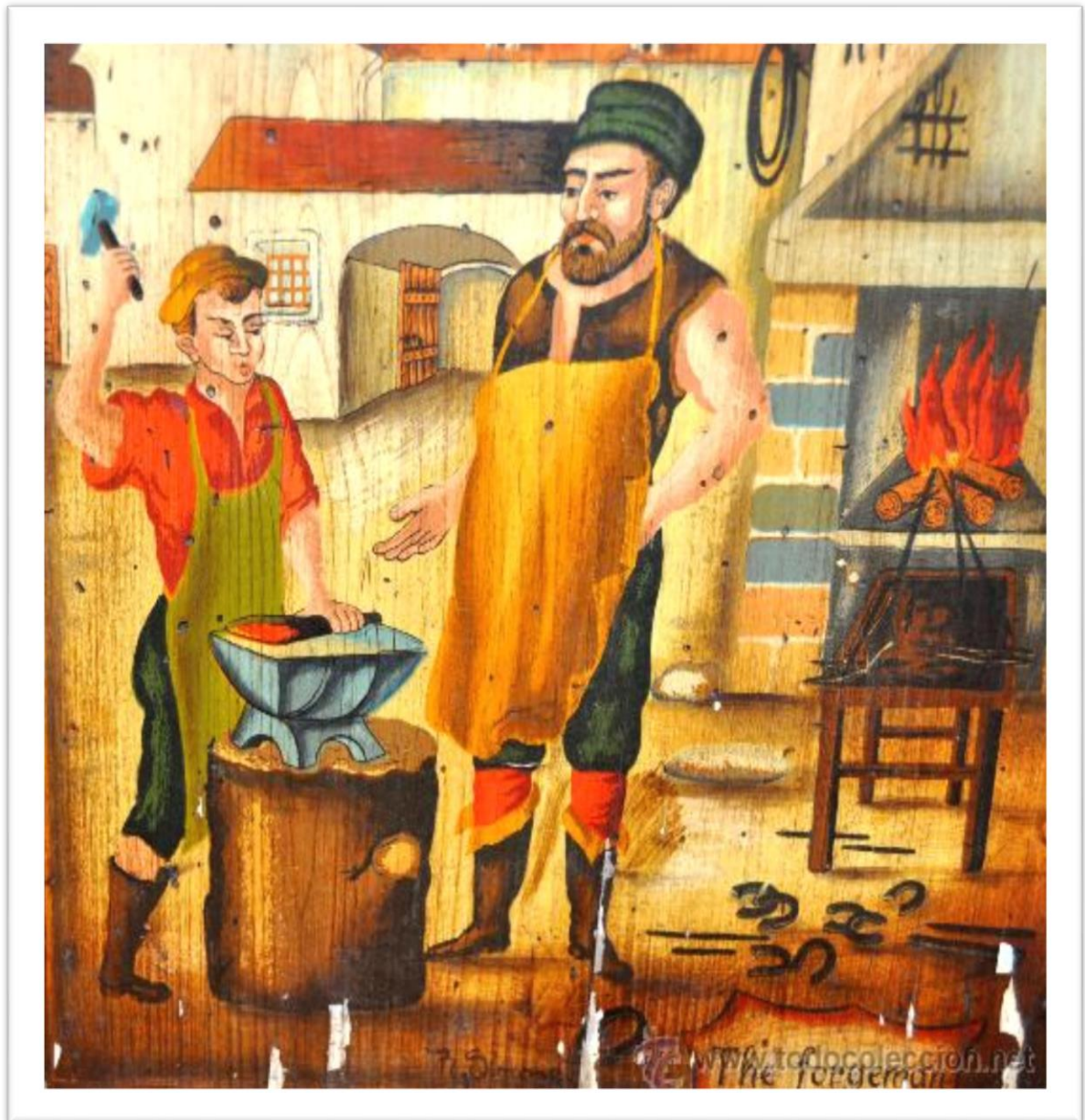
SGC - Serviço Geológico Colombiano

Sumário

| | |
|--|-----|
| Introdução | 25 |
| 1. Enquadramento Teórico | 32 |
| 1.1. A configuração do campo de estudos | 33 |
| 1.2. Delineamentos históricos, teóricos e conceituais do objeto de estudo | 45 |
| 2. Objetivos da Pesquisa | 62 |
| 2.1. Objetivo geral | 62 |
| 2.2. Objetivos específicos | 62 |
| 3. Metodologia | 63 |
| 4. Prelúdio Geral | 67 |
| 4.1. Prelúdio aos Ofícios Artesanais na Popayán, Colômbia | 71 |
| 4.1.1. Popayán: uma Abordagem Colonial desde a Ferraria nos Ofícios | 75 |
| 4.1.2. Popayán: uma Abordagem Colonial desde a Joalheria através dos Ofícios | 89 |
| 4.2. Prelúdio aos Ofícios Artesanais no São Carlos | 96 |
| 4.2.1. São Carlos: uma Cidade Tecnológica através do Ferro | 102 |
| 4.2.2. São Carlos: uma Cidade Tecnológica através do Ouro | 110 |
| 5. Trabalho de Campo Etnográfico | 114 |
| 5.1. Construindo histórias de vida entre Colômbia e Brasil: uma aproximação à arte | 115 |
| 5.1.1. Percepções ao redor dos ofícios: ferreiro e joalheiro em Popayán – Colômbia | 117 |
| 5.2. Percepções ao redor dos ofícios: ferreiro e joalheiro em São Carlos – Brasil | 151 |
| 6. Considerações | 166 |
| 6.1. Considerações Finais | 167 |
| 6.2. Considerações sobre os artesãos na Colômbia e no Brasil: | 168 |
| Referencias Bibliográficas | 172 |
| ANEXOS | 182 |

Me acuerdo de que, en el pueblo donde crecí, en la costa Este de Inglaterra, solía ir con frecuencia a un taller de herrero (del que no queda ni rastro) y me quedaba extasiado contemplando la escena: viejos jinetes patilludos, con los pantalones de pana atados debajo de las rodillas con trozos de cuerda, sujetando sus enormes y mansos caballos holgazaneando por el taller, con las caras encendidas por el resplandor del fuego de la fragua y un chico de mi edad manejando el mango de madera del fuelle. ¡Como lo envidiaba! El sonido del martillo sobre el yunque que parecía una música maravillosa. El fiero silbido que se producía cuando el herrero presionaba una herradura al rojo en la pezuña de un caballo.

John Seymour, 2001



Ex-voto Alemã dos anos 50. Oficina do ferreiro por R. Simonet

Fonte: <https://www.todocoleccion.net/arte-acuarelas/exvoto-aleman-anos-50-taller-herrero-firmado-por-r-simonet~x32689366>

Introdução

Durante muito tempo as transformações de ofícios tradicionais, dentre eles ferreiros, joalheiros, alfaiates, sapateiros entre outros, têm gerado um forte impacto no entorno coletivo dos grupos sociais. Muitos dos artesãos representavam há pouco tempo, o símbolo de progresso das cidades. Mesmo assim, os avanços técnicos e tecnológicos, chegavam aos coletivos sociais, apresentando mudanças nas reconfigurações simbólicas dos ofícios, mudando significativamente técnicas, histórias, lojas e locações de numerosos artesãos. Técnicas, ofícios e oficinas atravessaram com o tempo, um imaginário de relações sociais entre atraso e progresso; noção que influenciou na prevalência dos ofícios no entorno social.

Apresenta-se nesta dissertação, um estudo sobre as mudanças tecnológicas orientado como conceito integral à caracterização artesanal do ofício do ferreiro e joalheiro na Colômbia – Popayán e Brasil – São Carlos. Trata-se de um estudo transversal que se insere no campo interdisciplinar dos estudos sociais das Ciências e das Tecnologias, bem como da antropologia da tecnologia.

O objetivo deste estudo é descrever e caracterizar com base no domínio da técnica manual dos metais, a mudança dos ofícios na metalurgia e a ourivesaria, recorrendo-se a revisão bibliográfica, propiciando um enquadramento teórico, enaltecendo e adotando-se procedimentos qualitativos para obtenção e análise dos dados empíricos, combinando metodologia descritiva e à técnicas do método etnográfico e histórico, em particular, caracterizando assim uma investigação colaborativa entre os participantes do estudo, os quais estabeleceram um diálogo reflexivo do papel destes no entorno e os impactos do desenvolvimento das tecnologias e técnicas.

Desde a segunda metade do século XIX observa-se que a tecnologia passou a ser um tema de estudo importante dentro do âmbito científico. No entanto, o objetivo do conhecimento científico, era a descoberta de leis necessárias, além disso, foi utilizada a metodologia descritiva, combinando técnicas próprias do método etnográfico e histórico, em particular a investigação colaborativa. Na pesquisa empírica, adotou-se procedimentos da história de vida e entrevista reflexiva para fins da coleta de dados. Foram sete os artesãos entrevistados, com idade entre os 38 e 70 anos. Para análise dos dados, nos centramos em três eixos: a mudança do ofício do ferreiro e joalheiro em Popayán e São Carlos construída no tempo, as histórias de vida

dos participantes, e as entrevistas reflexivas sobre a caracterização e descrição das técnicas artesanais desde tempos distantes até hoje. e universais da natureza numa conexão reducionista (MORIN, 2000), aceitando só fatos comprováveis e verídicos. Procurava-se então de acordo com Chalmers e Fiker (1993), um controle tecnológico sobre a natureza, onde o surgimento de diferentes problemas foram aliviados. O mundo acreditava na ciência como uma força hegemônica de ordem e equilíbrio, mas a finais do mesmo século, novas descobertas revelaram incertezas e complexidades próprias de comportamentos da natureza diferentes, a confusão havia chegado, e como a descoberta, uma nova epistemologia mais abrangente.

Neste sentido, reflexões como o caráter complexo da ciência e a tecnologia no desenvolvimento social, deram início a campos interdisciplinares como os estudos em ciência, tecnologia e sociedade (CTS) em meados da década dos sessenta em Escócia e Estados Unidos (BECERRA, 2010). As articulações entre ciência, tecnologia e sociedade, influenciaram um novo espaço de discussão, procurando entender os impactos da ciência na sociedade, participando ativamente no discurso e nos debates. Foi característico de acordo com Becerra (2010), a reflexão em temas como a sociedade industrial da pós-guerra, acidentes nucleares, derramamentos de petróleo, envenenamentos farmacêuticos e o uso de elementos tecnológicos na guerra de Vietnã.

Além disso, sob a influência do modelo Kantiano e os pressupostos de Kuhn (1971) na década dos setenta ao séc. XX, contribuem para reforçar os debates epistemológicos, que surgiram à consequência de reafirmar a ciência, como uma característica dependente da sociedade. As concepções de paradigma proposta por Kuhn (1971) marcam o início de um debate que apresenta ao desenvolvimento das ciências quer dizer, um modelo de representação formado a partir da interpretação geralmente reconhecida de um campo específico e hegemônico. Para Thomas Kuhn, um paradigma representa um modelo de solução que prevalece no tempo para resolver pressupostos próprios de uma comunidade científica. Quando um paradigma universalmente reconhecido muda, aparece outro, o que significa que a construção da ciência é dinâmica (Kuhn, 1971). Qualquer mudança ao interior de um campo, afeta a estrutura do campo.

No campo da antropologia, por exemplo, os estudos dos artefatos técnicos como as inovações científicas e tecnológicas, contribui para entender como o uso dos artefatos técnicos, influenciam numa sociedade específica, ou seja, as tecnologias como elementos de alteração no comportamento do homem. Nesta perspectiva, a produção e meio social dos sujeitos, estão

unidas às representações simbólicas e culturais. Assim, as tecnologias servem como produtos culturais, significados culturais e símbolos de poder, que transcorrem mediante as atividades humanas, onde as soluções tecnológicas podem agenciar condutas sociais, relacionadas diretamente com o desenvolvimento tecnológico (HESS, 1994).

Atendendo ao que precede, somam-se também características simbólicas como a difusão de mitos, ritos e símbolos particulares, próprios de cada grupo social. Nas sociedades antigas, substâncias minerais como por exemplo o ferro, participavam do carácter sagrado de um ambiente histórico-cultural, onde o comportamento do homem, estava influenciado totalmente pelas representações dos objetos (ELIADE, 1974). Figuras simbólicas como o ferreiro, eram agentes difusores de mitologias; ao redor, a forja tinha uma função ritual mágica pelo fogo, e o sujeito ou forjador, era associado a todo tipo de grupos seletos místicos. O fato de ter destreza técnica no manejo de ferramentas tecnológicas por exemplo, estabelecia em uma sociedade, um significado cultural. As tecnologias, participavam como produtos culturais, significados culturais e símbolos de poder.

Hess (1994) afirma, as tecnologias se desenvolvem com as próprias lógicas técnicas dos grupos sociais ou comunidades. Assim, as lógicas culturais ao interior de um entorno e grupo particular; desenvolvem uma tecnologia específica. De igual forma, Morin (2000) também afirma que as particularidades tecidas ao redor dos sujeitos estão permeadas pelas características sociais, políticas, econômicas, biológicas, culturais e tecnológicas. A apropriação técnica de um elemento, ferramenta ou aperfeiçoamento das mesmas, é um fato tecnológico, porém, desde a época antiga não todos os grupos sociais apropriam-se da tecnologia da mesma forma. Na idade dos metais o uso e apropriação do cobre, ferro e bronze, foi diferente para cada grupo populacional, pois seus processos, ações, necessidades, tecnologias e demais, eram totalmente diferentes.

A trajetória que vamos a percorrer com relação aos estudos CTS e a corrente da antropologia da tecnologia, explora as mudanças das técnicas e a transformação de dois ofícios artesanais, que hoje, se encontram atravessados pela ideia de desenvolvimento social e progresso visando subsidiar o presente estudo, uma proposta que propõe caracterizar, a transformação de dois ofícios artesanais: ferreiros e joalheiros, em duas cidades, Popayán – Colômbia e São Carlos – Brasil.

O marco teórico e metodológico do presente estudo pauta-se em autores como Kuhn (1971), Lemonnier (1991), Hess (1992), Chalmers e Fiker (1993), Bazzo (1998), Latour (1994, 1997, 2000, 2005, 2007), Bourdieu (1996, 2006, 2008), Morin (2000), Collins (2002), Bachelard (2004), Santos (1996), Becerra (2010), entre outros. O estabelecimento de um diálogo interdisciplinar com relação à tecnologia visando compreender as mudanças que a mesma a trazido em entorno dos trabalhadores artesanais do metal. Observa-se que estudos dialógicos e interdisciplinares como estes, trazem aportes significativos para entender a mudanças do artesanato, em nosso caso a realidade de dois países - Brasil e Colômbia, sendo recuperado neste estudo também, parte da memória de antigos povoadores e apresentam grande aderência ao campo CTS.

Inicialmente esta investigação explora a metalurgia e ourivesaria na Colômbia e Brasil, com o propósito de pesquisar os antecedentes históricos dos ofícios em cidades como Popayán e São Carlos. Nesta exploração considera-se pertinente aprofundar nas Escolas de Artes e Ofícios (EAO), como instituição de ensino de modalidades de trabalho manual; instruindo a indígenas, afros, estrangeiros e mestiços, nos ofícios cotidianos (VAQUERO, 1946).

Frequentemente as EAO ministravam educação na aprendizagem de uma arte ou ofício, com a finalidade que este fosse um modo de subsistência, transmitindo-se posteriormente a novos aprendizes. As modalidades de ensino em instituições como as EAO, fortaleceram o desenvolvimento das tecnologias artesanais tais como o transporte em bondes de tração animal, ferramentas em ferro para trabalhos agrícolas, ferraduras, e outros tipos de tecnologias próprias da época.

Na Europa particularmente na França, foram conhecidas nos séculos XIX e XX, as *Écoles d'Arts et Métiers*. Seu trabalho e participação no contexto geral, transformou o entorno social e cultural da vida cotidiana das pessoas. Muitas das EAO hoje são recuperadas e imortalizadas como patrimônio histórico. Assim são conhecidas atualmente centos de ruas, avenidas e lugares que levam o nome, sobrenome, pseudônimo ou ofício, de diferentes artesãos que ficaram períodos longos de tempo em locais específicos. É uma característica dos grêmios de artesãos na Europa, a aglomeração de ofícios por bairros, pois era comum olhar trabalhadores de um mesmo ofício em um só bairro. Além disso, na Espanha os artesãos chamados '*Chispas*', receberam o pseudônimo de seus antigos vizinhos do bairro '*Maravilha*' de Madrid, pelos numerosos ferreiros que moravam lá (CAZENAVE e ESPINAR, 1944).

Na Colômbia o ensino de ofícios nas EAO, estava a cargo em maior parte por comunidades religiosas, querendo ampliar a cobertura dos manuais educativos, desenho e produção de máquinas, utensílios, criação de infraestrutura e estabelecimento da especialização (MAYOR et al., 2013). Não obstante as EAO não duraram muito tempo, pois a formação não conseguiu competir com as universidades, perdendo importância social e interesse entre a população (SEYMOUR, 2001). De acordo com Wallerstein (1996), a necessidade de um estado moderno desencadeou novas categorias que todavia tinham definições e fronteiras incertas, tornando a Universidade a finais do século XVIII, a maior fonte de conhecimento.

Com o desenvolvimento das cidades seguiu o seu curso e as tecnologias clássicas mudaram também as tecnologias mais eficientes, o que provocou uma alteração nas atividades manuais dos artesãos. Associa-se ademais as transformações das atividades artesanais à consolidação de novas indústrias. Atendendo o conceito de desenvolvimento em cidades como Popayán e São Carlos, percebe-se que as dois começaram a diferenciar ideias como progresso e atraso; imaginário que já vinha tecendo-se desde conceitos como civilização e barbárie (MARTI, 1992). Produtos de diferentes tipos em grandes proporções, deslocaram vários dos objetos que eram feitos artesanalmente. O deslocamento de novas tecnologias e produtos, foram transformando as técnicas manuais excluídas do imaginário social.

Os ofícios transformaram-se e em alguns casos, como os joalheiros, sapateiros, alfaiates, ferreiros, e outros pressupõe-se que estes misturaram as técnicas clássicas com as novas técnicas contemporâneas, voltando em alguns casos assim mais eficiente seu trabalho. A compra de ferramentas e maquinarias novas, somado à qualidade de seu produto, fizeram que uma grande parte deles conservassem sua clientela. Não obstante, muitos abandonaram seus ofícios e oficinas as consequências de falta da clientela e à não transmissão do ofício. O tempo destinado a fazer uma peça ou produto, também teve um papel importante, pois geralmente, as técnicas clássicas demoram mais tempo de trabalho que as técnicas contemporâneas.

As mudanças das técnicas e ferramentas tecnológicas dentro dos ofícios artesanais ainda hoje, continuam gerando todo tipo de relações ao redor de suas práticas de trabalho. A comercialização de seus produtos em lojas, armazéns e demais, faz parte também das estratégias de preservação de um ofício, de fato muitos artesãos hoje desenvolvem só atividades de vendedor. Na cidade de Popayán, por exemplo, vários locais de joalheria estão dedicados à indústria comercial, desse jeito a maior parte das joias já não são feitas manualmente, senão mais bem, são compradas e distribuídas para logo ser vendidas.

Salienta-se que atualmente a categoria social de artesão pode gerar um “status social desonroso” até os mesmos trabalhadores sentem repulsão de ser identificado como artesãos, suscitando para eles uma categorização pejorativa desagradável o que em nosso entender é um potencial fenômeno-objeto de estudo. Na cidade cearense no Brasil (GLOBO, 2012) por exemplo ficam ainda nas ruas ferreiros, setenta famílias em Potengi Baixo, se encargam durante 15 horas no dia de produzir diferentes tipos de ferramentas. Forjar é para eles uma necessidade diária, para resolver suas necessidades econômicas. Nesta perspectiva, a maioria de trabalhadores concorda que a profissão de ferreiros, “não merece ser digna de ser aprendida ou herdada, menos a seus filhos”; contudo, uma grande parte deles estão aprendendo o ofício de seu pai em oficinas, estratégia que utilizam para subsistir.

Observa-se no caso dos ferreiros de Potengi, um “imaginário social moderno” com reflexos europeus, cujos ofícios são apresentados com relação a fatos de valor simbólico, social, econômico e cultural, gerando um discurso de desconforto e incomodidade até por parte dos mesmos artesãos. Salienta-se que a ideia de progresso tem impactos nas lógicas sociais, relação onde o nível tecnológico é materializado como progresso dentro do ambiente social, gerando-se uma ideia errada respeito de outros tipos de tecnologias, que descrevem nesta perspectiva, o passado. As representações de desenvolvimento social em termos de Magallón (2012) e Quijano (1988), atravessam as mentalidades das pessoas.

A Colômbia e o Brasil tiveram artesãos notáveis em diferentes tipos de ofícios. As oficinas artesanais representavam a imagem de progresso da época. Era habitual que nas próprias casas dos artesãos, ficassem suas próprias oficinas. O local onde ficava a oficina era um entorno social popular quase que conhecido por todos os habitantes, sobre tudo de cidades pequenas. De fato, muitos artesãos tiveram uma forte influência social, histórica e econômica para o desenvolvimento das cidades. Poemas, livros, textos de reconhecimento e homenagens, tem sido feitos para ressaltar a importância dos artesãos nestes locais. No texto de Santa (1998, p.7) se faz alusão com nostalgia aos ofícios antigos,

Eles já não vão mais a decorar com sua presença as ruas de nossas pequenas cidades e povoados. Eles se foram com os tempos, silenciosamente, sem despedir-se sequer de uma forma inadvertida, como vão se despedindo as folhas de seu cor cotidiana, enquanto os dias passam.¹

¹ [Ellos ya no volverán a decorar con su presencia las calles de nuestras pequeñas ciudades y poblados. Se fueron con los tiempos, silenciosamente, sin despedirse siquiera de una manera inadvertida, como se van despidiendo las hojas de su color diario, a medida que pasan los días]

As histórias dos artesãos que se apresentam a continuação fazem parte de um trabalho que propõe reconstruir fatos, mudanças e características da importância dos artesãos numa sociedade em mudanças. Nesta direção esta pesquisa recorrerá à história de duas cidades: Popayán - Colômbia e São Carlos – Brasil; atravessadas pelo contexto latino americano, que evidenciam especificidades sócio-históricas e culturais. Destaca-se ademais, a colaboração de familiares de artesãos que já morreram, escolhendo participar da investigação como uma homenagem e apresentação a sua memória.

Apresenta-se neste estudo aspectos relevantes sobre o trabalho artesanal dos ferreiros e joalheiros em Colômbia e Brasil que analisa a mudança das técnicas dos artesãos dimensões e aspectos que evidenciam a perda da tradição e a transmissão do ofício, o fechamento de locais de trabalho a causa da clientela, a inserção dos artesãos no entorno comercial, os apêndices, e finalmente o tema de envelhecimento e morte ao final de uma vida dedicada ao trabalho manual. Emergente do empírico, evidenciando a importância de novos e mais aprofundados estudos sobre trabalho, tecnologia e envelhecimento (Pedro, 2017). Se enfatiza em dos ofícios: ferreiros e joalheiros, com a intencionalidade de caracterizar e descrever o trabalho manual dos artesãos que trabalham com metais, sendo este elemento simbólico para o desenvolvimento das tecnologias.

1. Enquadramento Teórico

O enquadramento teórico que se apresenta, pretende estabelecer subsídios para um diálogo entre fontes teóricas e conceituais acerca da técnica e tecnologia. O campo CTS e a corrente da antropologia da tecnologia servirão então de reflexão, na procura por aproxima-nos às mudanças tecnológicas que os artesãos: ferreiros e joalheiros tem experimentado nas últimas décadas no contexto investigado.

Nesta direção todas as análises teóricas e conceituais que se abordaram, tentarão estabelecer um diálogo reflexivo entre as mudanças sociais e as técnicas, entendendo-se como técnica “o enigma que comanda, impõe e administra nossas relações no entorno” (Santos, 1996). A ciência e tecnologia os estudos sócias da ciência e da tecnologia serão a base mesma da reflexão, suscitando um diálogo epistemológico encaminhado à reconfiguração da relação ciência - tecnologia - sociedade.

1.1. A configuração do campo de estudos

A construção das ciências e os fatos científicos no mundo são construídos através de discursos que muitas vezes separam a noção social dos debates tecnológicos; contudo, “a história do homem sobre a terra é a história de uma rotura progressiva entre o homem e o entorno. Esse processo se acelera quando, praticamente ao mesmo tempo, o homem se descobre como indivíduo e inicia a mecanização do Planeta” (SANTOS, 1996, p. 5). Vivemos num mundo cheio de aspectos decorrentes das transformações das ciências e das tecnologias, mas no que dificilmente podemos confiar (BAZZO, 1998), um mundo acessível, mas distante, reconfigurado continuamente desde o presente. A ciência tem transformado nossas lógicas e comportamentos, direcionando-nos em avançada rumo à tecnologia, mudando assim até nossas próprias percepções sensíveis do mundo (Villota, et al, 2017).

Toda uma bagagem teórica o conceito de ciência e tecnologia. De fato e de acordo com Santos (1996), desde o início dos tempos, cada grupo humano construía e inventava através de seu próprio espaço, técnicas e elementos particulares indispensáveis para sua sobrevivência, usando tecnologias de trabalho que com o tempo, se foram concertando em meio das necessidades e relações coletivas. Estamos inclusos no conceito tecnológico, uma relação que se estabelece e se incentiva continuamente quando nos encontramos de frente com a tecnologia, parte fundamental da vida humana, onde o meio ambiente construído de forma particular meio – técnica, se diferencia pela carga maior ou menor de ciência, tecnologia e informação, segundo regiões e lugares (Santos, 1996).

Contudo, existe ainda hoje, uma reflexão hegemônica sobre ciência e tecnologia, que se incentiva através de discursos positivistas afastado da realidade social. Nesta direção, surge a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio, uma reflexão objetiva acerca da ciência, desde um posicionamento social e humano. Ciência e tecnologia se constroem de forma ‘neutral’, na medida em que se estabelece um diálogo permanente. A finalidade desta reflexão é necessária, na medida em que se estabelecer um diálogo entre ciência e sociedade. Neste sentido então está será nossa rota, pois todos nós participamos da tecnologia na aproximação daquilo que Winner (1987) citado por Bazzo (1998) chamou ‘simbolismo tecnológico’, uma ideia de desenvolvimento social que empezou a construir-se a partir da Revolução Industrial.

As contribuições epistemológicas da década dos anos de 1970 nas ciências sociais, enfocadas no debate crítico dos avanços científicos predominantes na Europa e Estados Unidos, colocou ao descoberto a reflexão dos acontecimentos propostos dentro do enfoque da linha do tempo do conhecimento (WALLERNSTEIN, 1996). O enfoque hermenêutico mostrou-se um panorama reflexivo em termos do impacto social e cultural das disciplinas, ressaltando-se as contribuições da epistemologia. O modelo Kantiano e em parte a reflexão de Kuhn (1971), contribuíram para fortalecer os debates sobre os avanços científicos que surgiram a consequência de afirmar nossa dependência aos usos tecnológicos.

A perspectiva epistemológica de Kuhn (1971) mostra-se uma reflexão acerca da ciência formal como constructo histórico, imerso em diferentes tipos de paradigmas. Nesta perspectiva, cada campo científico ou do conhecimento tem seus próprios paradigmas, fortalecendo o campo específico ao qual pertence. As ciências não têm certezas nem verdades absolutas, pois cada campo se encontra em contínua construção, tendo também incertezas e inseguranças. Não existe assim uma única forma de organizar conceitualmente as experiências, posto que todos os fatos das ciências estão sempre carregados com teoria e seu desenvolvimento não é lineal nem acumulativo. O desenvolvimento da ciência ademais tem anomalias que se resistem a ser esclarecidas mediante o uso de paradigmas, passando logo ao campo da ciência extraordinária, analisa Kuhn (1971).

Contemporaneamente, observa-se uma forte crítica sobre o conhecimento científico e a construção do conhecimento científico a partir da legitimação da ciência. Nas reflexões a ciência não simboliza uma única solução verdadeira para melhorar a vida cotidiana das pessoas, não sendo uma única verdade absoluta nem irrefutável. Esta foi a intervenção da filosofia da ciência, para responder a debates como as experiências tecnológicas e a participação do conhecimento científico frente à transformação do acelerado ritmo social (BAZZO, 1987). Aportes como estes, orientaram o pensamento crítico frente a valores científicos, culturais, morais e espirituais, que começaram a formar um conceito neutral, integral e dialógico na construção teórica e conceitual entre ciência, tecnologia e sociedade.

De acordo com Becerra (2010) uma importante característica deste período, foi a reflexão epistemológica sobre as sociedades industriais do pós-guerra, acidentes nucleares, derramamentos de petróleo, envenenamentos farmacêuticos e o uso de desenvolvimentos tecnológicos. Procurava-se uma visão neutral que integrará à ciência em uma discussão com a sociedade. Assim se formaram campos interdisciplinares capazes de discutir sobre este possível

diálogo. Na Europa por exemplo, se iniciou a abertura de programas como sociologia da ciência e na América ao Norte, surgiram programas ao redor da ciência e a tecnologia que se organizaram por primeira vez como campo autónomo nas universidades de Harvard e Cornell (BECERRA, 2010).

Em contrapartida apareceram autores como Bauman (2013), Lévy (1996), Schaff (1992), cujas reflexões sobre os impactos de meios tecnológicos como os sistemas da informação e demais, geravam a desconstrução da igualdade e o início de uma sociedade panóptica na procura do controle social. De acordo com estes autores estávamos assistindo à transformação de um mundo mais convulsionado e moderno, onde já não existia confiança nem tranquilidade em nenhum lugar. As tecnologias mudavam assim comportamentos, noções, percepções e estruturas simbólicas, que deviam ser analisados, já que involucravam uma transformação radical da construção da maioria das relações sociais.

Na perspectiva CTS e a sociologia da ciência destaca-se também as contribuições de Pierre Bourdieu, sociólogo francês que apresenta noções teóricas mediadoras para este estudo, como *habitus*, *campo* e *sentido prático*, propondo uma ruptura do paradigma estruturalista de Lévi Strauss e o estruturalismo marxista.

A ciência para Bourdieu (1996) é uma atividade que se engendra entre as disposições reguladas de um *habitus* científico, e a necessidade de incorporar um produto dentro de um campo científico e as limitações estruturais do tempo. Assim, um espaço de posição social era um espaço de disposição (*habitus*); um sistema de separações definidas que abrigavam posições diferentes, construídas como intermediações de capacidades geradoras; em suma: “*um conjunto sistemático de bens e propriedades vinculantes entre si por uma afinidade e estilo*” (BOURDIEU, 1996, p. 21).

Bourdieu (2008) caracterizou a estrutura e funcionamento do campo de produção erudita respeito do campo da indústria cultural, descrevendo mediante a legitimidade propriamente artística, a consagração de uma obra intelectual. A circulação dos bens simbólicos dentro do campo da indústria cultural; seguia a lógica pela conquista do mercado, em particular, as condições económicas e sociais de sua produção. Esta relação é similar ao que acontece com os produtos que são qualificados como bons e de utilidade, frente à representação de objetos que não tem a mesma representação na área do mercado. Consagra-se então uma representação técnica e social respeito do tipo de valor simbólico que apresenta e também uma ideia que, ao

não ser transformada, gera adesão e pertinência, defendendo as ideias próprias do ritual.

Bourdieu também ressalta a importância da orientação das práticas científicas através de conceber o universo como um laboratório fechado e insolado. Para Bourdieu (2008, p. 51): “o laboratório é um microcosmo social situado num espaço que abrange outros laboratórios constituídos de uma disciplina”, neste sentido, a noção de campo, marca uma primeira ruptura com a visão interacionista a conta da estrutura e das relações objetivas entre os laboratórios e os investigadores que acomodam u orientam as práticas. Ainda para Bourdieu (2008), uma segunda ruptura provável se dá com base à visão relacional e estrutural que se associa à filosofia da ação, onde os investigadores são pessoas calculistas e interessadas, mas nos benefícios sociais, que em realizar verdadeiras descobertas.

A demarcação de um campo científico como um campo de forças dotado de uma estrutura e espaço, delimita a estrutura do campo, seja sobre a produção científica ou sobre as práticas cientistas (BOURDIEU, 2008). Nesta relação, a força de um agente depende de seus triunfos, fator de diferencia que pode garantir uma vantagem respeito aos demais, dependendo também do volume e a estrutura do capital que possua o campo. Bourdieu salienta, que “O capital científico é uma espécie particular de capital simbólico, capital fundado no conhecimento e no reconhecimento” (Bourdieu, 2008, p. 53). O campo dessa forma é um espaço igualmente de conflito, um campo de ação socialmente constituído, no que os agentes dotados de diferentes recursos se confrontam para conservar ou transformar, as relações de força vigente.

Pode observar-se, portanto, que a construção da realidade imersa de cada campo, é um ato impetuoso, agressivo e violento, que nega e anula continuamente, outros tipos de realidades subsequentes. Em termos gerais, as práticas científicas são sistemas de disposição base, inconsistentes e transponíveis que tendem a ser generalizados (BOURDIEU, 2008), pois habitualmente assumem formas particulares, de acordo com as especialidades de cada campo. Esta reflexão nos permite entender mais claramente, que *habitus* se insere como princípio general de ação ou princípio específico de diferenciação, orientando assim as ações de uma categoria particular. Todo o anterior se cria, num campo científico onde os cientistas têm em comum características e aspectos que os unem; separam, dividem e opõem, dependendo seus fins.

Destaca-se ainda dentro dos aportes teóricos de Bourdieu, as análises acerca do mecanismo estruturalista que reduzia o papel dos sujeitos a só executores de uma estrutura dominante (BOURDIEU, 2006). Resultaram análises como a reprodução das desigualdades sociais, os espaços sociais e simbólicos, os campos de produção cultural, educação, comunicação e modos de vida, tornando-se crítico respeito às dependências materiais e simbólicas que agem numa sociedade (BOURDIEU, 1990). Bourdieu é fortemente criticado por propor temas como à desigualdade social em relação com a dependência de fatores históricos, econômicos e de escolaridade.

Ressalta-se também o trabalho do etnólogo francês Marcel Mauss na relação técnica – corpo. Em suas análises sobre a técnica se contrastam com as formas de aprender gestos, posturas e movimentos. Para Mauss (1971), a relação movimento – técnica implicava um processo social dado a partir de formas adaptativas, socioculturais, ligadas a atos religiosos, ritos, formas de comunicação e demais. Neste sentido a técnica necessariamente é um ato eficaz tradicional, onde não existe técnica nem transmissão, enquanto não exista tradição. Os hábitos do corpo são para Mauss (1971), uma técnica que se ensina e cuja evolução não está determinada, de fato, *habitus* foi um termo que Mauss caracterizou antes que Bourdieu reelaborara o termo. Contudo, Mauss foi fortemente criticado pela ambiguidade da relação entre atos, gestos e movimentos, ao não considerar improntas ideológicas impostas na sociedade.

Para contrapor os aportes de Bourdieu, destaca-se aspectos do pensamento do filósofo, sociólogo e antropólogo Bruno Latour. Delimita se nesta investigação alguns conceitos de Latour que nos aproxima da linha da antropologia da tecnologia.

De acordo com Latour (2000), para estabelecer um análises no campo de estudos em ciência e tecnologia, é necessário aprofundar na re-descrição da explicação social, dando um lugar mais amplo e ativo às objetos e entidades não-humanas, como símbolos de representação social.

Consideram-se então facultativos elementos comuns que explicam os comportamentos da vida humana, comportamentos incorporados a elementos como no caso do semáforo que ordena o trânsito, entre outros. Encontra-se assim uma relação interessante onde o social deve ser explicado antes de explicar, identificando fatores sociais para definir aspectos sociais (LATOUR, 2005).

Para Latour (2005), as análises sociais acerca de uma visão particular dos objetos, devem estar unida pela relação simbólica que os conecta. Assim, homem e não-homem se aceitam como unidade para estabelecer uma descrição de um evento particular. Para Latour, a contemporaneidade gera uma separação conceitual entre natureza e mundo humano, onde a natureza carente do humano constrói outra política da realidade. (DE GRANDE, 2013). A construção social então é uma soma de relações entre os humanos, e não-humanos que participam e se transformam para elaborar outros fatos.

O método etnográfico integra também a relação da construção social, incluso no âmbito das práticas científicas. Latour (2005) descreve por exemplo, seu ingresso no laboratório no Instituto Salk, partindo de ferramentas de descrição, caracterização e análises, que propõem uma aproximação ao conceito de lugar: exposição de um mundo aberto e abrangente e não fechado nem contido. A descrição de Latour, sobre a atividade científica do laboratório, revela um sistema cultural de integração social.

Desenvolve análises das relações entre a ciência, tecnologia e sociedade a partir da discussão teórica-conceitual do que denomina teoria *ator-rede*. Esta teoria mostra sua inquietação desde o dualismo sociedade – natureza até a relação que estabelece o indivíduo, com os elementos ou objetos (LATOUR, 2005).

A teoria de *ator-rede* importa-se pelos processos de relações sócio técnica e das representações de elementos heterogêneos. Desta forma o material faz parte do social, gerando formas de relacionamento a partir de um conjunto de associações interconectadas, ao mesmo momento, que se lhe atribui um significado particular em meio das relações entre objeto e humano.

É preciso assim sair do conforto intelectual, para poder estudar as crenças abertas e incertas com base na ciência de uma forma mais relacional, fazendo um estudo possível do entorno desde o que é falso ou verdadeiro; científico o pré-científico, central ou periférico, presente ou passado, sem que o objetivo central, seja quais são os vencedores ou vencidos. A luta entre o antigo e o moderno, faz também referência ao mundo contemporâneo, como uma construção social que se se torna eficaz para chegar às sociedades, à meta do desenvolvimento e progresso.

Analisando a modernidade nesta perspectiva percebe-se uma passagem do tempo, um novo régimen, aceleração e ruptura que se encontra sempre na briga dos ganhadores e

perdedores (LATOUR, 1997). Em termos de Bachelard (2004) o pensamento científico é trazido em direção a ‘construções’ metafóricas; onde a ciência se opõe à opinião. Procura-se então em termos de Latour e Woolgar (2007, p. 26):

Abrir u°m caminho diferente: aproximar-se da ciência, *contornar* o discurso dos cientistas, familiarizar-se com a produção dos fatos e depois voltar-se sobre si mesma, explicando o que fazem os pesquisadores, com uma metalinguagem que *não deixe nada a dever* à linguagem que se quer analisar. Em resumo, trata-se de fazer o que fazem todos os etnógrafos, e de aplicar à ciência a deontologia habitual às ciências humanas: familiariza-se com um campo, permanecendo independente dele e à distância.

Os cientistas nesta perspectiva fazem suas ciências, discursos, éticas, políticas e críticas, ao redor de um mundo familiarizado com as ciências. É por este motivo, que os estudos antropológicos, tem lugar na interpretação de essa flexibilidade que se experimenta, ao construir uma noção de ciência. A construção social das ciências depende do observador, os fatos que o envolvem, a aproximação dele no meio, os participantes ou sujeitos de estudo, entre outras variáveis. Neste aspecto, é um erro acreditar por exemplo, que um bacharel em ciências exatas, pode falar com maior propriedade sobre um mundo particular de pesquisa, que um observador que se imiscuiu durante alguns anos, pois este é um preconceito derrubado (LATOUR, 2007).

Postula-se assim etnografia, como uma relevante estratégia de trabalho descritivo que aporta desde a pesquisa dos informantes, elementos norteadores das mudanças. O trabalho de Latour (2007) aproxima aos pesquisadores como informantes através da descrição do método etnográfico, olhando o conhecimento desde o território e depois na relação com a rede, onde a mudança é contínua; colocando à ciência, ao descoberto do laboratório. Nesta direção, “os fatos científicos são constituídos, mais não podem ser reduzidos ao social” (LATOUR, 2007) pois no contexto cultural e selvagem é quase impossível estudar de forma justa e acertada, um contexto que pertencente a outras culturas e outros lugares.

Voltando-se para a modernidade, faz-se necessário então acudir a ferramentas antropológicas para construir uma antropologia da ciência que repense e reavalie as relações de existem na sociedade moderna. Esse modernismo se projeta no despertar de um passado inteiro, que representa a reação anti-moderna de espírito racional entre a verdade e sociedade. No caso dos pós-modernos, as abstrações modernas são tomadas como reais em contraste com a aproximação não moderna entre a ciência, tecnologia e sociedade (LATOUR, 1994, p. 15):

A modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas.

Ainda assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. Através do adjetivo moderno, assinalamos um novo régimen, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras “moderno”, “modernização” e “modernidade” aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável. Além disso, a palavra encontra-se sempre colocada em meio a uma polémica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores.

Estamos situados no interior das instituições científicas, arrojados a participar como engenheiros, filósofos ou especialistas, no que Latour (2007) chamou ‘a *rede*’, uma noção reflexiva do sistema, mais histórica que a estrutura e mais empírica que a complexidade. A reconstrução de um discurso integral da humanidade respeito à modernidade, deve ser analisado da mão com a participação ontológica e em companhia das práticas – *redes* - que criam a noção entre géneros, de seres inteiramente novos, híbridos de natureza e de cultura.

Tomando-se como ponto de partida a reflexão da ciência e tecnologia na sociedade, ressalta-se no âmbito da antropologia da tecnologia, trabalhos clássicos sobre diferentes correntes e perspectivas evolucionista, funcionalista, materialismo cultural, dentre outras.

No *evolucionismo* destaca-se os planeamentos de Morgan e Taylor com relação aos estágios evolutivos chamados selvagens, barbárie e civilização, – em etapas que se confundiam frequentemente com o progresso. Uma sociedade transitava por estes estágios através de um padrão linear, onde o domínio do homem sobre a natureza tinha graus evolução. Técnicas e tecnologias então jugavam um papel determinante para demonstrar superioridade, incluso as ferramentas utilizadas dependendo do tipo de material em que dito instrumento era elaborado, adquiriam um valor específico em relação com o progresso.

Dentro do *funcionalismo* destaca-se igualmente o aporte de Malinowski (1974). Para ele as necessidades do homem, se baseavam em instituições: grupos particulares com funções, organização e status específicos. No caso das técnicas e tecnologias, estas eram ferramentas relevantes para estabelecer uma instituição. Neste sentido, todos os elementos constitutivos de uma sociedade, desempenhavam uma função particular, de forma que os artefatos tinham um valor proporcional às relações sociais e à funcionalidade que se tecia no grupo (MALINOWSKI, 1972). Dito de outro modo, cada elemento existente ao redor de um grupo social, é indispensável para esse grupo social.

Malinowski (1972) confere à construção de canoas pelos indígenas nas Ilhas Trobriand, uma relação com a magia através do conhecimento empírico do material, a tecnologia e certos princípios de estabilidade e hidrodinâmica. Para ele, os indígenas entendem a relação do espaço

do pescador em afinidade com a estabilidade da canoa, sem necessidade de medidas de longitude, inclusive podem explicar em termos próprios, o comportamento mecânico na eventualidade de uma tempestade ou movimento de corrente específico. Mostra-se à tecnologia nesses termos, afastada do conhecimento científico, perto da construção social, mas afetada pelo encantamento subjetivo da representação cultural. Contudo, Malinowski (1972) foi severamente criticado por ponderar o funcionalismo radical e suprimir a história dos análises antropológicos.

No *materialismo cultural*, encontramos também trabalhos como o do antropólogo Marvin Harris, para quem os fenômenos sociais podem ser referidos pela conduta das pessoas e seus pensamentos e emoções. Nesta direção existem dois tipos de investigação: a que desprende da perspectiva interna das pessoas, chamada *emic*, e a descrição externa do observador denominada *etic* (HARRIS, 2001). Para explicar então pautas culturais diferentes, devem identificar-se fatores materiais pertinentes aos acontecimentos humanos, outorgando uma identidade social.

Práticas culturais de acordo com Harris (1998) como a paixão na Índia pelas vacas, parece absurdo aos observadores familiarizados com técnicas industriais de agricultura e ganadeira. Um especialista, poderia pensar por exemplo em estratégias adequadas para fazer uma melhor utilização dos recursos; não obstante, este tipo de lógica se contrapõe à lógica cultural do objeto ‘vaca’ como sagrada. Apresenta-se assim a tecnologia como uma singularidade cultural e social, onde a tecnologia faz parte da infraestrutura relacionada com os modos de produção, as formas de subsistência, os ecossistemas e o trabalho; outorgando valor às relações dos sistemas socioculturais.

Dentro da corrente do *particularismo histórico*, destaca-se também o trabalho de Margaret Mead na Aldeia de Tamburan sobre o rio Sepik na Nova Guiné. Mead (1971) contrasta dentro de suas notas etnográficas, a relação tecnológica dos jovens a respeito de ferramentas de uso no mesmo contexto, mas em diferentes tempos. A comparação com base na apropriação tecnológica percebida na primeira visita à Aldeia e 29 anos depois, da conta das trocas geracionais ao redor de um entorno social que se transforma. Apresenta-se nesta perspectiva do uso das tecnologias e a apropriação tecnológica, uma relação geracional sujeita às mudanças da época. Este fato é mais perceptível, quando a primeira visita de Mead à Aldeia, alguns jovens pedem para ela uma faca e 29 anos depois, um gravador.

De acordo com estudo bibliográficos feitos por Tocancipá (2006), o termo de tecnologia se refere principalmente a três questões: a primeira faz parte do tecido da sociedade e a cultura onde se produz; a segunda, faz parte do papel que tem nos grupos humanos, é dizer do aspecto significativo que vincula a tecnologia dentro dos processos de mudança social, processos adaptativos, entre outros; e terceiro, os recentes câmbios ao redor dos processos de globalização que apresente novas reconfigurações, relações que empezam a reclamar um abordagem ao conceito da tecnologia, mais integral e crítico.

Todos os enfoques teóricos abordados até aqui, propiciam entender a temática da tecnologia como objeto de estudo ao redor dos grupos sociais, nos dois primeiros aspectos que indica Tocancipá (2006). Evidencia-se nestes campos teóricos: mudanças, apropriações, transformações, técnicas, relações geracionais, símbolos e demais, que nos aproximam à conceituação do termo da tecnologia, imersos nas relações humanas. Nessa relação se apresenta a continuação, uma aproximação ao terceiro enfoque referido por Tocancipá (2006), onde o conceito de tecnologia será analisado.

Recentemente, vários aspectos com relação ao conceito de tecnologia têm sido abordados desde um enfoque integral. Mudanças sociais, políticas, culturais e econômicas são descritas em afinidade com o surgimento de novas tecnologias, suscitando uma reflexão dos impactos tecnológicos em contextos sociais e culturais fortemente afetados pelos avances científicos. A tecnologia assim, há significado um agente de mudança na vida moderna e suas estruturas sociais, transformando as ocupações e relações em diferentes tipos de noções e perspectivas (BELL, 2000). Nesta direção, a integralidade tem conseguido dilucidar ao unísono com outros enfoques interdisciplinares, a noção de tecnologia como um conjunto de distinções próprias capazes de estabelecer um relacionamento.

A integralidade pode olhar-se desta forma como a composição de um todo, sendo a tecnologia, um tecido de relações e distinções essenciais que compõem uma noção própria. Ingold (2000) propunha que o desenvolvimento da tecnologia devia voltar-se a reconsiderar desde a importância da fabricação de ferramentas como índice de diferenciação humana, estabelecendo-se nessa reconfiguração, uma relação entre tecnologia (arte) e linguagem. Uma análise sobre a reflexão que articula o enfoque de Ingold (2000), pode-se olhar que sua proposta repousa sobre a noção de integralidade, ao considerar os artefatos como índices de significados dentro de uma sociedade específica.

A ideia de que tecnologia não implica só a associação de máquinas e artefatos que funcionam marginados dos aspectos ligados com o conhecimento é compartilhada por cientistas (FERNÁNDEZ et al., 1998), destacando o fluxo de relações materiais na procura por entender os relacionamentos que a tecnologia tece ao redor dos aspectos sociais. Neste sentido e seguindo a Creswell (1994, apud TOCANCIPÁ, 2006) a tecnologia pode ser percebida como o estudo das atividades empreendidas pelos homens, para adquirir e transformar os elementos do mundo natural, onde ditas atividades compreendem saberes, saber fazer, gestos, ferramentas e relocações que são assim técnicas sociais.

Em termos de Tocancipá (2006) trata-se de analisar então os diferentes *locus* de enunciação, nos que os grupos humanos desenvolvem seus próprios meios tecnológicos com alcances e conseqüências. Sistemas tecnológicos e representações sociais então devem integrar-se a partir de processos tecnológicos como energia, objetos, gestos e movimentos, estabelecendo relação com conhecimentos específicos que constituem uma representação social (LEMONNIER, 1992). Para Fernández et al. (1998) a tecnologia é um sistema aberto em constante interação com seu entorno; um espaço com limites em expansão, que se conjuga com um número infinito de partes para acoplar-se depois formando um abanico de alternativas.

Na perspectiva sociológica destaca-se o trabalho de Castells (1997) na década de 1990 a partir do desenvolvimento tecnológico, económico e social na era das tecnologias. Para Castells (1997), tais transformações produziram mudanças na comunicação, permitindo estabelecer novas identidades. De esta forma a tecnologia não determinava a sociedade, nem tampouco a sociedade seguia o curso do cambio tecnológico, dependendo só de um complexo modelo de interação. Toda nova revolução tecnológica então fazia parte de um tudo, um processo social de reestruturação global, onde a nova sociedade se encontrava sujeita aos processos de mudanças tanto capitalista como informacional (CASTELLS, 1997).

Até aqui se explicou o enfoque integral do conceito da tecnologia. Não entanto existem também outros autores relevantes que aportaram à discussão que não se incluíram nestas análises.

Seguindo a proposta do campo CTS e a corrente teórica da antropologia da tecnologia, debatida pelas reflexões dos autores mencionados acima esta pesquisa procura a caracterização e descrição dos ofícios artesanais dos ferreiros e joalheiros de Popayán e São Carlos a traves de um enfoque dialógico e integral. A relação espaço-temporal que se tece ao redor das mudanças

tecnológicas nesta investigação, não é comparativa nem pretende estabelecer paralelos entre as descrições. As mudanças enquanto às técnicas, histórias de vida, transmissão do ofício artesanal, envelhecimento, fechamento de oficinas e aprendizes, serão analisados de forma transversal, ou seja, caracterizando as relações das mudanças nas duas cidades, a partir de atributos próprios dos ofícios e narrativas dos artesãos.

1.2. Delineamentos históricos, teóricos e conceituais do objeto de estudo

Para reforçar os delineamentos teórico-conceituais do presente trabalho realizou-se também uma revisão específica, abrangendo elementos da literatura da Europa e América, priorizando aspectos dos dois países apreendidos no estudo: Colômbia e Brasil.

Numa fase posterior foi feita ademais uma pesquisa particular em duas cidades: Popayán e São Carlos. Arquivos nacionais, bibliotecas, teses e distintos referentes bibliográficos que se mostram a continuação, procuram estabelecer relações entre técnicas, mudanças tecnológicas e transformações sócias ao redor da metalurgia e a ourivesaria nos ofícios tradicionais como a ferraria e a joalheria. Nesta pesquisa se contou ademais com os acervos históricos e pessoais de algumas famílias de artesãos que escolheram participar desta investigação.

Fontes documentais destacam a importância da manipulação dos metais, como o princípio de mudança de muitas das sociedades antigas. De acordo com Eliade (1974), as substâncias minerais cresciam ao interior da terra, participando do caráter sagrado da representação mística. Fontes de extração como minas e cavernas se tornaram simbólicas, estabelecendo-se uma relação embrionária com a terra. Mineiro e metalúrgico participavam assim através de suas técnicas, da experiência mágico-religiosa da matéria, sendo a transformação, o princípio de uma arte dominado pelo aperfeiçoamento e transmutação, só próprias de alguns indivíduos (ELIADE, 1974).

A manipulação de metais como o cobre, ferro, ouro, prata, bronze e ligas de tudo tipo, criaram ferramentas, ornamentos, armas de guerra e caça, fechaduras, painéis, talismãs e demais, ao redor de diferentes grupos sociais, convertendo-se em fontes primárias. Os estudos sobre as idades dos metais, por exemplo, ajudam a observar as etapas tecnológicas dos artefatos dentro da relação homem – técnica. Alguns destes metais como o ouro em particular associado pelos Maias, Incas e Astecas ao sol, ou a prata à lua, foram herdeiros de um valor símbolo social e cultural de riqueza e poder em distintas sociedades (MARTINEZ e RIART, 1998). Além disso, se conhecem civilizações como a egípcia, hábeis na manipulação do cobre, estanho e bronze.

Nesta linha de desenvolvimento tecnológico destaca-se a manipulação da forja como técnica de esfriamento e martelar de metais. No caso do ferro, este era obtido em princípio através de fornos de carvão, onde a peça retirada proveniente da redução por carvão dos óxidos de ferro era demasiado frágil e tinha que ser forjada (CORRAL e ARAÑO, 1994). Os primeiros fornos de redução de ferro, situaram-se em lugares altos onde havia abundante vento ou montanhas que serviam para atizar o fogo; quando a necessidade foi maior, se fizeram foles. Na Colômbia, na região do Valle do Cauca na Cordilheira Ocidental, evidencia-se a existência bigornas e martelos, ademais de ter indícios sobre as *huairas*: fornos pequenos onde se fundiam peças de metal de diferentes características, ressaltando-se entre estas, peças de metal em bicolores (LLERAS, 2007).

Os avanços tecnológicos continuaram progressivamente em distintos lugares, onde cada civilização desenvolveu suas próprias estratégias. Na Argentina, evidencia-se desde a antiguidade, a manipulação de metais manufaturados de bronze e estanífero como machados, sinos ovais, facas, cinzeles e furadeiras, de figuras zoomorfas (LLERAS, 2007). Numerosos grupos indígenas tinham elementos de adornos pequenos elaborados mediante fundição, esvaziamento ou martelado, trabalhado com técnicas manuais. São bem conhecidas as *tumbagas*: Figuras elaboradas com ligas de metais, sujeitas ao sincretismo religioso dos povos (LLERAS 2007)

A obtenção de metais na Europa segue o curso das fontes históricas da literatura através de textos como a Bíblia, a Ilíada e a Odisseia; e a arqueologia por meio de escavações e museus, tem objetos de ourivesaria antiga das sociedades Gregas e Romanas. O antigo colégio de fundidores de cobre estabelecido pelo Rei Numa, Tulbalcaín, o primeiro ferreiro citado na Bíblia, ou a anedota da fechadura da porta com chaves, XIV séculos antes da era Cristiana por parte de Ehud juiz de Israel depois de cometer o assassinato do rei Eglon, são acontecimentos que mostram a imersão da manipulação dos metais em meio já das relações sociais (ESPINAR e CAZENAVE, 1944).

Os trabalhos encaminhados à transformação da matéria e seu aperfeiçoamento, foi tarefa de mestres e artesãos que desenvolveram um ofício específico. Cada artesão que manipulava uma arte ou destreza técnica era considerado mestre, e de fato, era um privilégio tornar-se aprendiz. Transmitir ou herdar um ofício, era simbolicamente um fato místico (ELIADE, 1974), pois em meio das técnicas e a manipulação de ferramentas, existiam segredos próprios de cada artesão. Escritores como Seymour (2001, p. 12) descrevem esta relação mestre – artesão assim:

O velho sistema de aprendizagem era o melhor que havia existido, tanto para os jovens como para os mestres artesãos. Aqueles estavam sujeitos a uma disciplina muito estrita, pode que em alguns casos excessivamente rigorosa, mas por meio dela se lhes ensinava não só o ofício senão também adquiriam o hábito de trabalhar duro, o que lhes capacitava, mais adiante para disfrutar da vida e prosperar em seu negócio.²

Durante a Idade Média na Europa, a agrupamento de artesãos de um mesmo ofício gerou como resultado a conformação de grêmios artesanais. Governados por um estatuto especial, controlavam toda a atividade artesanal onde preços, artigos e materiais tinham uma taxa econômica fixa para todos (ESPINAR e CAZENAVE, 1944). Entre os artesãos urbanos e os ofícios de origem gremial se destacam os sapateiros, ferreiros, alfaiates, padeiros, marceneiros e outros, que representavam ao trabalhador especializado. Soma-se ademais o estabelecimento de numerosos colégios e corporações de artesãos em toda Europa.

Apesar disso e depois dos processos de urbanização e industrialização, muitas associações gremiais foram reduzidas e as que permaneceram, ficaram fora das cidades. Até finais do século XIX, por exemplo, o país Vasco conservava a figura do trabalhador especializado ‘artesão’ com estabilidade laboral, mesmo assim, as regulações produtivas se deterioraram e irreversivelmente a competência forasteira e as fabricas fizeram-se sentir pronto (SANZ e PIQUERAS, 2005).

Na França os grêmios de ferreiros e chaveiros fundaram irmandades, escolhendo de patrono a São Eloy, mas depois da separação dos grêmios, muitos artesãos elegeram outros. Salienta-se ademais a aglomeração de ofícios por bairros, onde trabalhadores de um mesmo ofício, moravam numa mesma rua, avenida ou local comercial. Na Espanha o grêmio dos ferreiros recebeu o nome de ‘*chispas*’ de seus antigos vizinhos do bairro Maravilha em Madrid.

As estratégias espanholas e portuguesas na América latina, com relação aos grêmios artesanais, foram muito semelhantes as adotadas na Europa: o mesmo processo de ensino de artes e ofícios através de EAO, o surgimento de oficinas artesanais, o sistema de aprendizes e técnicas, etc. Não obstante fatos como a participação política e econômica, os direitos e igualdades entre os artesãos e demais, mudaram significativamente dependendo do contexto social e cultural.

² [El viejo sistema de aprendizaje era el mejor que había existido, tanto para los jóvenes como para los maestros artesanos. Aquellos estaban sujetos a una disciplina muy rigurosa, puede que en algunos casos demasiado rigurosa, pero por medio de ella se les enseñaba no sólo el oficio sino que también adquirían el hábito de trabajar duro, lo que les capacitaba, más adelante para disfrutar de la vida y prosperar en su negocio.]

Dentro dos referenciais teóricos encontrados na Colômbia com relação à metalurgia, ourivesaria e ofícios tradicionais, salientam-se numerosos trabalhos em arqueologia, história, política, arquitetura, educação, desenho e literatura. Na arqueologia se conhecem trabalhos como o De Nieto e Falchetti (1983) acerca da tradição metalúrgica no sudoeste colombiano. Diferentes objetos metalúrgicos pré-colombianos descrevem através da manipulação de tecnologias, a tradição social e cultural dos povos indígenas, encontrando-se peças de ouro marteladas e fundidas. Atualmente são conhecidas figuras antropomorfas e zoomorfas como os ‘*tunjos*’: peças de ouro ou outro metal elaborado pelos indígenas, e numerosas figuras de homens, mulheres e animais de diferentes características (DE NIETO e FALCHETTI, 1983).

O tema da metalurgia na Colômbia tem sido bastante trabalhado e muito extenso. A respeito se conhecem também estudos sobre as culturas Tumaco, Quimbaya e Muisca desde a época da conquista espanhola. Entre as destrezas técnicas se destaca na cultura Tumaco as técnicas de batido, na cultura Quimbaya a confecção de joias em ouro que solidificou a lenda do dourado, e na cultura Muisca a exploração do cobre e esmeraldas (COESTA E ROBIRA, 1982). Adicionalmente de acordo com Coesta e Robira (1982), os rios Magdalena e Cauca se converteram em complexos auríferos onde frequentemente os espanhóis encontravam fornos, balanças e demais elementos de exploração metalúrgica. Ao respeito se conhecem assim técnicas metalúrgicas tais como: fundição – ligação, esvaziado e molde, batido e temperado, solda, tratamento especial, entre outras.

Desde *INGEOMINAS* – Instituto Nacional de Investigações Geológico de Colômbia – Mineras – hoje SGC, também se registra documentação técnica acerca das indústrias extrativas de metais. De forma geral, a distribuição de recursos minerais em ferro, cobre, chumbo, mercúrio, argila, areia, calcário, carbono, esmeraldas e sal, foram explorados em princípio pelos conquistadores espanhóis, durante a época da colonização (VILLEGAS, 1987). Contudo, não se enfatizara neste tema, por não ser relevante o estudo dos minerais, para este trabalho.

Dentro da história social e cultural encontram-se também numerosas contribuições, destacando-se a participação política dos artesãos no contexto colombiano, a relação de pertença dos artesãos ao contexto da *colombianidade*, a aproximação à descrição e caracterização de alguns vários tradicionais em algumas cidades. Desta forma, no marco da historiografia colombiana consideram-se importantes no contexto nacional, as mudanças políticas e econômicas a favor da descolonização no sentido da modernização, a partir de as reformas constitucionais ocorridas entre 1848 – 1854 (URIBE, 1976).

De acordo com Uribe (1976) e Liévano (2002), entre as reformas constitucionais destacam-se: o sufrágio universal, eliminação da pena de morte, separação da Igreja e Estado, eliminação do foro eclesiástico e militar, estabelecimento do matrimônio civil, abolição da escravatura, liberdade de expressão oral e escrita, entre outras, todas signos comuns do liberalismo e a mentalidade positivista e modernizante que já havia começado a surgir desde administração do general Mosquera (1844-1848), com o início de obras públicas como ruas, avenidas, ferrovias, navegação por rios e abertura de diferentes vias de comunicação ao interior do país. Em Bogotá se estabeleceram também fábricas de louça, sabonetes, vidros, ferro, papel, etc.

Uma grande modificação social se vivia na época, de fato, um considerável número de comerciantes aderidos às ideias liberais, conformava o novo estilo de vida (LIÉVANO, 2002). Além disso, certos artesãos começaram a jogar um papel importante na sociedade colombiana através da conjuntura social e política que desencadeou um limitado movimento gremial. Na década de trinta do século XIX passou-se de registrar relatos como os de viajante norte-americano John Steuart acerca de que em Bogotá era difícil encontrar bons carpinteiros, alfaiates ou sapateiros, referindo-se só, a um bom fabricante de botas de nacionalidade inglês, a ter para 1850 um incremento em ofícios de sapataria, alfaiataria, carpintaria e serviços como transportador, costureira, etc. (URIBE 1975). A situação foi tão favorável, que os artesãos começaram a usar seus próprios produtos que antes faziam para outros, e suas esposas a usar vestidos convenientes para aquela época.

Como organização gremial de classe artesanal, se conheceu em cidades como Bogotá, a *Sociedade Democrática de artesãos*, ativa até finais do século XIX. Na eleição presidencial de José Hilario López em 1849-1853, os artesãos jogaram um papel sobressaliente ao interior da política, mesmo que começaram a aparecer certas consciências de classe ao referir-se a um pedreiro, sapateiro, índio, mulato ou zambo na sociedade da época (URIBE, 1976). Finalmente, os artesãos partidários do falido golpe militar do General José María Melo, foram presos e outros deportados a Panamá, entrando o movimento artesanal em crises (LIÉVANO, 2002). Ditos eventos desencadearam uma invisibilidade política dos artesãos no contexto nacional, mesmo que seguiram fazendo parte do âmbito social consolidando outras economias.

No decorrer dos anos, um novo discurso político e social com relação aos artesãos se foi consolidando em direção ao sentimento de pertencimento ao território, é dizer, em direção à representação simbólica do artesão no sentido nacionalista. A produção artesanal se ressaltou

dentro deste discurso, na projeção da *Colômbia artesanal* que começava a consagrar os elementos nacionais (RAMIREZ, 2011). Esta particularidade segundo Hobsbawm (1977) era própria dos Estados marxistas que tiveram que voltar a suas ideias de nacionalidade, salientando os artefatos culturais que de acordo com Anderson (1993) se podiam entender considerando a história e as mudanças em termos de significado e tempo. Os artefatos culturais consagrados emocionalmente geravam assim, profundos apegos dentro do valor legítimo da nacionalidade.

De acordo com Ramirez (2011), na segunda metade do século XX, a Colômbia apresentava uma distinção entre o estrito gosto estético da arte, e os trabalhos manuais, critério estabelecido em sua maioria por pessoas com formação artística, ou que chegavam do estrangeiro relegando assim a arte do povo, à categoria de artesanato. A construção da *colombianidade* como representação de identidade no tema do artesanato, se disputa entre a produção artesanal e as práticas que convergem na mesma, reconhecendo que a diversidade é ampla de acordo com as práticas, objetos, pessoas, artes, circulação e consumo. A imagem de “*Colômbia como um país fato a mão*” (RAMIREZ, 2011), abertura a discussão do papel do artesão dentro do ambiente cultural da nação, pois suas expressões culturais hoje ‘artesanato’ se reconfiguram na espacialidade temporal da relação artesão, sociedade e discurso.

Nesta relação, visibiliza-se em 1989 na Colômbia, o Ministério de Desenvolvimento Econômico havia emitido uma lista de ofícios nacionais, nos que se encontravam documentados os trabalhos manuais de tradição e trajetória histórica, no ambiente urbano da época. Este listado de ofícios fazia parte das expressões contemporâneas das técnicas e estilos dos artesãos, documentando-se principalmente a definição descritiva do ofício, a caracterização do trabalho nas oficinas, os materiais e ferramentas com os quais se trabalhava e um pequeno inventário de produtos prototípicos difundidos (HERRERA, 1998). Registram-se assim, atividades artesanais como carpinteiro, marceneiro, curtidor, seleiro, sapateiro, decorador de couro, encadernador, tecelão em telar, tecelão, bordador, costureira ou modista, chapeleiro, fundidor, ferreiro, ourives, joalheiros, entre outros.

A presença de certos ofícios enunciados na lista de Herrera (1998) no final do século XX, mostra a representatividade que os artesãos tinham no contexto nacional. No item da ferraria para a época, se podem identificar três tipos de artesão: *fundidor* (trabalhador que produzia objetos utilizando técnicas de esvaziamento a altas temperaturas em moldes de argila, terra o arena, elaborando produtos como painéis, ferramentas, facas, machados, figuras e objetos decorativos, luminárias, placas, recipientes, sinos, cinzeiros, etc.), *forjador* (trabalhador que

produzia objetos utilizando técnicas de martelado, dobrado e curvado de metais – especialmente o ferro – previamente avermelhados ao fogo, elaborando produtos como ferramentas para plantações, barras de ferro, janelas, portas, fechaduras, iluminarias, baús, correntes, armas, grelhas, balanças, batedores de porta, moveis, gaiolas, etc.) e *martelador o repujador* (trabalhador que dominava uma ampla variedade de metais através de folhas de metal e martelado com metais frios o quentes, geralmente alumínio, cobre, zinco, latão e folha-de-flandres, elaborando produtos como recipientes, painéis, caixote do lixo, baldes, copos, caixas de joias, cestos, suporte para os guarda-chuva, instrumentos musicais de percussão, flautas, etc.) (HERRERA, 1989).

De acordo com Herrera (1989) destaca-se no âmbito da ourivesaria quatro categorias: *ourives* (trabalhador que produzia objetos principalmente em ouro e prata através de técnicas como fundição, afinação: purificação do metal com sal, martelado, laminação, soldadura, coloreado, precipitação e outros processos físico-químicos, elaborando produtos como custódias, correntes, figuras, cálices, brincos, coleiras, anéis, braceletes, moedas, alfinetes e réplicas de ourivesaria pré-hispânica), *prateiro* (trabalhador que produzia objetos em ouro ou prata utilizando técnicas de fundição, esvaziado, laminação, fiação, soldadura e martelado, elaborando produtos como peças grandes de prata, custodias, louças, figuras em alto relevo, talheres, etc.), *joalheiro* (trabalhador de metais e pedras preciosas na elaboração de peças pequenas, função unicamente decorativa através da produção de joias), e *bijuteiro* (trabalhador de todo tipo de metais com ligas na produção de joias pequenas).

Uma inumerável porcentagem de trabalhadores, artesãos e artistas foram reconfigurando imagens, objetos, lugares e símbolos de centros de rincões nacionais. Portas, janelas, sacadas, cadeiras, luminárias, escadas, pontes, adornos, joias, esculturas, ferramentas de trabalho e demais, fazem parte hoje em algumas cidades do país do legado artístico e cultural que deixaram os artesãos por anos. Suas obras têm sido tão significativas, que inclusive centros de trabalhos antigos se conservam atualmente como patrimônio local próprio de cada cidade, sendo replicados, copiados ou imitados para conservar as características da obra original.

Neste sentido, ressalta-se alguns estudos importantes na arquitetura. O trabalho de Restrepo (1992), sobre os buracos das fechaduras ou *bocallaves* antigos no departamento de Antioquia, incluindo também corredores, quintais, salas e recantos de outrora é uma referência. O resgate da imagem de uma pequena peça integrada no buraco da fechadura de uma porta, propicia uma análise histórico da identidade e o patrimônio regional de uma cultura específica.

Na Colômbia a influência de modelos europeus na história da arquitetura ainda continua construindo-se. No tema das representações simbólicas das *bocallaves* por exemplo continua-se estudando: as arcadas trazidas pelos espanholes na época da colônia, as fechaduras de ferro antigas no período republicano, entre outros antecedentes históricos (RESTREPO, 1992).

A reconstrução da história das fechaduras no entorno colombiano, nos permite aprofundar as relações tais como que para cidades coloniais, as fechaduras eram trancas interiores, ressaltando-se em Mompós diferentes tipos de cadeados de ferro. Além disso, dentro das representações socioeconômicas, se pode observar que nas casas mais importantes de uma cidade, se encontravam as bocallaves mais bem elaboradas, enquanto que nas casas populares mais simples (RESTREPO, 1992). No tema do ferro forjado, na representação de um objeto simbólico integrado as fechaduras, pode identificar-se assim o período colonial ou republicano na arquitetura regional, das casas colombianas.

Na mesma direção identifica-se o trabalho de Arenas (1996) sobre desenhos, técnicas e acabados de ferro forjado na arquitetura colombiana, destacando-se o aporte do arquiteto Víctor Smith em numerosas obras do período colonial em igrejas, casas e alguns edifícios. O tema da arquitetura em relação aos trabalhos de estruturas e edificações feitas com técnicas em ferro forjado é extenso, já que hoje continuam realizando distintos tipos de infraestruturas no tema da forja contemporânea em sua maioria a custos elevados. De forma geral, destaca-se que trabalhos como os de Restrepo (1992) e Arenas (1996) permitem caracterizar a importância da ferraria no contexto atual, encontrando nos espaços urbanos técnicas de ferraria clássica e contemporânea convivendo num mesmo ambiente representativo.

A representação social dos ofícios na Colômbia permeou, além disso, o tema da educação nacional através das EAO onde a inícios do século XX, uma política de ensino técnico se fomentou para os setores populares. Categorias sociais diversas da população potenciaram suas capacidades produtivas, de fato, o ensino técnico para as classes populares era ministrado pelas escolas complementares, escolas noturnas, EAO e escolas industriais (EI) geridas por comunidades religiosas, capacitando em artes manuais femininas, ferraria, tipografia, carpintaria, encadernação, sapataria, etc. (HERRERA, 1993). Os títulos conferidos assim eram aprendiz, oficial de aprendiz e mestre, dependendo dos anos de estudo.

Destaca-se também dentro das comunidades religiosas que chegaram a Colômbia: a Comunidade Salesiana, cujas técnicas foram trazidas da Itália ocuparam uma posição de

destaque na formação de setores obreiros do país (MAYOR, et al., 2013). Os salesianos educaram em artes e ofícios, a famílias com escassos recursos que moravam nas zonas pobres da cidade. Contudo e depois da década dos anos 1950, as EAO se converteram em lugares de recolocação de setores menos favorecidos da população, dessa forma, estas já não eram consideradas elementos de formação obreira qualificada, senão, centros de reabilitação de indivíduos excluídos da vida social e econômica Mayor et al (2013). Esta visão se conserva, ainda hoje, na maioria das EAO em Colômbia, favorecendo através de programas sociais, a numerosas populações em situação de vulnerabilidade, permitindo-lhes estudar um ofício a arte para sua própria sustentabilidade.

Ao respeito, foi muito conhecida a Escola de Artes e Ofícios em Medellín – EAOM – da Universidade Nacional de Colômbia em 1871, que alfabetizou gratuitamente numerosos artesãos, respondendo a interesses econômicos e políticos da época. Procurou-se neste sentido a profissionalização dos ofícios artesanais, mesmo que os estudantes estavam condicionados por aspectos de idade, conduta, condicionamento físico, leitura e escritura (OLIVARES, 2014). Além disso, o aprendiz tinha que ser formado em estudos de moral, religião, gramática, aritmética e metrologia. Finalmente para 1880 e de acordo com Olivares (2014), a EAOM incluía cursos de desenho, pintura, música, canto, telegrafia, taquigrafia, física industrial, geometria descritiva, química, mecânica, carpintaria, marcenaria, chaveiro, ferraria e fundição. Soma-se também como mudança transicional entre 1881 e 1883 as máquinas a vapor que passaram de ser alimentadas com lenha a ser movidas com energia hidráulica.

Observa-se como complemento, uma disputa entre os artesãos formados na EAOM e o setor artesanal que fazia parte da EAOM, pois os produtos manufaturados ao interior da Escola podiam obter com equipes sofisticados, materiais e injeção do capital estatal com o que se pagava o salário dos empregados, mestres de oficina, matérias primas, compostura de seus edificações, compra de livros, maquinas, etc., vendendo seus produtos a baixos custos, enquanto que os artesãos de fora tinham que competir de forma desigual e insustentável ocasionado o fechamento de oficinas (OLIVARES, 2014). A situação tornou-se mais difícil, quando chegaram mestres estrangeiros ao contexto nacional transmitindo outras técnicas, deslocando assim alguns artesãos locais.

Na Colômbia simultaneamente o passo de oficinas a fabricas apresentou sérias contradições, já que a maioria das oficinas ficavam na mesma propriedade do artesão (MAYOR, et al., 2013), representando assim uma economia local inserido nas dinâmicas

sociais. Apesar de tudo e de acordo com Mayor et al (2013), as oficinas não eram uma estrutura essencial da economia regional ou nacional, mas se eram núcleos culturais de formação profissional e emprego sobretudo nos entornos mais populares.

As EAO foram origem de uma educação sistêmica que permitiu grande desenvolvimento social na Colômbia. Em termos socioeducativos, foi o nascimento do *obreirismo*. As EAO se colocaram num elo inferior à chamada formação universitária (MAYOR, et al., 2013), onde o ensino técnico ficou excluído também pela pouca infraestrutura que se tinha para ministrar uma educação especializada (HERRERA, 1993). Não foi senão, até a década do 1950 e 1960, durante a expansão econômica que viveu o país, que as necessidades de mão de obra se acentuaram, aparecendo entidades de formação técnica como o SENA constituída durante o governo da Junta Militar em 1957, cujo objetivo era propiciar a formação de trabalhadores para a indústria, comércio, fazenda, mineração, produção animal e outros.

Com o passar dos anos, as mudanças sociais dos ofícios tradicionais no contexto colombiano a nível geral foram mais visíveis, encontrando-se os artesãos uma brecha discursiva de progresso e desenvolvimento social, político, econômico e cultural entre as antigas formas tradicionais - passado -, e os recentes avanços técnicos - presente e futuro - sendo envolvidos então dentro da visão holística evocativa da modernidade. Ditos acontecimentos suscitaram ao redor deste panorama nacional, discursos de apropriação, evocação e resgate da memória histórica de alguns setores artesanais.

Um exemplo característico deste tipo de discursos pode ser representado no texto literário do jornalista Eduardo Santa, para quem os ofícios antigos estavam desaparecendo dos espaços urbanos, em particular, na cidade de Bogotá. De acordo com Santa (1998), os ofícios já não decoravam as ruas de centros de cidades e povoados pequenos, tinham desaparecido dos espaços de forma silenciosa e inadvertida, deixando histórias de mestres ilustres dedicados aos ofícios, na memória de aqueles que um dia, tinham conhecido artesãos cujo ofício lhe servia de nome. Complementarmente, descreve que as ferrarias localizadas na Colômbia, explicavam a vida econômica e social das cidades. Pode olhar-se a continuação a seguinte narrativa (Santa, 1998, p. 64):

De todas estas ferrarias, recordamos especialmente a do Mono Virgônia (Antônio Giraldo), a do Domingo Morales e a de dom Júlio Arango, pela circunstância de que foram também *tertuliaderos* famosos onde se jogava ao dado, se preparavam galos de briga, se tomava aguardente bebendo da garrafa, se discutia sobre a existência de Deus, se falava mal dos sacerdotes, se lhes retirava a honra a mulheres belas e se faziam previsões sobre o tempo. Lá, ao pé de aquelas forjas, ao pé dos aparadores e

estantes repletos de tenazes, escopros e martelos, em frente ao altar de Vulcano que não era outra coisa que a bigorna, sentados em gavetas em ruínas ou sobre volumes de carbono, com suas mulasZ ao ombro e seu bolsa de couro atravessado, os tropeiros contavam histórias de duendes e espantos, enquanto ao ferreiro, com seu clássico avental de couro calçava seus mulas vendadas³.

A reflexão discursiva dos ofícios tradicionais em Bogotá descrita por Santa (1998) em pleno século XX caracteriza as mudanças dos ofícios nacionais em Colômbia, em meio de um ambiente social, político, econômico e cultural que mostrava a dualidade continua entre o atraso e o progresso. Neste sentido, as relações discursivas jogaram um papel determinante à hora de posicionar o desenvolvimento social e econômico, como a alternativa mais próxima do progresso.

Dentro dos referenciais teóricos encontrados em Brasil em relação à metalurgia, ourivesaria e ofícios tradicionais, salientam-se numerosos trabalhos em história, arqueologia, artes, educação, desenho e literatura. O Brasil (1500-1822) viveu processos similares à Colômbia no que tange à colonização por parte de estrangeiros: para o caso da Colômbia da *Coroa Espanhola* e para o caso do Brasil a *Coroa Portuguesa*, a procura da exploração de recursos minerais, onde centos de conquistadores traçaram estradas para ter acesso mais facilmente as minas e riquezas próprias de cada território. Contudo, cada processo de colonização teve características específicas como o início do período de mineração entre os espanhóis e os portugueses, entre outras (DA SILVA, 2009).

De acordo com os antecedentes históricos no Brasil mais especificamente durante os séculos XVI e XVIII, numerosos viajantes, navegadores e soldados europeus, utilizaram diversas rotas procurando principalmente ouro e prata (CÂMERA, 2008). Muitas histórias e mitos se teceram ao redor do ouro no imaginário erudito e popular de Brasil. O estrangeiro Apollinaire Frot por exemplo descreve os petróglifos indígenas, como sinalização de minas perdidas de ouro ou símbolos que representavam a localização para este caso, do tesouro próximo a seis palmeiras; circulando no imaginário popular da época, histórias de cidades

³ [De todas estas herrerías, recordamos especialmente la del Mono Virgona (Antonio Giraldo), la de Domingo Morales y la de don julio Arango, por la circunstancia de que fueron también tertulíaderos famosos donde se jugaba al dado, se preparaban gallos de pelea, se tomaba aguardiente a puro pico de botella, se discutía sobre la existencia de Dios, se hablaba mal de los curas, se le quitaba la honra a mujeres bellas y se hacían pronósticos sobre el tiempo. Allí, al pie de aquellas forjas, al pie de los aparadores y repisas colmados de tenazas, leznas y martillos, frente al altar de vulcano que no era otra cosa que el yunque, sentados en cajones destartalados o sobre bultos de carbón, con su mulera al hombro y su carriel terciado, los arrieros contaban historias de duendes y aparecidos, mientras al herrero, con su clásico delantal de cuero calzaba sus mulas vendadas]

fantasmas ricos em tesouros (LANGER, 1996).

De forma geral, para exploração mineira do território brasileiro, se instalaram em meados do século XVI na Vila de São Paulo e no Sertão, forjas de ferreiro que se concentravam na fabricação de ferramentas como foices, machados, cravos e anzóis, utilizando posteriormente o ferro em barra trazido da Europa, fundido posteriormente em fornos de forja (ZEQUINI, 2006). Se tem registros históricos tais como os que notifica Manoel de Nóbrega em 1553 segundo Neme (1953 *apud* ZEQUINI, 2006, p. 94) sobre a presença de ‘tendas de ferreiro’ nas expedições do Sertão, ou presença de três ferreiros em São Paulo para 1584 de acordo com, Holanda (1953 *apud* ZEQUINI, 2006, p. 94). Já para o século XVII se contava com a fabricas de ferro como a de Santo Amaro.

No Nordeste brasileiro diversos conflitos se gestaram ao redor do ouro nas serras e brenhas do litoral do Rio e São Paulo, onde centos de Paulistas e uma grande corrente migratória, começaram a ocupar os territórios através de caminhos, rios e córregos, procurando a mítica serra das esmeraldas (DEL PRIORE e VENÂNCIO, 2010). Registrou-se também em 1718 a descoberta de minas de ouro em Mato Grosso e Goiás, gerando que Rodrigo Cesar de Meneses Capitão – Geral da capitania de São Paulo, mandasse a abrir caminhos, facilitando o acesso às novas minas. Estes caminhos atravessavam desde o Rio de Piracicaba, até margem direita de tiete no Rio Grande, atraindo um grande número de migrantes (IBGE, 2007).

Estas expedições ao final do século XVII estiveram a cargo dos chamados *Bandeirantes* (LANGER, 1996). No Nordeste do Brasil se conhece a expedição de bandeirantes que partiu de São Vicente a São Paulo, dirigida por Fernão Dias, em direção ao estado de Minas Gerais, contudo, essa expedição fracassou ao não encontrar ouro ou pedras preciosas, sendo responsáveis da expansão do território construindo novas rotas de exploração, onde anos mais tarde encontraram ouro na região, iniciando assim *O ciclo do ouro no Brasil* (DE OLIVEIRA, 2014).

Não foi senão até o século XVIII, que de acordo com Del Priore e Venâncio (2010), apareceram na cena urbana, artesãos como tanoeiros, calafates, alfaiates, carpinteiros, prateiros, ourives e sapateiros, situando-se nas ruas mais importantes das cidades, onde se agrupavam por ofícios. Além disso, as populações negras livres que viviam nas cidades exerciam como artesãos qualificados, mestres-de-obras, alfaiates, barbeiros, carpinteiros, marceneiros, tanoeiros, joalheiros, oleiros e barqueiros, tendo um lugar mais privilegiado na sociedade brasileira.

No caso dos ferreiros negros conhece-se também que estes trouxeram a Brasil habilidades e talentos aprendidos na África. No caso da ferraria, esta foi uma tradição que continuaram no Brasil em meio da concertação de ferramentas importadas de Europa e a fabricação de instrumentos para a mineração e os engenhos (DE ALBUQUERQUE e FRAGA, 2006). Em lugares como Vila Rica, Rio de Janeiro, Recife e Salvador, os negros livres eram ademais donos de ferrarias ou aprendizes desse ofício, encontrando igualmente pintores, entalhadores e douradores que trabalhavam na ornamentação das igrejas esculpindo imagens de santos e anjos. Os negros da época como bem o expressa Moura (2001, p. 18), eram artesãos que: “sabiam trabalhar os metais como ninguém e em sua arte as esculturas de ferro e de madeira entalhada eram maravilhosas”.

Valladares (1986) aponta que nas cidades coloniais da época, se encontravam artesãos livres principalmente europeus cuja maioria de aprendizes e oficiais eram escravos, propriedade de um mestre europeu ou de senhores necessitados de especialistas em suas fazendas ou engenhos, ensinando a profissão em muitas ocasiões desde crianças. Os negros distinguiam-se ademais por seus saberes mineralógicos trazidos dos campos auríferos da África de regiões como: *Wangara* que produzia ouro para os antigos impérios do Gana e Mali, e o território dos *Achantis* onde o comércio de ouro ganhou importância depois do século XIV (Reis, 2006). De fato e de acordo com Leite (1996, apud Reis, 2006), muitos dos fornos utilizados na mineração em Minas Gerais no século XVIII foram trazidos pelos africanos, contribuindo ademais no aperfeiçoamento de processos como lavar ouro e diamante.

Os indígenas também mostravam habilidades que chamavam a atenção. O padre Daniel João cronista da Amazônia no século XVIII descrevia o fato que muitos deles foram pintores, escultores, ferreiros e oficiais assim (VALLADARES, 1986, p. 120):

E tem tal fantasia, que para imitarem qualquer artefato basta mostrar-lhe o original, ou cópia e a imitam com tal magistério, que ao depois faz equivocar, qual seja o original, e qual a cópia. Em ùa vila de portugueses havia um índio ferreiro e serralheiro tão insigne, que os mesmos portugueses do mesmo oficio lhe davam não só as primazias, mas também os votos para ser juiz do oficio.

Contudo, no Brasil as atividades e o artesanato comercial que foram dando-se depois, eram consideradas profissões pouco dignas ou de níveis sociais inferiores, sendo excluídos os comerciantes e artesãos do ambiente político nas Câmaras e honrarias; mesmo assim, o número de trabalhadores aumento, e no caso de Bahia a finais do século XVIII, alguns alfaiates se colocarem à frente de uma rebelião contra a Coroa. O movimento gerado na Bahia em 1798,

liderado por mulatos e negros entre eles artesãos, soldados e escravos, demandavam melhores condições de vida, fim da escravidão, aumento do salário aos militares e um comércio livre com França, contudo, o movimento não chegou a se concretizar e começaram as prisões e delações (FAUSTO, 1996).

Para o século XX, na década dos anos vinte, se liderou todo um processo de industrialização que levou à existência de trabalhadores em numerosas fábricas de tecidos, calçados, chapéus, cerâmicas e vidros, aliada ao próspero artesanato autônomo, como o de alfaiates e sapateiros, e a milhares de pequenos funcionários públicos abriu caminho, no meio urbano carioca, para a aceitação das novas ideias políticas (DEL PRIORE e VENÂNCIO, 2010). Neste período de acordo com Fausto (1996) o número de habitantes da capital de Rio de Janeiro dobrou, e muitos dos novos habitantes entre eles portugueses, espanhóis, franceses e ingleses, passaram a formar parte da classe média de artesãos e profissionais da região brasileira.

Os artefatos de metal se tornaram então abundantes em tudo Brasil, multiplicando-se as atividades ao redor dos metais e aparecendo diversos ofícios. Salienta-se neste panorama, a participação dos ciganos desterrados para o Brasil, no impulso e desenvolvimento de atividades em metal, encarregados principalmente de fundir e trabalhar em cobre, produzir armas, luminárias e objetos de folhas-de-flandres (VALLADARES, 1986). Com o tempo e a partir do século XIX, diferentes modalidades de ensino técnico se deram a razão do auge dos setores de produção, consolidando-se já no século XX instituições como o SENAI e nas escolas técnicas da rede federal criadas em 1942 (CUNHA, 2005).

No tema da ourivesaria, se distinguem em Brasil por tradição: a prataria do Rio Grande do Sul; os adornos ou barangandãs da Bahia, um conjunto de miniaturas em prata e ouro com diversas figuras como silos, imagens da cidade, cadeados, etc., da imaginação popular; a medalhística de Juazeiro do Norte (BA), entre outros, trabalhos elaborados em oficinas tradicionais próprias de cada cidade (VALLADARES, 1986). Somam-se a estes trabalhos também no âmbito religioso, as custódias adornadas com pedras preciosas como por exemplo a que se encontra no acervo do Museu de Arte Sacra de Salvador – Bahia do século XVIII, elaborada com cerca de 400 pedras preciosas (BARDI, 1979). É própria do Brasil, a chamada *Joia de Coco e Ouro* herança dos portugueses na região de Diamantina; as joias deste tipo juntam a técnica da filigrana e o uso da casca do coco preparada segundo o conhecimento dos negros, tradição que ainda se mantém nesta região do estado (RESENDE, 2010).

Contudo, no tema da joalheria existem hoje diferentes fatores que tem mudado o ofício artesanal e a técnica manual, transformando no caso da bijuteria não só no Brasil, a movimentação comercial que cresce nos espaços sociais. Ao respeito, trabalhos como Di Giulio (2007) tentam explicar a incorporação recente da bijuteria em técnicas artesanais de centos joalheiros. O aumento constante no Brasil do preço da matéria-prima do ouro que entrou em declínio na década de 1960 diminuiu o poder aquisitivo da população, assim as joias folheadas e bijuterias mais baratas passaram a ser mais procuradas pelos consumidores (DI GIULIO, 2007). Adicionalmente se encontram reflexões no tema da bijuteria, a razão dos baixos custos, os materiais utilizados e o tempo da elaboração das peças, que transformam radicalmente as técnicas artesanais das tradições antigas dos ourives.

No âmbito dos estudos arqueológicos no Brasil, existem ademais, centenas de trabalhos em metalurgia e ourivesaria desde o período colonial, até a época atual, caracterizando-se recentemente, numerosos trabalhos na área da arqueologia marítima sobre navios afundados que faziam o trânsito rumo a Europa de minerais, produtos, objetos e variedades de elementos (RAMBELLI, 2007). Pode-se encontrar-se estudos realizados na arqueologia sobre o patrimônio cultural do ouro e a prata através de técnicas como a fabricação de objetos, moedas e peças a finais do século XVII, notícia da primeira descoberta de ouro em Minas Gerais, identificando os metais utilizados nas casas da moeda itinerantes, como é o caso da Bahia, que cunha moeda entre 1694 e 1698, é um dos casos mais difíceis no campo da proveniência (GUERRA 2005).

Na mesma direção destaca-se estudos históricos – arqueológicos como os de Zequini (2006), acerca do morro de Aracoiaba, uma fábrica de ferro destinada à utilização de energia hidráulica, encontrando-se indícios de cravos, plaquetas, barras de ferro, escórias e minérios, que dão conta da transformação do ferro em peças utilitárias no entorno social. E trabalhos como os de Arruda (2006), acerca do patrimônio como evocador de identidades, territórios e fronteiras no meio dos preceitos nacionalistas entre a definição "natural nacional" e os usos da natureza como suporte para a definição das identidades nacionais. No universo dos trabalhos arqueológicos no Brasil, os textos nomeados anteriormente, representam só um símil dos estudos feitos na área de metalurgia e ourivesaria respeito à relação do uso dos metais e minerais nos entornos das sociedades humanas.

Destaca-se também os estudos de ensino técnico no Brasil as EAO. Em alguns lugares do território nacional de acordo com Gordinho (2000), haviam surgido sistemas de ensino técnico

compatíveis com o progresso da época, adaptados à manufaturas locais. Para 1828 se conheceu em Rio de Janeiro a *Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional*, em 1837 o *Colégio de Artes Mecânicas* em Rio Grande do Sul, em 1841 a *Sociedade dos Artistas Mecânicos* em Pernambuco transformado depois ao *Liceu das Ciências Industriais*, em 1872 o *Imperial Liceu de Artes e Ofícios* na Bahia, e em São Paulo em 1873 o *Liceu de Artes e Ofícios – LAO –*, todos impulsionados a favor do desenvolvimento das cidades, contribuindo na formação de mão-de-obra em indústrias e serviços (GORDINHO, 2000).

Teceu-se ao redor das instituições dos LAO, um discurso industrial a favor do desenvolvimento social. O LAO do Rio de Janeiro procurou consolidar uma formação profissional sólida no entorno popular como símbolo de progresso, onde a ideia era transformar os trabalhadores de 'artífices modestos' a 'obreiros ilustres' para o futuro (MURASSE, 2016). Acreditava-se ademais como discurso político que os LAO trariam prosperidade através da difusão das artes e o aperfeiçoamento de técnicas industriais, características das nações mais desenvolvidas. Num dos discursos proferidos ao respeito pelo publicada Feliz Ferreira (1876, MURASSE, 2016, p. 7) dizia: “enquanto não cuidarmos seriamente das belas-artes não teremos indústria; e enquanto está se não desenvolver não passaremos de um povo rotineiro, de uma nação tributaria dos grandes centros de civilização”.

Segundo Gordinho (2000), no LAO de São Paulo foram popularmente famosos pela qualidade de fabricação: portões, dobradiças, maçanetas e moveis de diferentes estilos; na galeria de exposições da escola se podiam comprar objetos de madeira, esculturas, filigranas de marchetaria, cerâmica decorativa, peças de estatuária, aparelhos de iluminação e precisão, ornamentação em tapeçaria, couro, trabalhos de artes gráficas e encadernação, etc. Contudo, para ser aprendiz do Liceu se tinha que ter mais de doze anos e um certificado de saúde avaliado pelos médicos da escola. Uma vez admitido, o aprendiz entrava na seção de seu interesse recebendo desde o início, uma pequena remuneração econômica. Grandes mestres e aprendizes deixaram um legado na cidade, a oficina de ferraria por exemplo realizou restaurações na torre e relógio da Estação da Luz, ademais de grades e portões da nova penitenciária, os teatros Municipal e Santana, Palácio das Indústrias, diferentes bancos, entre outros.

Estas iniciativas de formação popular no Brasil como foram conhecidas, se propagaram rapidamente e de forma similar que na Colômbia, organizando-se os currículos em dois grupos: ciências aplicadas (aritmética, álgebra, geometria, geologia, química, botânica, estereotomia e agrimensura.) e artes (desenho linear, de figura, geométrico, de ornato, de flores e paisagem, de

máquinas de arquitetura, caligrafia, gravura, escultura de ornatos e artes, pintura, estatuária, música, modelação e fotografia) surgindo oficinas de domínio artesanal como: serviços de pedras artificiais, marmorarias, serralherias, estoquearias, marcenarias, fundições de ferro, vidrarias e cristaleiras, além de fabricas de produtos cerâmicos (GORDINHO, 2000).

Para 1954 se conhece o caso de Domenico Serio Calabrone; fascinado pelas artes plásticas e o artesanato estudou artes em Roma especializando-se em técnicas de fundição, mosaico e cerâmica, expondo as esculturas, pinturas, desenhos, gravuras, joias, cerâmicas, mosaicos e objetos em 80 mostras nos principais centros culturais das Américas, Europa e Oriente Médio. Da mesma forma destaca-se o escultor espanhol José Guerra, com obras como ‘o trabalho’ encomendado pelo Sindicato de Trabalhadores da Cia. Paulista de Gaz em 1959, ‘Homenagem ao Gráfico’ na sede da Imprensa Oficial do Estado em 1982 e um ‘Estudo de Mulher’ no Museu de Arte de São Paulo (VON LAUENSTEIN MASSARANI, 1983).

Estes elementos complementam a compreensão do período histórico que apresentam este estudo observado, sem a necessidade de outras demarcações para as análises de outros tópicos e períodos colombiano-brasileiros.

2. Objetivos da Pesquisa

Para a realização do presente estudo intitulado *Os fundidores de metal na Colômbia e Brasil: um estudo transversal em Popayán e São Carlos* se formulou um objetivo geral e três específicos, elementos norteadores da pesquisa.

2.1. Objetivo geral

Descrever e caracterizar as mudanças sociais dos ofícios artesanais na metalurgia e a ourivesaria na Colômbia e Brasil, através de um estudo transversal entre Popayán e São Carlos.

2.2. Objetivos específicos

- a) Realizar um estudo exploratório sobre as transformações e reconfigurações históricas dos ofícios metalúrgicos em Popayán e São Carlos através da documentação em arquivos, bibliotecas, museus e documentais.
- b) Identificar os ofícios de ferrador e joalheiro em Popayán – Colômbia e São Carlos – Brasil nas intermediações dos acontecimentos históricos e atuais.
- c) Descrever de forma qualitativa através de antecedentes bibliográficos, as mudanças nos ofícios de ferraria e joalheria em Popayán e São Carlos.

3. Metodologia

Esta investigação interdisciplinar é de carácter exploratório e descritivo. Combina técnicas próprias do método etnográfico e histórico, em particular da investigação colaborativa.

A metodologia utilizada é qualitativa e empregada com a intencionalidade de compreender, descrever e caracterizar as transformações dos ofícios dos fundidores do metal: ferreiros e joalheiros na Colômbia – Popayán e no Brasil – São Carlos. Para o desenvolvimento desta pesquisa de campo, se tiveram em conta além da análise documental as histórias de vida dos artesãos e a descrição das técnicas manuais nas oficinas, procurando caracterizar as mudanças nos ofícios. Contou com a participação de oito artesãos (três ferreiros y três joalheiros na Colômbia, e três joalheiros no São Carlos) de ambos os sexos, com idade entre 38 e 70 anos, contrastando suas percepções do ofício, com fontes documentais que serão contrastadas com as narrativas dos artesãos em cada cidade.

Após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, buscou-se a compreensão das mudanças sociais ao redor dos ofícios, enfocou-se em primeira instancia de forma geral, na revisão bibliográfica da metalurgia e a ourivesaria em Colômbia e Brasil. Uma aproximação particular, se realizou no caso de Popayán e São Carlos, através da pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo estabelecido durante quatro meses em cada cidade (Em Colombia a princípios do ano 2017, mas os contatos se estabeleceram desde princípios do 2016; e em São Carlos a partir de maio do 2017, mas os contatos se estabeleceram em dezembro do 2016).

Durante a fase de campo se realizaram entrevistas, fotos, vídeos, revisão de arquivos familiares e visitas a alguns locais como museus e arquivos, solicitando em casos específicos permissões, consentimentos éticos e autorização por parte dos involucrados. Cada entrevista apresentada no capítulo do trabalho de campo, será apresentada na língua própria do artesão, respeitando assim, a relação social, cultural, histórica, econômica e política, no que se tece cada discurso.

Tendo em conta que a coleta da informação durante as entrevistas ampliou-se, só os aspectos mais relevantes das falas dos entrevistados serão transcritos. Além disso, se propor-se obter durante a pesquisa, um registro de atividades artesanais de ferreiros e joalheiros em uma brecha de tempo especifica desde 1920 – 2016. Dito registro documental de utilidade na

descrição das mudanças artesanais através de aspetos sociais, políticos, econômicos e culturais presentes em jornais, livros, coleções de fotos e documentação familiar, notícias locais, slogans comerciais, entre outros.

As histórias de vida dos artesãos e a descrição das técnicas manuais em suas oficinas serão foco de interesse. Sustentou-se a construção desta proposta com registros narrativos e relatos orais onde ações, pensamentos e sentimentos dos sujeitos serão interpretados à luz das discussões teóricas de modo investigativo e compreensivo (PEDRO, 2002). As descrições anotadas no diário de campo, foram peças fundamentais para propiciar o hilo condutor das análises através do registro de observações anotados.

Desta forma, foi referente obrigatório para realizar um análises acerca de Popayán, enfocar-nos na arquitetura colonial da cidade e os acontecimentos históricos precedentes antes do terremoto de 1983, sendo uma das ‘cidades coloniais’ de Colômbia. Para São Carlos de igual forma, centrou-se nos análises históricos da industrialização da cidade, hoje: ‘cidade tecnológica do Brasil’.

De forma geral, propõe-se a adoção de procedimentos plurimetodológicos que propiciem aprender a representatividade qualitativa. A escolha de um pequeno número de pessoas, convidadas a participar desde estudo serão relevantes na construção do problema e as narrativas sobre sua inserção no campo do artesanato. Os sujeitos participantes estão entre os 35 – 70 anos, todos trabalhadores ativos em oficinas e lojas comerciais. Contudo, nenhum artesão entrevistado se encontra afiliado a uma cooperativa, grupo particular ou comunidade de artesãos organizados.

Este trabalho se fez por etapas, e procurando descrever as mudanças tecnológicas nos ofícios da ferrária e a ourivesaria em Colômbia e Brasil. A participação colaborativa estabeleceu um método de trabalho dinâmico e participativo que permitiu estabelecer um diálogo com os artesãos, suas histórias de vida e os referentes históricos. Na Colômbia o trabalho de campo foi co-supervisionado pelo Dr. Prof. Jairo Tocancipá-Falla da Universidade do Cauca, e no Brasil pelo Dr. Prof. Wilson José Alves Pedro da Universidade Federal de São Carlos.

Todos os procedimentos de pesquisa com suas técnicas foram observadas, conforme aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas Parear 18.96.432/2017 ao Comitê de Ética de em Pesquisa/UFSCar (ANEXO 1)

O roteiro da entrevista (ANEXO 3) e o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido também encontram-se ao final deste texto (ANEXO 2) e a carta de autorização da Colômbia para utilizar material de apoio neste estudo (ANEXO 4).



Tipos de artesãos. Ramón Torres Méndez

Fonte: <http://www.banrepcultural.org/coleccion-de-arte-banco-de-la-republica/obra/tipos-de-artesanos-no-2>

4. Prelúdio Geral

Desde a segunda metade do século XIX, a tecnologia tem sido importante em diferentes âmbitos do conhecimento científico; da integração da tecnologia no meio colonial, até o impacto da mesma através da reestruturação de organizações de trabalho, produção, perdas de recursos, entre outros, novas dinâmicas sociais, se reconfiguram nos espaços (HESS e LINE, 1992).

No campo da antropologia e as pesquisas interdisciplinares, o estudo dos artefatos técnicos e tecnológicos, assim como as inovações científicas, tem sido relevante para entender como os elementos de um meio, atravessam as condutas sociais dos indivíduos. Produção e meio social tecem relações que constroem representações simbólicas, ou seja, representações culturais próprias.

Nos países da América Latina ditas inovações tecnológicas trazidas de referentes externos, permearam o imaginário de progresso das cidades (MARTI, 1992; HALE, 2000). A oposição entre civilização e barbárie, contribuíram a diferenciar o desenvolvimento social, político, econômico e cultural entre a tradição hispânica e os referentes norte-americanos e europeus, procurando emancipar, as mentes da cultura tradicional para abraçar outros legados culturais (LARRAIN, 2005), não obstante, tais projetos apresentaram inconsistências e contradições próprias do legado cultural, pois os referentes históricos não foram os mesmos, e os grupos sociais apresentavam características distintas.

Um novo modelo global respeito das tecnologias instaurou-se em certo de lugares, negando com isso, lentamente outras formas de conhecimento. Nas palavras de Santos (2008, p. 21):

Sendo um modelo global, a nova racionalidade científica é também um modelo totalitário, na medida em que nega o caráter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas.

Nesse modelo de desenvolvimento social e produtivo, a Norteamérica manteve-se entre 1920 e 1930, um desenvolvimento interno. Note-se que para a época, as políticas econômicas, fizeram possível a industrialização, implementada a partir da construção de ferrovias e estradas, o que reforçou o crescimento de vários setores (BORSDORF, 2003). Como meio de transporte, as linhas férreas foram símbolo de crescimento, sendo ampliadas para acelerar o trânsito e

transporte de produtos. Na Colômbia e Brasil seguiram o mesmo rumo. Desta forma, Popayán e São Carlos em Brasil, tiveram também a princípios do século XX, transporte ferroviário, meio de transporte que faz mais eficiente a distribuição de produtos agrícolas a outras partes do país.

Na cidade de Popayán, o transporte ferroviário chegou em 1925 a raiz de um projeto de extensão das linhas férreas. Conhecido como 'O Ferroaria do Pacifico', substituiu a tração animal e fez possível o comercio o transporte de pessoas de forma eficaz (NIETO, 2011). Ao dia de hoje, este trem já não existe mais.

Mostra-se a continuação O Ferroaria do Pacifico em Popayán



Figura 1. Ferrovia do Pacifico. Paso do trem no caminho férreo Cali - Popayán.

Fonte: <http://expovirtuales.bibliovalle.gov.co/project/el-ferrocarril/>. Acessado em 02/09/2017

Um fato quase similar aconteceu em São Paulo, no mesmo século. Linhas férreas se multiplicavam ao longo do território, com o fim de expandir as comunicações, o povoamento, e a produção agrícola destinada à exploração (KROPF, 2009). Em São Carlos, a Estação de São Carlos ou Estação Fepasa se inaugurou em 1912, ficando até hoje na cidade, mais não leva passageiros desde o ano 2001.



Figura 2. Estação de São Carlos. Chegando de Eudóxia a São Carlos, Acervo José Alfeo Röhm
 Fonte: <http://www.estacoesferroviarias.com.br/s/scarlos.htm>. Acessado em 07/12/2017

Nota-se então, que as duas cidades a princípios do século XX, mostram indícios de desenvolvimento social e produtivo com a chegada das ferrovias.

Na fase de desenvolvimento social, Colômbia⁴ e Brasil⁵ atravessaram este legado, no entanto, os processos históricos para cada país foi particular e o desenvolvimento social progressivo em quanto à formação e presença de artesãos, próprio e diferente em cada contexto. Nesta relação, ambos países adaptaram as destrezas manuais e técnicas na educação da população indígena, afrodescendente, estrangeira e mestiça, é dizer, enfocadas em direção aos grupos sociais populares da época, considerados menos favorecidos a nível social, transmitindo a arte para a supervivência (VAQUERO, 1946).

Foram muito conhecidas na Colômbia e Brasil, instituições de ensino técnico como as EAO e nos LAO, onde dependendo a variável do crescimento das duas cidades, as escolas

⁴Situado na região nordeste de América do Sul formado por 32 departamentos, com uma superfície de 1.141.748 km² onde habita uma população em sua maioria mestiça, com minorias indígenas e africanas.

⁵Situado na região de América do Sul. O quinto país mais grande do mundo, área total equivalente a 47% do território Americano. A maior parte do país está compreendido entre os trópicos terrestres onde a selva amazônica abarca 3,6 milhões de km²

técnicas se converteram em grandes abastecedoras de produtos e formadoras de profissionais para as novas indústrias.

Ambos países experimentaram seus próprios imaginários, e frente à produção em massa de objetos, ferramentas e transporte, as técnicas se fizeram indispensáveis. Contudo, os setores artesanais perderam força a raiz da consolidação de novas tecnologias e a segregação política e social que os excluíram lentamente do avanço tecnológico, mudando representativamente seu papel na história. No tema da técnica, a mudança significativa da eficiência, praticidade e economia em setores industriais, afetou as técnicas tradicionais dos artesãos. Ao respeito, técnicas que demoravam mais tempo em ser aperfeiçoadas, foram substituídas ou simplesmente caíram em desuso. Além disso, os custos dos produtos baixaram, e centos de artesãos se vieram incapazes de manter suas oficinas nas cidades.

As representações sociais que envolvem as mudanças tecnológicas nos ofícios como ferreiros e joalheiros nas cidades em estudo, Popayán e São Carlos, se deram em cada cidade de diferente forma e através de multiplex eventos. A chegada das vias férreas a cada cidade, só é um exemplo que ajuda a visualizar, uma das tantas formas de progresso, que se deram em cada contexto urbano, onde aspectos políticos, econômicos, culturais, arquitetônicos e demais, firam determinantes.

Desta forma, as cidades escolhidas para este estudo foram particularmente Popayán e São Carlos por três razões: a primeira, porque simbolicamente as duas cidades são diametralmente opostas a nível histórico, ou seja, enquanto Popayán é uma cidade colonial conhecida como a *Jerusalém de América na Colômbia*, São Carlos é considerada a *cidade tecnológica do Brasil*; a segunda, porque nas duas cidades se registram trabalhos manuais feitos por ferreiros e joalheiros partir do século XX, registrando-se a manufatura da época; e terceiro, porque apesar que em Popayán e São Carlos se tem registros documentais dos ofícios, quase nenhum trabalho procura estabelecer a relação tecnológica dos ofícios desde as técnicas ou a permanência de oficinas antigas, circunscritas à relação mudanças tecnológicas – sociedade.

4.1. Prelúdio aos Ofícios Artesanais na Popayán, Colômbia

Popayán, cidade localizada no Departamento do Cauca - Colômbia, ao sudoeste colombiano no *Valle de Pubenza* entre a Cordilheira Ocidental e Central. Sua dimensão territorial é de 512 km² e se caracteriza por ser uma das cidades mais antigas e bem conservadas em termos de arquitetura colonial. No ano 2005 foi declarada Patrimônio Gastronômico pela UNESCO, incluindo um reconhecimento por parte da mesma organização, em relação à Procissões de Semana Santa, Obra mestra do Patrimônio imaterial da Humanidade. Apresenta-se a continuação a localização geográfica da cidade.



Figura 3. Mapa do Departamento do Cauca – Colômbia, localização da cidade de Popayán.
Fonte: <https://es.wikipedia.org/wiki/Popay%C3%A1n>. Acessado em 13/07/2017

Popayán é uma cidade atravessada pela história. Dois terremotos acontecidos em 1736 e 1983, modificou a arquitetura colonial que prevalece no espaço urbano. Toda uma estrutura colonial foi transformada, a imagem da cidade que para 1983 correspondia à imagem de 1736 reconstruída por arquitetos como o espanhol Antônio García, o alemão Simon Hschenherr, o *santafereño* Gregório Carsi e o sacerdote Andrés Pérez Arroyo, apago em parte o legado cultural que se correspondeu com a história (VILLANUEVA, 2010). Contudo, a influência do

barroco americano e as correntes do neoclássico, se tentaram para preservar a que hoje é a imagem da cidade.

Na seguinte sessão, apresenta-se um análises baseados nos registros documentais que se forma pesquisados. De forma geral, se fez uma revisão das seguintes referências documentais através de textos, teses, imagens, arquivos históricos e trabalho de campo, para reflexionar sobre os ofícios artesanais do ferreiro e joalheiro na Popayán – Colômbia.

A continuação, mostram-se as bases referenciais onde se centrou a pesquisa:

Tabela 1. Locações de bases referenciais

| |
|--|
| Arquivo José María Arboleda Llorente – Rua 3 No 5 – 38, Cidade de Popayán |
| Arquivo da Governação do Cauca – Rua 4 No 62, Cidade de Popayán |
| Universidade do Cauca – Grupo GESC, Departamento de Ciências Humanas e Sociais – Rua 4 N° 3-56, Cidade de Popayán |
| Biblioteca Luís Angel Arango, Cidade de Popayán – Rua 6 a # 2 – 78 |
| Museu de Arte Religioso, Cidade de Popayán, Rua 4 # 4 – 56 |

Fonte: Autora

Em pesquisa realizada nos arquivos públicos da cidade de Popayán foram encontrados os seguintes jornais, mostra representativa da vida dos artesãos de 1918 a 2004:

- a) Aquivo da Gobernación Departamental del Cauca, Popayán
 - Relaciones de Descuento de 1945-1957
 - Informe del Secretario de Gobierno, 1947. Colonia Penal de Munchique
 - Relaciones de Descuento de 1960 - 1970
 - Cuentas de almacén y cuentas de cajas del Plan de Rehabilitación del Cauca
- b) Arquivo José María Arboleda Llorente, Popayán:
 - Revista Mensual Número XCVI, año VIII, 1918. Profesionales de artesanos dentro de partido político liberal

- La Unión Conservadora, 1925. Profesor de metalurgia Ernest Schott, en la Universidad del Cauca, Popayán.
- Revista Histórica y Científica. XXVI, Número 174, 1926. Interior de la casa de la Escuela de Artes y Oficios en Popayán.
- Semanario La Unión Conservadora, 1927. Crónica de Loable Esfuerzo al maestro herrero Jesús María Dulcey.
- Semanario La Unión Conservadora, 1927. Publicidad: Cerraduras
- El Trabajo, 1931. Publicidad: Ismael Agredo.
- El Trabajo, 1942. Publicidad de Herramientas Agrícolas.
- El Liberal, 1942. Maquinaria y artículos metálicos.
- El Liberal, 1942. Maquinaria y artículos metálicos se venden en Venezuela.
- El Porvenir, 1952. Publicidad: TEKNIKON. Oficina de Ingeniera.
- El Porvenir, 1952. Publicidad: Cenón Mosquera A., Ferretería.
- La magia del Cauca artesanal: Modalidad tesis de pregrado, 1994
- El liberal. 2004. Historia de los barrios de Popayán
- Consideraciones sobre la arquitectura de Popayán – Javier Velasco, 2004

c) Museo de Arte Religioso

- Maestro platero Pedro Domínguez, 1714. Tomado de AGC Fondo Cabildos 1714, fl.2v.
- Maestro platero Christóval de Escárraga, hizo las puertas del Sagrario del convento de San Agustín con nueve marcos y una onza de plata, 1782. Tomado de AGC Ordenes Sagradas y asuntos varios, sig.9597, 1782
- Platero, Tomado de AGC Sig. 5325, Rep EI-7, FL.8v, 1800
- Maestro platero de plata Francisco Javier de Guzmán, autor del sagrario de plata

repujada de la Iglesia Santo Domingo de Popayán y otros objetos de los cuales se conservan en el Museo de Arte Arquidiocesano de Popayán. Hizo la gran custodia de plata dorada con muchos rubíes por encargo del Dr. Lucas Tenorio y Arboleda.

- Maestro platero José Escobar avecinado en Popayán oriundo de Quito, tenía tienda de platero, pero sin embargo lo sometieron a examen, Tomado de AGC Fondo Cabildos, signatura 5325, 1807
- Maestro platero y contraste de platería José Joaquín de Casanova, 1794 – 1805, Tomado de AGC Cabildo, tomo 37 ft.3, 1794 y tomo 50, fl.2v, enero 7 de 1805
- Maestro mayor del cabildo de Popayán – Santiago Calvo, 1816. Tomado de AGC Cabildo No 57, fl.41, 13 de julio de 1816
- Maestro platero – Diputado a examen de Plateros. Tomado de AGC Fondo Cabildos, tomos 59, ft.2, 1819
- Maestro mayor de platería, ejerció como examinador de plateros. Tomado de AGC Fondo Cabildos, tomo 63, ft.34r
- Folleto de publicidad de la muestra de objetos en el Museo, 2014.

Esta etapa da pesquisa teve por objetivo de localizar as histórias, registros de trabalhos de teses e material histórico, que nos indicou a presença de artesãos forjadores de metal na Popayán, desde antes e depois do terremoto de 1983, data importante, onde se registra mudanças sociais na população. Nesta época, muitas pessoas abandonaram a cidade e começaram de novo em outros territórios. Contudo, a cidade recebeu a seus novos habitantes, mudando as costumes e ofícios dos habitantes. Por outro lado, suma-se à presença do trem, a ideia de modernidade que para a época, foi atravessando o contexto social.

4.1.1. Popayán: uma Abordagem Colonial desde a Ferraria nos Ofícios

Popayán tem sido durante muito tempo, símbolo da arquitetura colonial das fachadas colombianas; herança cultural de um legado clássico de técnicas e tecnologias antigas que integram hoje, a reconfiguração de todo um espaço urbano.

A ‘Cidade Branca de Colômbia’ como é caracterizada, conserva o espírito mudéjar dos séculos XVI e XVII, prolongados no tempo, influenciando nas raízes do barroco do século XVIII e ainda o século XIX, apreciando-se grandes trabalhos arquitetônicos da mão da história (VELASCO, 2004). Terremotos como os acontecidos em 1736 e 1983, marcaram o ambiente urbano de uma nova reconfiguração histórica; contudo, durante a etapa de modificação de casas, reconstrução de edificações e alterações de elementos ao redor da cidade, apresentou-se mudanças na vida social, cultural, política, econômica, espacial e cotidiana dos habitantes.

Desta forma, as transformações locativas, a relação confraternal da cidade com o ferro forjado se manteve, pois centos de réplicas, cópias e restaurações se fizeram de forma variada e continua, tentando preservar a imagem ‘colonial’ já estabelecida desde séculos anteriores. Cabe anotar ademais, que o ferro forjado caracterizou o entorno colonial das construções históricas, sobre todo das mais antigas, de fato o legado cultural materializado desde a Espanha, se transformou na identidade própria na Popayán.

Nesta perspectiva se conservam, todavia em alguns ruas, avenidas, museus, casas, igrejas, parques e edificações, trabalhos em ferro forjado elaborado por artesãos que deixaram seu legado cultural implícito no ambiente urbano. Dito legado pode encontrar-se atualmente representado em ornamentos de igrejas, cadeiras de ferro em parques, luminárias de ferro e réplicas de iluminarias de todo material no centro histórico, escadas em universidades e escolas, balcões ao redor das praças, janelas nos museus e casas mais representativas, portas e barras de ferro de algumas instituições, entre outros elementos.

O anterior se integra às figuras simbólicas que se encontram inseridas nos espaços urbanos como águias, leonês, flores, etc., ampliando o universo da representação social da ferraria na cidade.

De forma geral, o tema do ferro forjado na arquitetura colombiana é amplo, no entanto, aportes como os de Arenas (1996), caracterizam alguns desenhos, técnicas e acabados em ferro através do contraste colonial de ornamentos inseridos nas construções de algumas cidades.

Particularmente aprofundando na arquitetura *payanesa*, o estúdio de Velasco (2004) aproxima-se à classificação de casas, balcões e janelas de numerosos trabalhos feitos em ferro, trabalhos artísticos custosos. A relação ferro – madeira também faz parte deste inventário, caracterizando a técnica da *forja artística*. Ilustra-se a continuação ao leitor, uma mostra de ferraria artística na Colômbia e Popayán



Figura 4. Grades ajoelhadas com barras de madeira. Fonte: Velasco (2004)



Figura 5. Grades de ferro forjado
Fonte: Velasco (2004)



Figura 6. Escadas de ferro forjado
Fonte: Arenas (1996)



Figura 7. Balcão de ferro forjado
Fonte: Autora



Figura 8. Grades de ferro redondo
Fonte: Velasco (2004)



Figura 9. Grades e balaústres de ferro
Fonte: Velasco (2004)



Figura 10. Janelas de ferro forjado
Fonte: Autora.



Figura 11. Grades de madeira com *balaústres*
Fonte: Velasco (2004)

Nesta direção, nota-se nas figuras anteriores, a presença da ferraria colonial na cidade, contrastada hoje, com técnicas contemporâneas. Réplicas, imitações e cópias de elementos consagrados, definem o conceito do colonial. Hoje, a imitação de luminárias de ferro na ‘cidade branca’ por exemplo, é um elemento particular de consagração colonial; na Figura 11, pode apreciar-se uma luminária em ferro. O conceito do colonial, parte de narrativas históricas construídas desde lógicas de pensamento hegemônico e eurocêntrico (ASTUDILLO, 2016),

não obstante, a consolidação desde o discurso, parte da ideia da tradição.

A reconfiguração dos espaços urbanos na cidade está sendo ressignificada e simbolizada a partir de práticas sociais e culturais próprias dos grupos urbanos. De forma geral, pode dizer-se que a imagem da cidade está mudando em meio da transição geracional que lhe há outorgado à cidade, outros significados. Mesmo que se encontrem estruturas de ferro colonial numa cidade representativa e histórica, percebe-se uma mudança representada no espaço, em relação com as práticas sociais.

A cidade *patoja* destaca-se por sua arquitetura e historicidade na Colômbia e ressalta-se a labor dos mestres, profissionais e artesãos que através de sua arte, consolidam o significado do colonial com seus trabalhos. Como símbolo de identidade colonial na arquitetura; os ofícios foram representativos para a construção de casas, ruas, caminhos, pontes, ornamentos, joias, edificações, e um incontável número de trabalhos manuais.

No percurso do tempo, a destreza manual de um artesão, foi consolidada a partir de ser reconhecido a sua arte por quase todos os habitantes do lugar, se este lugar era pequeno, a consolidação do artesão era iminente, pois os habitantes locais conheciam espacialmente quem era o ferreiro, joalheiro, alfaiate, sapateiro, entre outros. Foi uma representação social própria dos habitantes. Para 1927 se registra no jornal do *Semanário da União Conservadora* no Cauca, um reconhecimento público ao ferreiro Jesus María Dulcey, pela elaboração de trabalhos distinguidos na cidade como portas, janelas, grades e balcões em ferro na cidade.

Em Popayán, um ferreiro muito conhecido no entorno urbano por seus multiplex trabalhos, se consagrou na memória do povo. O ferreiro Ramos, tinha sua oficina no setor histórico da cidade, mais exatamente baixo a coluna de arco de uma ponte chamada: ‘Puente del Humilladero’, onde ficava sua casa (VEJARANO, 2000). A casa foi sua própria oficina, e na cima do telhado se encontrava uma imagem que indicava os pontos cardinais, mediante uma figura de um cavalo de metal, que girava com o vento.

Seu ofício a princípios do século XX, foi a técnica de ferrar cavalos, razão pela qual, sua oficina foi conhecida durante muito tempo como ‘O Cavalinho’. A representação social do ferreiro Ramos na cidade, gerou além disso, outros tipos de nome com os que chamaram à ponte, entre eles se destacam: Ponte da Ferraria, Arcada da ferraria, entre outros. Apresenta-se a continuação, na parte sul do Ponte do Humilladero, a casa do ferreiro Ramos:

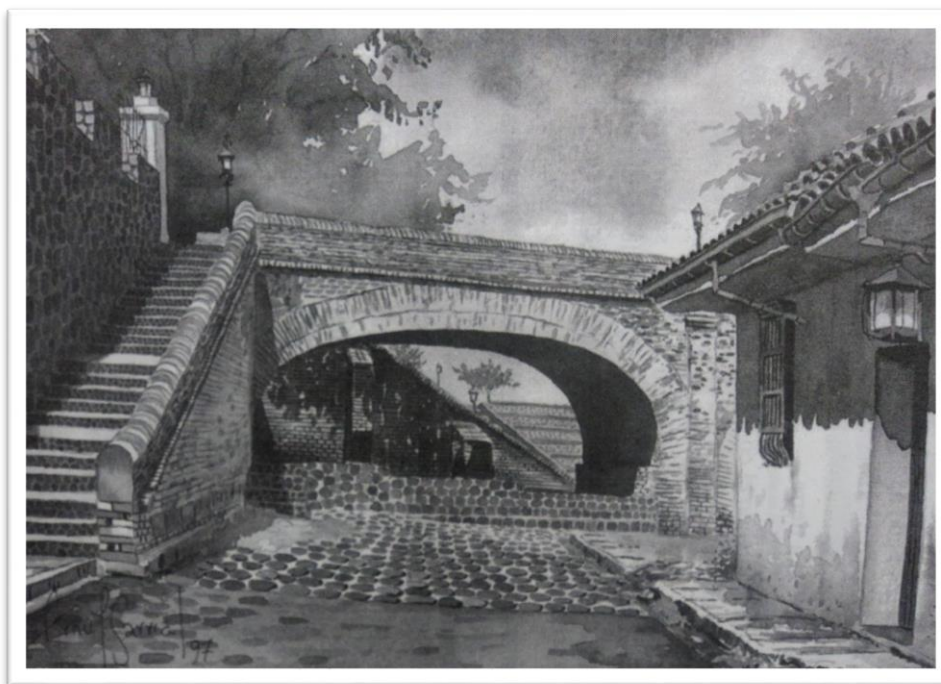


Figura 12. Oficina ‘O Cavalinho’, parte sul desde a ponte do Humilladero

Fonte: Velasco (2000)

Como uma projeção de desenvolvimento social, foi requerida então mão de obra técnica para organizar as cidades, assim que não tardaram em aparecer as EAO. No século XVI por exemplo, foi muito conhecido no ambiente popular da época o *Colégio de San Andrés*, localizado no antigo Reino de Quito, abarcando cidades como Pasto e Popayán, ensino técnico a cargo dos franciscanos (DAVILA, 1996). O projeto franciscano, era partidário de brindar uma educação ligada ao trabalho e à docência, assim que numerosos indígenas foram mestres e professores. Segundo a Davila (1996):

Nos modestos acabanais construídos pelos infantes castelhanos para descansar das fátigas da guerra e cambiar o arcabuz, a lança, e o terrenos inóspitos pelo bigorna, o arado e o cinzel encontram-se os princípios da renomeada Escola *Quiteña* (...) Nas faíscas que saltam da bigorna na forjadura dos metais que se encontram assim mesmo os começos da civilização, do progresso e da cultura artística dos povos.⁶

Desta escola *quiteña* saíram formados canteiros, chaveiros, *tallistas*, escultores, pintores, *batihojas*, entre outros. De fato, se sabe que para 1569 o franciscano Fray Jodoco Ricke fundador e professor da ordem religiosa, foi elegido para assistir ao convento franciscano de Popayán, onde posteriormente morreu alfabetizando os territórios dos *Chocoes*, *Noanamas* e

⁶ [En los modestos cabañales construidos por los infantes castellanos para descansar de las fátigas de la guerra y cambiar el arcabuz, la lanza, y el yermo por el yunque, el arado y el cincel se encuentran los orígenes de la renombrada Escuela Quiteña (...) En las chispas que saltan del yunque en la forjadura de los metales que se encuentran así mismo los orígenes de la civilización, del progreso y de la cultura artística de los pueblos]

Cirambiraes. Contudo, a meados do século XVI, vários cronistas da região não deram importância em suas crônicas aos trabalhos artesanais que faziam os indígenas; mas a existência de manufaturas pode ser documentada através das taxas de tributo dos visitantes com objetos como cobertores de algodão, fios de *chaquira*, algodão, entre outros produtos manufaturados (VARGAS, 1981).

Priorizando o tema dos trabalhos manuais, encontra-se nos informes de governo de 1942 enviados ao Secretário de Governo da época Guillermo Telo Rengifo, vários trabalhadores nos trechos das estradas de ruas, pontes e caminhos da cidade. No penal de Munchique (O Tambo), se ensinaram ofícios aos presidiários, de fato, nos registros encontrados aparecem a existência de 56 a 70 presidiários na construção dos caminhos rumo a Guapi, especificamente num ponto chamado a Mina, na parte alta da Cordilheira (NARVAES, 1943).

Os trabalhos eram dirigidos pelo senhor Luís Carlos Restrepo, encarregado das obras na região, realizando-se vários acampamentos com alambrado e estacas firmes que contavam com luz e uma rádio. Para este caso em particular no tema da ferraria, se extraia carbono em pequena escala que foi destinada ao mesmo lugar. Incluso para 1884 na construção de trochas, caminhos, pontes de ferro e demais, nas licitações se requeriam vários tipos de trabalhadores (VALENCIA, 1993).

A continuação demonstra-se no Tabela 2, a distribuição de trabalhadores, presidiários num acampamento:

Tabela 2. Distribuição de trabalho para os presidiários.

| Nome da ocupação | Número de trabalhadores |
|---------------------------------|-------------------------|
| Para a curtímbre | 3 |
| Para a gambonera | 2 |
| Para o aserrio | 4 |
| Para o limpar o estabelecimento | 3 |
| Para a ferraria | 2 |
| Para os assuntos vários | 4 |
| Para o serviço de casino | 3 |
| Total | 21 |

Fonte: Nárvaez (1943), Informe ao Secretário de Governo

Neste sentido, encontra-se registros da Governação do Cauca entre 1945 – 1970 nas

Relações de desconto, contas de armazém e contas de caixa, trabalhadores de todo tipo de ofício artesanal.

A continuação na Figura 13, mostra-se solo de forma representativa, uma das faturas do Plan de Reabilitação do Cauca onde se mostra a compra de materiais como ferro, arame e outros objetos necessários para a construção de ruas, pontes e estradas. Note-se na fatura, que os objetos são trazidos de Cali, não entanto, existem faturas de pedidos a armazéns de Popayán. Adicionalmente, se encontraram nos jornais da cidade, publicidade comercial de oficinas e venda de ferramentas agrícolas feitas com ferro (Figura 14):

PLAN DE REHABILITACION DEL CAUCA Form C-4
COMPROBANTE POR MATERIALES ADQUIRIDOS No. 1924
EL PLAN DE REHABILITACION DEL CAUCA Por \$ 565,00
MINISTERIO DE GOBIERNO Cap. V
CARRETERA " EL PALO FACUSYO " Art. 82
A
NELSON BRAVO G. CALI DEBE

de quinientos sesenta y cinco pesos MCTE.

de los siguientes artículos:

| NOMBRE Y ESPECIFICACION DE LOS ARTICULOS | Unidad de medida | CANTIDAD | Valor Unitario | VALOR TOTAL |
|--|------------------|----------|----------------|-------------|
| Soldadura de manganeso P-47 | Libra | 50 | 11,20 | 560,00 |
| Llaves para manómetro de oxígeno. | Núm. | 1 | | 5,00 |
| S u m a n | | | | \$ 565,00 |

Comitè Reabilitadora - CAUCA -
ABR 20 1960
PAGADO
PAGADO CON CHEQUE No. 009
BANCO *Caja*
-Santander-
Vo/Bo. El Ingeniero.
MAR. 31
NELSON BRAVO PEREZ.

Figura 13. Fatura de pedido de materiais.
Fonte: *Relações de desconto, contas de armazém e contas de caixa* 1945 – 1970

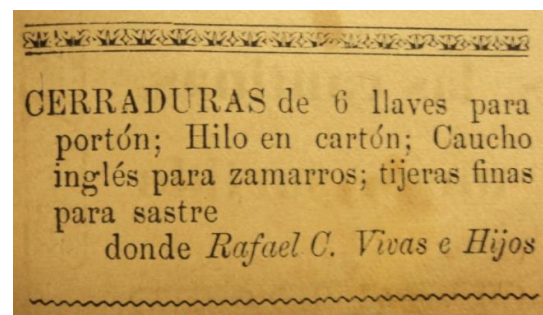


Figura 14. Publicidade de fechaduras 1927
Fonte: *Semanario La Uniao Conservadora* (1927)



Figura 15. Publicidade de venda de ferramentas agrícolas 1942
Fonte: *El Liberal* (1942)

Destaca-se particularmente entre os ofícios metalúrgicos: ferreiros, ajudante de ferreiro, ferramenteiro, ferreiro – soldador, laminador e soldador. Em cada registro se pode encontrar o salário, a data, lugar, dias de serviço, e os impostos retidos ao trabalhador. A continuação se ilustra só como mostra representativa para o ano 1970 na Tabela 3, a participação de metalúrgicos.

Tabela 3. Trabalhadores metalúrgicos na Popayán de 1970

| Nome | Emprego | Dias de serviço | Salário | 5 % Empregado |
|----------------------|-------------------|-----------------|---------|---------------|
| Alonso Pino Jara | Ferreiro | 31 | 1085 | 54.25 |
| Roberto Vargas | Pintor, laminador | 13 | 455 | 22.75 |
| | | 30 | 1050 | 52.50 |
| Cesar Palta | Laminador | 31 | 837 | 41.85 |
| | | 30 | 837 | 41.85 |
| Germán Mazabuel | Torneiro | 36 | 1000 | 90.00 |
| Jorge Ñañez | Ferreiro | 20 | 520 | 26.00 |
| | | 31 | 936.00 | 46.80 |
| José Córdoba | Ferreiro | 33 | 858 | 42.90 |
| Alonso Pinojara | Ferreiro | 30 | 1085 | 54.25 |
| Jesús Hernando Palta | Pintor, laminador | 30 | 1155 | 57.75 |
| A, Mosquera | Ferramenteiro | 15 | 632.55 | 31.63 |
| Luis Eibarra | Ferreiro | 15 | 486.00 | 24.30 |

Fonte: *Arquivo da Governação do Cauca. Relações de desconto, contas de armazém e contas de caixa*

Observa-se também na Tabela 3, que os trabalhadores da época pagavam uma porcentagem de desconto de acordo com o emprego. Encontram-se registros ademais, de contas de armazém e contas de caixas através de faturas, onde se reportam os pedidos de materiais em ferro a Cali e Popayán.

Estava correndo o século XX e uma escola de ensino técnico empezava a aparecer no ambiente *patojo*, a primeira EAO havia chegado a Popayán, - faculdade - que começava a formar parte da *Universidade do Cauca* na Colômbia. De acordo com os registros documentais, a EAOP⁷ abriu as aulas de ensino técnico num princípio a mulheres da região, não obstante,

⁷ A EAOP ficou no Claustro de Santo Domingo da Universidade do Cauca.

esta escola implementou também aulas encaminhadas ao ensino técnico dos homens (ARROYO, 1926).

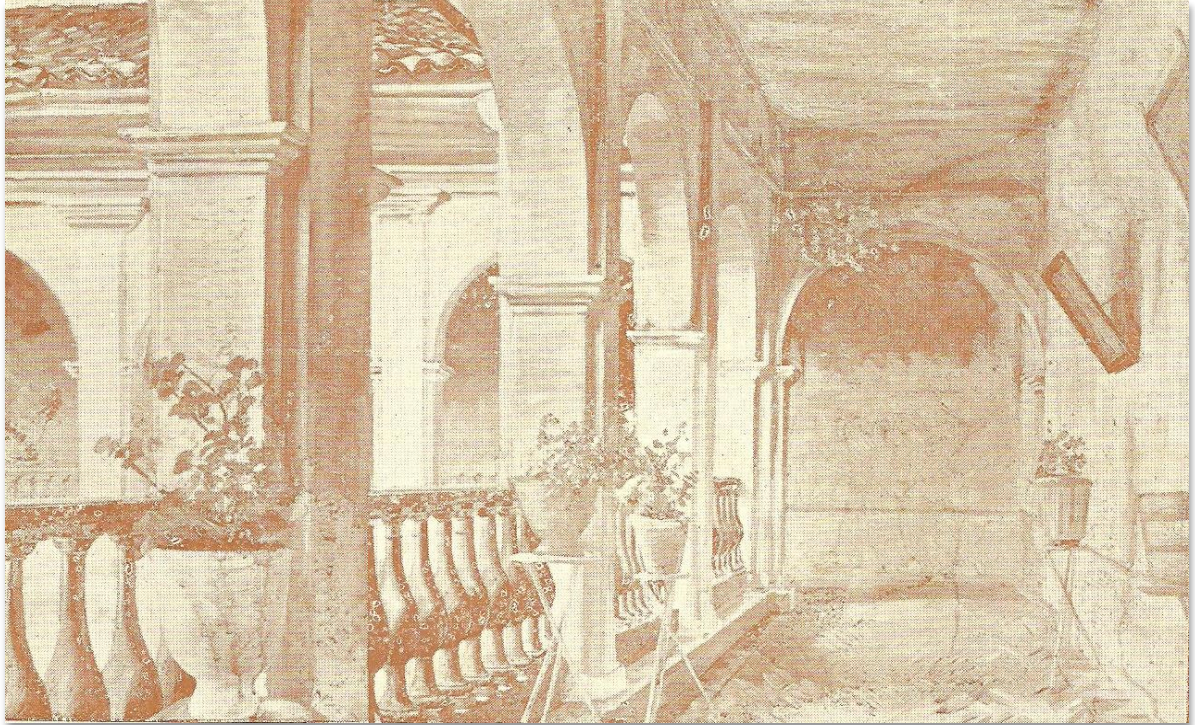


Figura 16. Interior EAOP. Óleo de Arturo Argón - *Universidad del Cauca*

Fonte: Arroyo (1926)

A Universidade do Cauca surgiu com a criação da República de Colômbia que visionou a importância do ensino técnico como uma projeção de progresso para a nação. Para a época da Colônia, a formação profissional técnica se havia projetado em América através de comunidades religiosas que dirigiram a ensino dos ofícios em meio das bases católicas na formação de trabalhadores para cultivos de terra, construção, e elaboração de ferramentas, ornamentos e utensílios domésticos (HERRERA, 2003). A categoria de *ensino técnico para setores populares* empezou a aparecer com o objeto de potenciar a capacidade produtiva do país.

De acordo com Herrera (2003, p. 107):

O ensino técnico para as classes populares se ministrava nas escolas complementarias, escolas noturnas, EAO e escolas industriais (...) grande parte das EAO estavam administradas por comunidades religiosas, estas capacitavam em artes manuais femininas, ferraria, tipografia, carpintaria, encadernação, sapataria, etc. Os títulos outorgados eram os de aprendiz, oficial e mestre, de acordo aos anos de estudo. O grau de controle que o governo tinha sobre estas instituições era reduzido, se havia legislado pouco sobre elas e não se conhecia seu número preciso. Durante os governos liberais se deu impulso ao ensino técnico, se falou de formar um protótipo de homem

que produzisse no sentido industrial, surgido não da luta pela vida senão de uma escola técnica. Em 1938 se criou a secção de ensino industrial e escolas complementarias dependente do ministério, ao tempo que posteriores decretos foram regulando o ensino industrial e fundaram novos estabelecimentos. Em 1946 existiam 62 EAO com 4.253 estudantes, dos quais 2.493 eram mulheres.⁸

Popayán revela-se como o terceiro centro intelectual da Republica, contando em 1918 com um grêmio de artesãos inscritos à ideologia liberal, mostrando um matiz político encaminhado para o progresso (OLANO, et al). Constata-se também que dentre as profissões liberais da época, advogados e engenheiros, ademais de artes como música, pintura, carpintaria, prataria, sapataria, talabartaria e cerâmica.

As exposições de artesanato foram anuais, destacando-se em particular, a oficina de brinquedos, além de que se tinha como projeto, contratar professores estrangeiros para ensinar distintos ofícios (OLANO, et al). Destaca-se nesta perspectiva, a presença do engenheiro alemão Ernest Schott, professor da Universidade do Cauca em Popayán no ano 1925, muito conhecedor de geologia, mineração, metalurgia, estudos geológicos e de química no jornal da Union Conservadora desse mesmo ano.

Anos mais tarde a EAOP, que fazia parte da Universidade do Cauca, passou a ser parte do SENA, instituição governamental que ainda hoje oferece cursos técnicos. De forma geral então esta foi a primeira escola técnica que se ficou na Popayán e que formou centos de artesãos destros num ofício específico. Os artesãos desta época se consolidaram como mestres, sendo a maioria reconhecida e sobressaltados pelos habitantes da cidade.

Neste ambiente social ainda assim, os artesãos empezavam a ter para 1981 uma situação crítica social, econômica e cultural lamentável, presentando-se casos nos que o artesão abandonava o ofício por falta de clientes, elevados custos de material, mudança de endereço, dedicação a outras atividades, envelhecimento, falta de dinheiro ou simplesmente falta de estímulos sociais (RAMÍREZ DE LÓPEZ, 1982). De acordo com Ramírez (1982, p. 2):

⁸[La enseñanza técnica para las clases populares se impartía en las escuelas complementarias, escuelas nocturnas, escuelas de artes y oficios y escuelas industriales (...) gran parte de las escuelas de artes y oficios estaban regentadas por comunidades religiosas, éstas capacitaban en artes manuales femeninas, herrería, tipografía, carpintería, encuadernación, zapatería, etc. Los títulos conferidos eran los de aprendiz, oficial y maestro, de acuerdo a los años de estudio. El grado de control que el gobierno tenía sobre estas instituciones era reducido, se había legislado poco sobre ellas y no se conocía su número preciso. Durante los gobiernos liberales se dio impulso a la enseñanza técnica, se habló de formar un prototipo de hombre que produjera en el sentido industrial, surgido no de la lucha por la vida sino de una escuela técnica. En 1938 se creó la sección de enseñanza industrial y escuelas complementarias dependiente del ministerio, al tiempo que posteriores decretos fueron regulando la enseñanza industrial y fundaron nuevos establecimientos. En 1946 existían 62 escuelas de artes y oficios con 4.253 estudiantes, de los cuales 2.493 eran mujeres]

O artesão se encontra isolado do sistema económico, não dispõe de mecanismo algum que seja garante a seu trabalho. A produção artesanal é pouca, devido fundamentalmente à não disposição de dinheiro para investir, igualmente à pouca saída de estes artigos em forma directa do mercado, pela grande influência dos intermediários, repercutindo assim nos custos e por conseguinte nas ingressos económicas.⁹

Com relação ao tema da forja na Popayán, Ramírez (1982) descreve que uma oficina de ferreiro se podia encontrar: cobre, ferro, alumínio, aço, bronze, pinturas, lixa e rebites que se conseguiam no mercado local. Entre suas ferramentas: martelos, tenazes, calibradores, palancas (dobra o ferro quente), bigorna onde se batem as peças e a prensa, utilizada para fixar o material; e maquinarias como: tesoura, broca, polidora, cortador, soldador e esmeril. Adicionalmente nas oficinas, os ferreiros tinham ferramentas feitas ou melhoradas por eles mesmos como o cinzel e gravador (RAMÍREZ, 1982).

Uma descrição do ofício da ferraria para esta época se pode descrever segundo a Ramírez (1982, p. 65):

Cortam-se as peças, numa bigorna se endireitam, se esquentam as peças na forja para forjar, numa bigorna se batem com um martelo o com uma marreta. Quando são peças iguais se elabora uma matriz e ali se vão colocando as peças para que fiquem idênticas. Seguidamente se procede a retificar cada peça na bigorna ou na prensa. Depois se juntam as peças com soldadura eléctrica e em alguns casos com soldadura oxiacetilénica especialmente quando se trabalha em obras delicadas, principalmente em lâmina. O acabado compreende o polimento que se pode fazer com a polidora ou com lima.¹⁰

De acordo com Ramírez (1982), a demanda de objetos em forja foi escassa apesar de ter a cidade um legado cultural no ferro, incluso, por mais que os ferreiros invertiam grandes quantidades de dinheiro em elaborados trabalhos, estes não foram bem remunerados, ou eram mostrados ao público, sem nenhuma oferta de compra. Entretanto, alguns ferreiros que mantiveram seu ofício atendo exclusivamente pedidos por encargo, mas esta atividade foi esporádica e os honorários incertos. As poucas oficinas que se mantiveram, foram pelo prestígio do artesão ou porque alguns aceitavam fazer trabalhos a baixos custos (RAMÍREZ, 1982).

⁹[El artesano se encuentra aislado del sistema económico, no dispone de mecanismo alguno que le proporcione garantías a su trabajo como tal. La producción artesanal es poca, debido fundamentalmente a la no disposición de capital para invertir, igualmente a la poca salida de estos artículos en forma directa del mercado, por la gran influencia de los intermediarios, repercutiendo así en los precios y por consiguiente en las entradas económicas]

¹⁰ [Se cortan las piezas, en un yunque se enderezan, se calientan las piezas en la forja para forjarlas, en el yunque se golpean con un martillo o con una maceta. Cuando son piezas iguales se elabora una matriz y allí se van colocando las piezas para que queden idénticas. Seguidamente se procede a rectificar cada pieza en el yunque o en la prensa. Después se unen las piezas con soldadura eléctrica y en algunos casos con soldadura oxiacetilénica especialmente cuando se trabaja en obras delicadas, principalmente en lámina. El acabado comprende el pulimento que se puede hacer con la pulidora o con lima, lija.]

Entretanto, outra EAO apareceu em Popayán depois do terremoto de 1983. O objetivo principalmente, foi ajudar na restauração de numerosos objetos, edificações e restaurações que devastaram a cidade por completo. A escola técnica que veio depois do terremoto foi conhecida e ainda prevalece na cidade, como a Fundação escola taller de Popayán – FETP -. A FETP surgiu a partir de um programa de governo na Colômbia em parcerias com AECID e distintas instituições colombianas nos anos 1992 – 1994, procurando fomentar a aprendizagem dos ofícios artesanais. A primeira escola se criou na Cartagena y depois em Popayán. O lema da organização atualmente é aprender fazendo, sendo os aprendizes principalmente jovens em situação de vulnerabilidade, produto do conflito (VILLANUEVA, 2010).

Com a presença das EAO na cidade, muitos artesãos abriram suas próprias oficinas, conhecendo-se assim, artesãos na arte da sapataria, carpinteira, alfaiataria, ferraria, joalheria, cantaria, serralheria e outros. Além disso, alguns bairros, ruas e avenidas da cidade, se caracterizaram por albergar vários artesãos de diferentes ofícios num mesmo espaço. O jornal o Liberal de 2004, publicou recentemente um compendio sobre *a história dos bairros na Popayán*, compendio que para esta pesquisa, foi analisado com o objetivo de caracterizar o espaço urbano dos artesãos.

Identifica-se no compendio da história dos bairros na Popayán, os locais donde se encontravam os artesãos.



Figura 17. Rua de São Agustín. Artesãos esculpidores e fabricantes de moveis
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 18. Rua do Empedrado. Artesãos
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 19. Rua de São Camilo. Artesão conhecido como Mariano Estorvo
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004

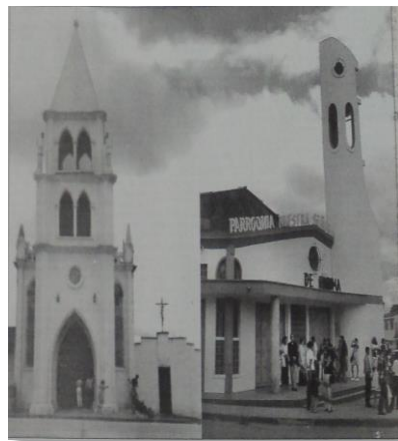


Figura 20. Bairro o Cadillal. Artesãos alfaiates e construtores (pedreiros)
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 21. Rua da Carniceria. Artesãos carpinteiros, latoeiros, *talabarteiros*, alfaiates e cabeleireiros. Nesta rua foram construídos luminarias forjadas, roupas, chapéus, sapatos, cadeiras, etc.
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 22. Rua São Rafael. Artesãos fiandeiros, carpinteiros, horticultores, elaboradores de panelas de bairro, pedreiro, envolvedores de tabaco, vendedores de lenha, preparadores de caldos.
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 23. Rua do Chocó. Artesãos alfaiates, comerciantes, empregados, um advogado, um médico, um músico e uma quantidade considerável de criados e escravos.
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004



Figura 24. Bairro Modelo. Artesão Tomás Ibarra, talhador de madeira e Restaurador de imagens.
Fonte: Jornal o Liberal. História dos bairros, 2004

É de indicar que no compendio da *história dos bairros em Popayán*, assiste-se a caracterizar (8) oito bairros principalmente, nos que aparecem diferentes tipos de ofícios artesanais. Popayán se divide em 9 (nove) comunas, e cada comuna integra numerosos bairros. A mostra dos bairros artesanais em Popayán foi classificada por comunas, encontrando-se que a maior parte deles tinha suas oficinas artesanais no centro (Comuna 4), como pode olhar-se no Tabela 4.

Tabela 4. Bairros e ruas de artesãos na Popayán

| BAIRROS DE ARTESÃOS | COMUNAS |
|--|----------------|
| Bairro San Agustín – Rua de São Agustín | 4 |
| Bairro o Empedrado – Rua do Empedrado | 4 |
| Bairro São Camilo – Rua 8ª e 9ª | 4 |
| Bairro Modelo – Rua 1 Norte e 4 Norte | 1 |
| Bairro O Cadillal – Rua 4 e 1N | 4 |
| Rua da Carniceria – Atual Bairro o Empedrado | 4 |
| Bairro Bolívar – Rua do Chocó – Rua 7ª e 8ª | 3 |
| Rua São Rafael – Bairro São Rafael | 4 |

Fonte: Jornal o Liberal (2004) com adaptações

Quanto à localização das oficinas e ofícios artesanais por meio do jornal o Liberal da história dos bairros, constata-se que: a) a maior parte de artesãos tem um legado histórico e cultural na cidade que se construí desde o centro da mesma, ou seja, se encontrou que a maior parte de oficinas ficavam no centro da cidade, não excluindo que umas poucas, ficavam na periferia, o que foi representativo na construção da identidade; e b) a imagem atual dos bairros contrastada com a mostra documental apresentada pelo jornal, indica que nos bairros e ruas onde anteriormente encontravam-se as oficinas artesanais, já não contam quase hoje com a presença de artesãos.

4.1.2. Popayán: uma Abordagem Colonial desde a Joalheria através dos Ofícios

Dentro das representações simbólicas da ourivesaria, a elaboração de ornamentos como joias, brincos, anéis, coleiras, candelabros, braceletes e demais, caracterizou a centos de grupos humanos. Antigamente, a presença de artesãos como ourives e pateiros na Europa do século XVI durante o Renascimento, foi representativa e enalteceu o prestígio e o poder de numerosos reis e figuras importantes (PALOMERO, 1997). Cada objeto adoptava um valor representativo próprio, ou bem como amuleto de proteção, ou bem como elemento curativo, ou simplesmente adquiria outro tipo de representação social, cultural, econômica ou política específica.

Civilizações antigas como as gregas, romanas, egípcias e pré-hispânicas, por exemplo, utilizavam os ornamentos como símbolo de distinção social, decoração (para usar no corpo), ou ritual (para adorar a seus deuses) (CAZENAVE e ESPINAR, 1944). Civilizações muito mais antigas como a babilônica, assíria e suméria (3000 anos A.C), foram portadores de grandes conhecimentos na ourivesaria destacando-se técnicas como o granulado (consistia em decorar utilizando grãos de ouro), filigrana, e incrustação de pedras preciosas (CASABÓ, 2010).

Os ourives também se organizaram em grêmios artesanais que jogaram um papel importante nas sociedades antigas. Nenhum ourives podia realizar um trabalho, sem pertencer a um grêmio profissional, localizando-se os centros de maior produção ao redor de figuras como Carlos V, Felipe II, Francisco I, Enrique II, Enrique VIII, Isabel I, Papas y Médicis (PALOMERO, 1997). Segundo Palomero (1997, p. 135) na oficina acontecia do joalheiro se elaborava uma peça assim:

Parece ser que primeiro se fazia um desenho ou gravado da peça a executar e logo com este adiante começava o trabalho com o ouro, repuxando ou em filigrana, a continuação se lhe esmaltava e logo procedeu-se a entregar-lhes as pedras preciosas, esculpidas em *cabujón*, tabela, ponta *naife* e ocasionalmente em brilhante (...). Isto permite distinguir três atividades: desenhador, joalheiro e escultor, que frequentemente se reuniam num só trabalhador (...) havia pintores e incluso arquitetos que disponibilizaram desenhos aos joalheiros, como o caso de Hans Holbein que dava esboços de joias a seu amigo o joalheiro Hans de Amberes e artistas especializados só para entalhar as pedras.¹¹

¹¹[parece ser que primero se realizaba un dibujo o grabado de la pieza a ejecutar y luego con este delante empezaba la labor con el oro, repujándole o en filigrana, a continuación se le esmaltaba y luego se procedía a engastarle las piedras preciosas, talladas en *cabujón*, tabla, punta *naife* y ocasionalmente en brillante (...). Esto permite distinguir tres actividades: Diseñador, joyero y tallador, que muchas veces se reunían en un solo trabajador (...) había pintores e incluso arquitectos que suministraron diseños a los joyeros, como sería el caso de Hans Holbein que pasaba dibujos de joyas a su amigo el joyero Hans de Amberes y artistas especializados sólo en la talla de piedras]

De acordo as ordenanças próprias do grêmio, a maioria de apêndices tinha que ter uma idade superior aos 12 anos e basicamente saber ler e escrever; aos 25 anos e 6 de assistência trabalhando com um mestre; podia ademais, apresentar uma prova para converter-se em mestre, e de aprovar, o novo mestre podia abrir sua própria oficina e consolidar assim o ofício (PALOMERO, 1997).

Nesta linha, foi herança para alguns povos colonizados pelos espanhóis, a prataria, cujo ofício artesanal consistia em elaborar ornamentos para igrejas e famílias em prata ou ouro. É bem conhecido ao respeito, que os prateiros do século XVI, lutaram por ser considerados artistas antes que artesãos, posto que precisavam ter conhecimentos nas artes liberais para fazer suas obras (LÓPEZ-YARTO, 2008). Ressalta-se entre os trabalhos na prataria em parceria com pintores e escultores da época, custodias, ornamentos coloniais, esculturas de prata e ouro, gravados em relevo, retábulos, entre outros.

Colômbia e especificamente Popayán, foi herdeira do legado cultural dos espanhóis da prataria, conhecido hoje em igrejas, museus de arte religioso, e casas culturais de algumas famílias reconhecidas durante o período independentista. Muitos dos trabalhos artísticos feitos por ourives e artesãos que trabalharam no conjunto suas técnicas, elaboraram objetos de grande relevância social para a época, sobre todo para igrejas e casas de famílias com boas posições sociais, destacando-se diferentes objetos litúrgicos e de estilos próprios como retábulos, ornamentos em cruz, custodias, joias, coroas, e vários mais.

Apresenta-se a continuação algumas figuras representativas da prataria na Espanha, legado colonial na Colômbia:

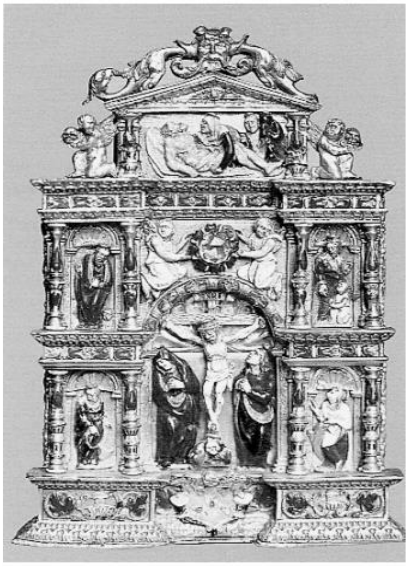


Figura 25. Portapaz – Oficina Francisco Becerril.
Catedral das palmas da Gran Canaria
Fonte: López-Yarto, 2008

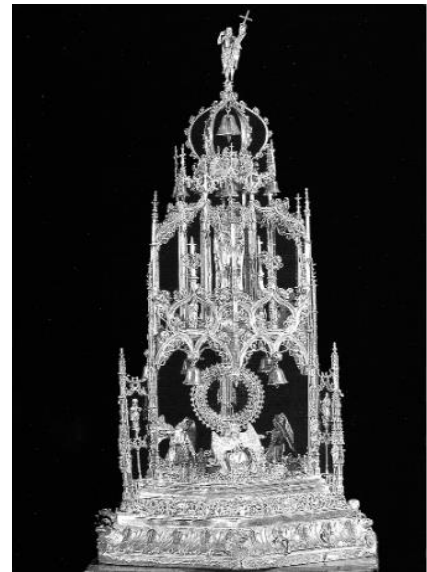


Figura 26. Custodia processional. Enrique de Arfe.
Monastério de beneditinas de Sahagún
Fonte: López-Yarto, 2008



Figura 27. Relicário da vigem com o menino
Fonte: López-Yarto, 2008



Figura 28. Caminho do Calvário. Diego Vázquez e Pedro de Medina –Catedral de Toledo
Fonte: López-Yarto, 2008

Contudo, e apesar do forte legado espanhol, a história da ourivesaria na Colômbia, também pode registrar-se desde a época da conquista, mediante numerosos grupos pré-colombianos que haviam desenvolvido expressões artísticas próprias. Na Colônia, vários espanhóis atraídos pelo ouro, se estabeleceram nos territórios colombianos com o fim de explorar os recursos minerais. Nesta onda, vários espanhóis entre eles comerciantes, artesãos e ourives, consolidaram uma técnica particular que se misturou com as tradições indígenas, afro-americanas e hispano-árabes (CAICEDO e MAZUERA, 2009). A filigrana foi uma de essas técnicas, Mompos foi lugar de nascimento da filigrana momposina.

Em Popayán especificamente, o ouro e o cobre foram os materiais mais trabalhados pelos indígenas, a cidade contava com numerosos rios dos quais se extraíam grandes quantidades de ouro, de fato, os indígenas de Popayán saíam à guerra levando coleiras e uma grande armadura, feitas em ouro (VARGAS, 1981). A riqueza mineira foi enorme, mas a exploração não resultou fácil, posto que os colonos se viram enfrentados tanto à difícil situação da selva, como à resistência dos indígenas, situação que causou um rápido descenso na população indígena, que também participou na época, como mão de obra na descoberta de minas (DE RUEDA, 2009). Diminuída a população, se vinculou a mão de obra escrava dos africanos, fomentando a agricultura e o comércio, desta forma, formaram-se classes sociais ricas de mineiros, latifundiários e comerciantes.

No período colonial destacam-se ao redor da produção mineira, grandes fazendas. De acordo com Dias (1996), como cabeça da Província, Popayán foi o centro de administração da empresa mineira, centrando-se a exploração aurífera em três regiões: a) Valle geográfico e Meseta de Popayán; b) Terras baixas do Litoral Pacífico desde o Alto Atrato até a fronteira colombo-equatoriana; c) A zona aurífera da Governação do Chocó através dos rios. Ao redor das minas se fizeram vários acordos políticos, sociais e econômicos, com o fim de prestar tributo às ordens de Estado superiores, forçando a denunciar as descobertas das novas minas, para garantir a provisão de alimentos aos trabalhadores da mina.

As expressões culturais também se fizeram visíveis através da ourivesaria da época colonial. As festas populares por exemplo, foram uma das poucas oportunidades que tinham os anfitriões de mostrar o grau de riqueza e comodidade econômica (DE RUEDA, 2009). Como fato cultural também desde o século XVI, a Semana Santa de Popayán, tradição histórica e cultural na que o ambiente religioso e artístico inunda a cidade, destacando-se os retábulos em madeira que na cima levam a imagem de uma figura religiosa representativa. Ditas esculturas, foram elaboradas por escolas artísticas na Sevilla, Granada, Andaluzia, Quito, Francia, Itália e Popayán. A ourivesaria joga um papel transcendental, pois não só os retábulos foram trabalhados por artesãos, senão que ademais as figuras religiosas da Semana Santa, levam mantas tecidas ou bordadas em ouro, além de levar objetos como coroas, e bengalas, elaborados em ouro e prata.

Na questão da ourivesaria *patoja*, esta pode ser documentada desde as igrejas e museus de arte religiosos. O Museu de Arte Arquidiocesano na Popayán, reúne por exemplo um importante grupo de obras de arte proveniente dos templos e conventos da cidade (De Rueda,

2009). A prataria destaca-se entre os multiplex trabalhos, sendo assinados a maioria pelos mestres prateiros da época, além disso, os objetos domésticos que aparecem resenhados, oferecem valiosa informação sobre as joias das famílias conservadoras e tradicionais na Popayán. Como símbolo cultural dentro da ourivesaria na Popayán, destaca-se o trabalho das águias bicéfalas (uma águia com dois cabeças), atribuídas aos prateiros Antônio Rodríguez e N. Juan Álvarez de Quiñones (c. 1678), trabalho fundido e ensamblado com perlas, ametistas e vidros de cores (DE RUEDA, 2009).

Apresenta-se a continuação, a imagem da *Custodia A Bicéfala* que se encontra no Museu de Arte Religioso de Popayán:



Figura 29. *Custodia A Bicéfala*. Antônio Rodríguez e N. Juan Álvarez de Quiñones – Museu de Arte Religioso. Fonte: De Rueda (2009)

A imagem do águia bicéfala na cidade, tem um legado histórico cultural. De Rueda (1996) argumenta, que as águias simbolizavam a realeza e a ressurreição, de fato, se a águia se encontrava na frente com as asas estendidas e a cauda espalhada, foi emblema de coragem e presteza. A águia foi legada espanhol, se remonta desde os reis godos, até os católicos que a adoptaram em seus escudos, ademais, é distintivo heráldico das Austrias ou Habsburgo (DE RUEDA, 2009).

De forma geral, no Museu de Arte Religioso pode-se encontrar um legado da ourivesaria considerável, salienta-se o fato que depois do terremoto de 1983 onde a cidade ficou devastada,

várias figuras e imagens foram restauradas, a maioria em Bogotá. Contando com o águia bicéfala, se encontram analogamente símbolos representativos tais como a virgem apocalíptica que se encontra na cima do mundo; a meia lua e a metade do mundo em prata martelada, cinzelada e repuxada; a coroa da imaculada, uma das peças mais importantes da ourivesaria colombiana, conhecida como a Coroa dos Andes, etc. O legado religioso por parte dos jesuítas, franciscanos, agostinhos e demais, enriquecem a mostra ourives da cidade.

A continuação, apresenta-se alguns ornamentos que se encontram no Museu de Arte Religioso em Popayán:



Figura 30. Caliz e custódia de Morales 1617.
Fonte: De Rueda, 1996.

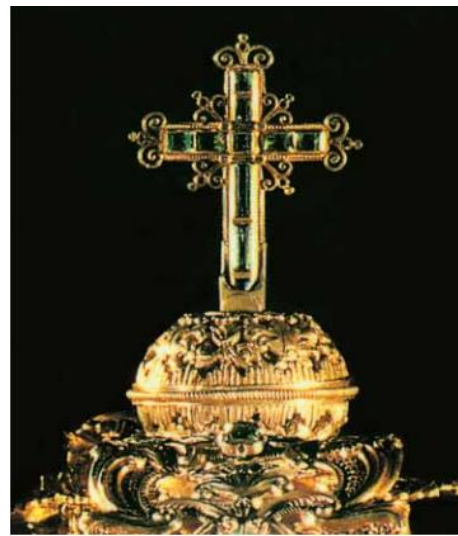


Figura 31. Detalhe da Coroa da Imaculada, conhecida como a Coroa dos Andes – Anônimo, século XVIII
Fonte: De Rueda, 1996.



Figura 32. Custódia Popayán
Fonte: Autora



Figura 33. Imagem da virgem e o mundo
Fonte: Fonte: Autora

Lamentavelmente, para 1982, se registra na Popayán de acordo com Ramírez (1982), uma dinâmica econômica para os artesãos, bastante desfavorável, mudando suas oficinas, ferramentas, e atividades comerciais. A manufatura para este período se vê fortemente influenciado pela entrada de produtos e materiais de preços menores e a competência de outros artesãos.

Destaca-se ademais no século XIX e dentro da elite colombiana, a ideia pela moda europeia, fantasia pouco saudável, na medida que muitas mulheres mandavam a trazer por pedido suas joias, a Paris, Amsterdam ou Londres. Contudo, os vestidos, acessórios e objetos de valor, eram tidos como uma inversão a longo prazo, de fato, era comum que em épocas de instabilidade econômica, casos de pobreza ou perseguições, as famílias que possuíam joias, procuraram empenhar ou vender os objetos de valor (POVEDA, 2015). Os vestidos deviam cuidar-se de igual forma que as joias preciosas.

No ano 2001 e 2002 implementou-se na Colômbia, o Programa Nacional de Joalheria desde artesanais e minerais de Colômbia, mediante os programas focados no desenvolvimento das técnicas manuais da ourivesaria. O objetivo fundamentalmente, foi estabelecer uma relação mais própria do ouro nos espaços sociais, trabalhando seu uso, na formação técnica e profissional. O desenvolvimento desta iniciativa, incentivou um trabalho de produção conjunta apoiado pelo SENA, Asojoyeros, CPD; Associação de joalheiros de Antioquia, entre outros. No 2007, o Ministério de Comercio, Industria e Turismo em parceria com o CDP, se uniram para fortalecer o trabalho do setor de joalheria na Colômbia.

4.2. Prelúdio aos Ofícios Artesanais no São Carlos

A cidade São Carlos está localizada no interior do Estado de São Paulo, Brasil, mais especificamente na região Centro-Leste com uma área de 1.137.332 Km². Na segunda metade do século XX, a cidade recebeu um grande impulso para seu desenvolvimento tecnológico e educacional, considerada assim a Capital Nacional da Tecnologia (Lei Nº 14.917 de 23 de abril de 2009) devido à concentração de numerosas empresas, sua economia se fundamenta em atividades industriais e agropecuárias, sendo um importante centro industrial. A atividade universitária é intensa, em abril de 1953 se apertura a Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo (USP), e na década de 70, a criação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), posicionando-se como uma das cidades principais do Brasil (PREFEITURA DE SÃO CARLOS).

Apresenta-se a continuação a localização geográfica da cidade.



Figura 34. Mapa do Município de São Carlos – Brasil, Estado de São Paulo.

Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Carlos_\(S%C3%A3o_Paulo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Carlos_(S%C3%A3o_Paulo)), Acessado em 13/07/2017

Em termos de produção se destaca na indústria agropecuária produtos como: a cana-de-açúcar, laranja, leite e frango, servida por sistemas rodoviário e ferroviário. Além de importantes multinacionais como Faber Castell, Volkswagen, Tecumseh, entre outras, razão pela qual é considerada como cidade tecnológica.

Na cidade de São Carlos, o rápido crescimento na atividade econômica do café cativou numerosos estrangeiros. Se conhecem registros no São Carlos de migrantes franceses, italianos, espanhóis e demais, cuja atividade de laboral desde 1894 se materializou na formação de empresas como alfaiatarias, sapateiras, oficinas de joalheria, lojas comerciais, entre outras, posicionando-se as principais, na Avenida São Carlos (KEBBE, 1983; PINTO, 2000 e 2007), onde hoje prolifera um comércio abundante de ferragens, lojas comerciais, venda de móveis, restaurantes, vendas de materiais de construção, etc.

Como uma primeira aproximação aos ofícios do ferreiro e joalheiro na cidade de São Carlos, foi fundamental a pesquisa de fontes bibliográficas existentes, tais como os Almanack's de São Carlos desde 1894 até 1928, e alguns textos representativos da literatura clássica Saocarlense (KEEBE, 1983; PINTO, 2000 e 2007; TRUZZI, 2008; DAMIANO, 1996; etc.), incluindo teses recentes como o caso de Rauter (1998), que descreve através da memória dos velhos, a história de Itirapina e aos redores. De modo semelhante, destaca-se o texto de Gonçalves (2000), escritor e artesão saocarlense, que em forma narrativa, reconstrói o cotidiano dos cidadãos que viveram por longo tempo na cidade. Em um dos relatos lembra Gonçalves (2000, p. 10):

Na década de 40, São Carlos era uma cidade com pouco mais de 50 mil habitantes, servida por bondes que se locomoviam pelas ruas calçadas de paralelepípedos, lentos mas seguros, por sobre trilhos e movidos a eletricidade [...] Havia 4 linhas, que saiam da estação ferroviária e mandavam à Vila Nery, cemitério, Santa Casa e Ginásio.

Esta revisão de fontes documentais, possibilitou principalmente identificar em São Carlos, a permanência artesãos ferreiros e joalheiros principalmente, representativos no âmbito social, político, econômico e cultural da cidade.

Para 1873, o Almanaque da Província de São Paulo publicado por Luné e Fonseca, dedicava três páginas a São Carlos destacando a produtividade de café e cana-de-açúcar em suas terras; assim, enumeravam-se para a época, profissionais, comerciantes e artesãos com os seguintes ofícios: três advogados, dois médicos práticos, dois farmacêuticos, onze lojas de fazendas, vinte e sete armazéns de molhados, quatro alfaiates, um alugador de animais, um bilhar, dies e oito carpinteiros, três ferradores, três ferreiros, dois fogueteiros, quatro funileiros, um hotel, um maquinista, quatro marchantes, dois marceneiros, dois padeiros, dois pedreiros, seis sapateiros, quatro seleiros, e dois torneiros (SERRA et al, 2008, p. 31).

Mostra-se na seguinte fotografia da Fundação Pró-memória de São Carlos, Arquivo Público

e Histórico, meninos aprendendo o ofício de sapateiro com imigrante italiano, no início da profissão.



Figura 35. Meninos aprendendo o ofício de sapateiro, 1920.
Fonte: Serra, et al (2008)

Em contrapartida, se pesquisou também nos Almanack's de São Carlos, encontrando-se registros de artesãos saocarlenses desde 1894 até 1928. Este trabalho de arquivo, na procura da recuperação da memória social e histórica da cidade, permitiu resgatar o nome de alguns ferrarias comerciais, armazéns de ferragens e oficinas (AUGUSTO, 2007a; AUGUSTO, 2007b; CAMARGO, 2007a; CAMARGO, 2007b; CASTRO, s.f; DE MELLO, 2007; APARECIDA, 2014), estabelecendo a localização de alguns artesãos, faz pelo menos noventa anos atrás, com o fim de olhar ao dia de hoje, como eles se encontram distribuídos.

A informação coletada dos Almanack saocarlenses, permitiu identificar a maior parte dos locais artesanais de ferraria e joalheria, no setor central da cidade, em particular, nas ruas principais. O fato de encontrar localizados os artesãos saocarlenses a maioria no centro da cidade, mostra-nos que o papel que os ferreiros e joalheiros tinham na sociedade de São Carlos, era representativo e fazia parte do contexto, no meio da construção da cidade.

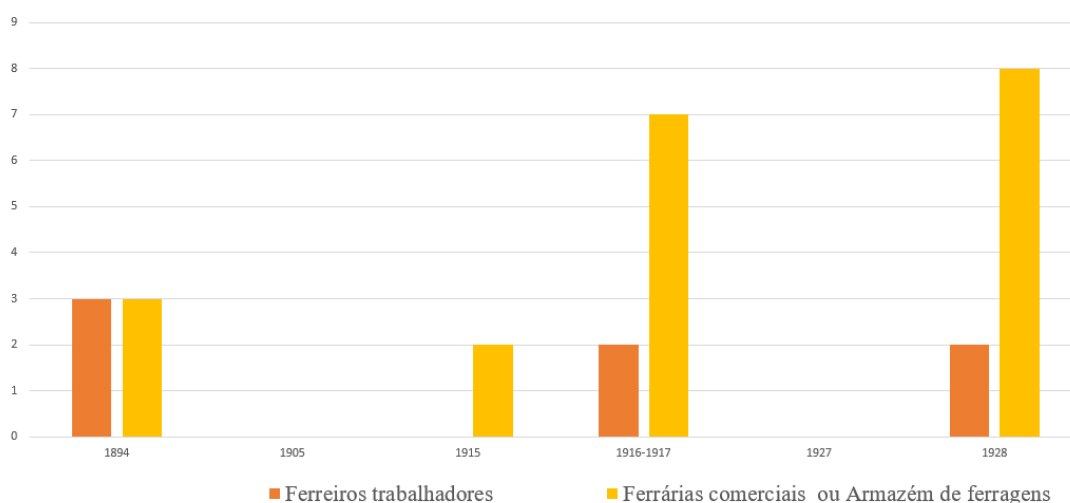
Mostra-se a continuação na Tabela 1, os dados extraídos dos Almanack de São Carlos respeito as ferrarias e ferreiros encontrados na cidade de 1894 até 1928:

Tabela 5. Ferreiros e ferrárias no Almanack de São Carlos 1894 – 1928.

| Ano de publicação do Anuario | Ferreiros trabalhadores do arte | Ferrárias comerciais Armazém de ferragens |
|-------------------------------------|---|---|
| 1894 | - José Stamato & Irmão (Ferrador de animais) - Vicente Baione (Ferrador de animais) - L. Botelho & C (fundição) | - Joaquim A da Costa Cardoso - Casa dos lavradores - L. Botelho & Comp. |
| 1905 | - Ninguém | - Ninguém |
| 1915 | - Ninguém | - Hugo Dornfeid & Cia. - Casa Arrunda, Arrunda Campus & Cia. |
| 1916 – 1917 | - Attilio Sassi (officina de ferreiro e carpinteiro). - Marcilio Barberio | - Casa Guarany Limitada. - Casa Novaes. Agenor S. Osorio. - Casa Nicola (Filial de casa Zambrano). - Casa Argêo. - Horacio Petrilli. - Salvador Renda. - Toledo & Veltri – Ibate. |
| 1927 | - Ninguém | - Ninguém |
| 1928 | - Mechanica e Serralheria em geral. Viuva Mastrofrancisco & Filhos. | - Hugo Dornfeid & Cia. - Casa Arrunda. - Mechanica e Serralheria em geral. - Casa Novaes. Agenor S. Osorio. - S. Francisco Schiavone. - Casa Amaral. - Casa Nicola (Filial de casa Zambrano). - Armazem de seccos e Molhados |

Fonte: Autora

Mostra-se a representação gráfica de ferreiros e ferrárias no Almanack de São Carlos 1894 - 1928

**Gráfico 1.** Ferreiros encontrados no Almanack de São Carlos 1894 – 1928

Fonte: Autora

Mostra-se a continuação na tabela 2, os dados extraídos dos Almanack de São Carlos respeito as Joalherias comerciais e joalheiros encontrados na cidade de 1894 até 1928:

Tabela 6. Joalheiros e joalherias no Almanack de São Carlos 1894 – 1928.

| Ano de publicação do Anuario | Joalheiros trabalhadores do arte | Joalherias comerciais |
|------------------------------|--|--|
| 1894 | - José Ricchezza - Cocoz Guisepe - Braz Massao | - Joalheria Parisiense (importação) - Joalheria e ourivesaria (sortimento de José Ricchezza). |
| 1905 | - Ninguém | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Coccoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1915 | - Ninguém | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Coccoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1916 – 1917 | - João M. Cardoso (Fabricante de joias) ourives | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Coccoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1927 | - Ninguém | - Ninguém |
| 1928 | | - Casa Maricondi - Relojoarias S. Carlos |

Fonte: Autora

Mostra-se a representação gráfica de joalheiros e joalherias Almanack de São Carlos 1894 - 1928

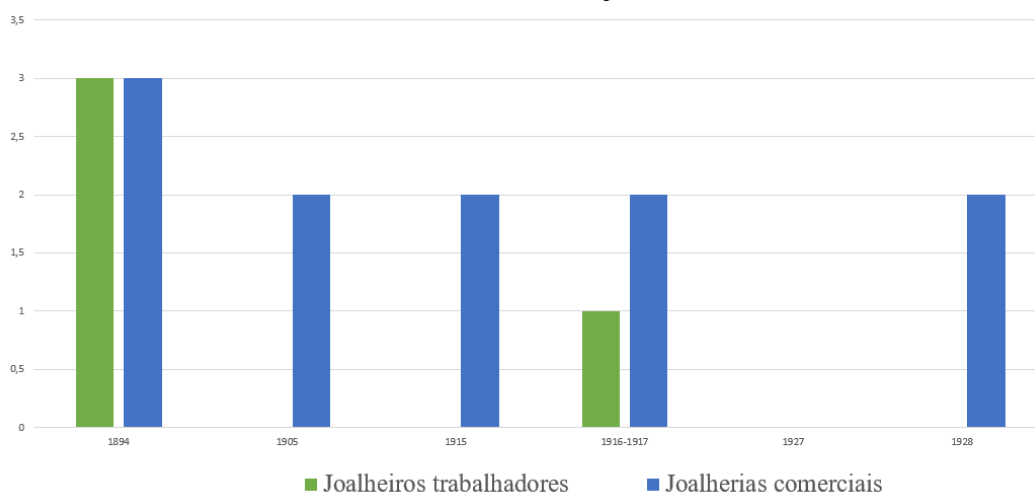


Gráfico 2. Joalheiros encontrados no Almanack de São Carlos 1894 – 1928

Fonte: Autora

Além disso, se identificou para o ofício da ferrária em 1894 no Almanack de São Carlos, três figuras interessantes que faziam parte do contexto social: ferrador de animais, fundidor (fundição), e ferrador (Augusto, 2007). Para o ofício artesanal da joalheria, se encontrou uma relação quase similar ao conceito do joalheiro; em vários dos Almanack's de São Carlos, os trabalhadores de joias representativos para alguns moradores, eram referidos como ourives. Devido à importância de ambos ofícios, estes foram registrados nas memórias saocarlenses que até hoje fazem parte da história da cidade.

Estes textos, ajudaram a construir um registro de ofícios na cidade, destacando-se a partir do século XX, a relação artesão – cidade no meio. Adicionalmente, tiveram-se em conta outros textos referenciais, mais eles ajudaram a construir, um olhar mais em relação ao campo da memória oral e histórica dos habitantes, a geográfica e formação de indústrias, entre outras variáveis.

4.2.1. São Carlos: uma Cidade Tecnológica através do Ferro

No Brasil, uma forte simbologia cultural do ferro se consolidou como representação social entre muitos grupos indígenas, afros e mestiços. Nesta relação, não só o ouro, foi simbolizado como elemento cultural entre os indígenas, senão que as características culturais de vários grupos sociais, representaram seus próprios símbolos culturais. Os afros que chegaram a Brasil, trouxeram sua cultura ao contexto já diverso do território. Entre seus legados culturais se destacam, as ferramentas de Ogum, cuja característica cultural está ligada propriamente ao ferro.

Ogun, foi o Orisha dos ferreiros das guerras, as tecnologias e numerosas cosas mais; seu símbolo principal foi o machado (Embelebobo) que utilizava para abrir-se caminho através da vegetação da selva e frequentemente foi associado com San Pedro ao interior da religião católica, porque ele tinha as chaves do firmamento. Dita lenda, gerou um significado maior ligado à simbologia do uso do ferro como miniaturas de vários instrumentos, ferramentas como a foice, martelo, serra, enxada, etc., todas mantidas em conjunto como se fossem feitas comparativamente aos barangandãs (VALLADARES, 1983).



Figura 36. Caldeiro de Ogum – Brasil.

Fonte: <http://bruxoreginaldo.com.br/orixas/ogum/a.htm>

De acordo com Valladares (1983, p. 23):

Encontrar nos xangôs essa simbologia com tal veemência, talvez seja, em todo o episódio do africano no Brasil, uma das referências mais eloquentes, mostrando que

havia um suporte de artesanato incipiente, mas bastante hábil. Seus ferreiros, latoeiros e funileiros sabiam trabalhar como folhas-de-flandres, recortes de embalagens onde ainda se pode detectar a impressão de letras das embalagens, nas folhas de latão, de ferro. Sabiam vaziar, recortar, empregar a solda, o ferro batido, enfim, toda a implicação artesanal capaz de dar uma iconografia eloquente e desafiante. Um outro aspecto de artesanato correlato aos objetos as prática religiosa afro-brasileira diz respeito aos trajes de culto.

No Brasil, um notável fluxo de imigrantes provenientes de diversas regiões, passaram a formar parte das novas cidades industrializadas. Descobertas as minas de ouro em Cuiabá e Goiás a princípios do século XVI, no ano de 1718, o Governador da Capitania de São Paulo, General Rodrigo Meneses, mandou a explorar caminhos para chegar sem problema ao ouro. Habitada esta região por indígenas, se estabeleceram nos arredores, diferentes tipos de população que chegavam atraídos pela riqueza do território.

Em São Carlos especificamente, região habitada a princípio pelos povos indígenas Tupi (Tupinambá e Tupiniquim) e Jê (Kaingang e Kaiapó), o território foi conhecido como ‘Campos de Araraquara’ ou ‘Sertões de Araraquara’.

De acordo com Truzzi et al (2008), São Carlos se originou no trânsito da abertura de caminhos explorados que procuravam ouro. São Carlos ficou especificamente à margem de uma estrada chamada ‘Picadão de Cuiabá’, pela qual transitavam os paulistas para o interior. Muitos indígenas foram capturados e escravizados, fator que segundo a Truzzi et al (2008), contribuiu na mortandade e extermínio da população indígena da região.

Ao final do século XVIII, registra-se um forte movimento de apropriação de terras. São Carlos particularmente, estava conformado por três sesmarias: a Sesmaria de Monjolinho, que abrange a parte norte da atual cidade; a Sesmaria do Quilombo, que compreendia as terras baixas e a parte do centro de São Carlos, e a Sesmaria do Pinhal, que abrangia a parte sul do perímetro urbano (SERRA et al, 2008). De acordo com Truzzi (2008), já em finais do século XIX, São Carlos havia se convertido em um dos principais centros exportadores de café, principal produto de exportação brasileira.

De acordo com Serra et al (2008), no ano de 1873, o almanaque da Província de São Paulo, destacava a importância da produção de café e cana-de-açúcar (55 fazendeiros respectivamente) em São Carlos. Os ofícios registrados, apresenta uma lista nominal, destacando-se profissionais, comerciantes e artesãos atraídos pela pujança durante a época (SERRA et al., 2008, p. 31):

Dela constam: 3 advogados, 2 médicos práticos, 2 farmacêuticos, 11 lojas de fazendas, 27 armazéns de molhados, 4 alfaiates, 1 alugador de animais, 1 bilhar, 18 carpinteiros, 3 ferradores, 3 ferreiros, 2 fogueteiros, 4 funileiros, 1 hotel, 1 maquinista, 4 marchantes, 2 marceneiros, 2 padeiros, 5 pedreiros, 6 sapateiros, 4 seleiros e 2 torneiros”

No século XIX, fez-se necessário pensar em inovar no transporte do café. Os fazendeiros precisavam que os produtos chegassem de forma rápida e barata, substituindo o transporte feito em lombo de mulas, pelo trem. Em São Carlos, a ferrovia foi inaugurada em 1884, enquanto que os fazendeiros da região se organizaram para fundar posteriormente a Companhia Rio Claro de Estradas de Ferro, investindo dinheiro e utilizando as influências políticas de Antônio Carlos de Arruda Botelho junto ao Império para estender a linha férrea de Rio Claro até a cidade de São Carlos (TRUZZI et al, 2008).

A chegada do trem foi importante para a cidade de São Carlos, gerando mudanças sociais. Vários setores se reativaram, entre eles o comércio mediante da abertura de hotéis, alfaiatarias, sapatarias e lojas de tecidos, que segundo Truzzi et al (2008), aumentaram a população, gerando que vários profissionais entre eles professores, advogados, médicos, entre outros, se mudaram para a cidade, compondo a classe média urbana que recém surgia. Além disso, as casas simples de barro que se conheciam, foram substituídas por casarões ecléticos, inspirados na arquitetura de Europa, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em termos de Truzzi et al (2008, p. 37):

Bancos, indústrias de instrumentos para a lavoura e um comércio forte eram as marcas de uma cidade que não parava de crescer. Muitas dessas atividades foram iniciativas de imigrantes. Alguns deles, ao chegarem de seus locais de origem, traziam novas técnicas e podiam com elas montar seus negócios. Esse foi o caso de sapateiros, alfaiates, marceneiros, fabricantes de massas, charutos, sabão, cerveja, entre outros gêneros de consumo cotidiano. Isso também aconteceu com a fábrica de lápis, fundada pela família Fehr e comprada pela Johann Faber em 1930.

Quanto aos ofícios ligados à ferraria, para finais do século XVIII e princípios do século XIX, operou-se na cidade, uma linha de bondes de tração animal. Uma vez pavimentadas as ruas, uma das principais atrações da época, foram os bondes. Particularmente desde o ano 1895, uma linha de bondes, puxada por cavalos funcionava em São Carlos, e para o ano 1914, foi inaugurado o bonde elétrico, tendo funcionado até 1962 (TRUZZI, 2008). Nos registros históricos da cidade, aparecem informações sobre ferradores de cavalos para essa época, diferenciando-se os ferradores artísticos e dos ferreiros de cavalo.

Não obstante, para a exploração do território ademais, foi necessário a mão de obra

qualificada, ou seja, mão de obra que tivesse alguma destreza técnica na manipulação dos ofícios mais essenciais, pois mudanças chegavam e era preciso trabalhadores habilitados, já que o sistema escravista tinha seus dias contados (GORDINHO, 2000).

Tradicionalmente no Brasil, as iniciativas de educação popular foram preferencialmente para a infância desvalida, registrando-se no ano 1884 em São Paulo, a Casa dos Educandos, para escolher esses órfãos e meninos pobres, que deveriam ser ‘destinados para artistas nas fabricas de ferro, nos arsenais de guerra e na marinha da Corte’. Mais como o sistema escravista tinha seus dias contados, uma solução foi então estabelecer instituições de ensino técnico, para capacitar aos indivíduos numa arte. Esta ideia penetrou em Brasil até aparecer numerosos LAO, adaptando-se às manufaturas locais, documenta-se escolas como a Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, o Colégio de Artes Mecânicas, a Sociedade dos Artistas Mecânicos; e LAO de Bahia (TRUZZI et al, 2008).

Na cidade de São Paulo, o LAO participou da ideia de desenvolvimento social, contribuindo para a formação de mão-de-obra para a indústria e os serviços, de fato, por iniciativa dos fazendeiros do café, fundou-se no ano 1870 a Sociedade Promotora de Imigração, financiada pelo governo da Província de São Paulo, o objetivo principalmente, foi conseguir mão-de-obra para as fazendas de café, não obstante, como a maior parte dos recém-chegados tinha pouca instrução, experiência ou não conheciam o ofício artesanal, e vários deles ficaram na cidade de São Paulo mesmo (GORDINHO, 2000).

De acordo com Gordinho (2000), para o ano de 1880 e 1890, a cidade paulistana cresceu significativamente, o que implicou o florescimento das oficinas tais como: serviços de pedras artificiais, marmorarias, serralherias, marcenarias, fundições de ferro, vidrarias e cristaleiras, além de fabricas de produtos cerâmicos. Foi o domínio do artesanato, do talento individual, do mestre e dos aprendizes. Além disso, que para o ano de 1905, o LAO já era reconhecido, oferecendo formação em carpintaria, marcenaria, ebanisteria, escultura ornamentista, forja, caldeiraria, serralheria, fundição de bronze, e metais finos.

Apresenta-se a continuação o interior do LAO em São Paulo e a publicidade comercial que tinha a escola técnica:



Figura 37. Interior do LAO – São Paulo.
Fonte: Gordinho, 2000.



Figura 38. Publicidade do LAO – São Paulo
Fonte: Gordinho, 2000.

No percurso do tempo, o LAO entrou no mercado da fabricação de hidrômetros. Antes de figurar no comércio, estes componentes foram todos importados de países industrializados, assim que depois de converter-se em fabricantes, existiam no Brasil para a época, apenas dois fabricantes do produto: o Liceu e a CPA, uma companhia francesa (GORDINHO, 2000).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Brasil como país aliado participou significativamente através do LAO com material bélico para o Forte de Itaipu, matrizes para fuzil e metralhadora, máquinas para fabricar espoletas, cartuchos, espoletas para granadas de mão e balas de fuzil. O LAO em São Paulo ainda continua, contudo, é notória a mudança e transformação de sua participação social no contexto.

Voltando a São Carlos novamente, analisou-se alguns referentes importantes de ferreiros na relação com o entorno da cidade. O Almanack de São Carlos classificado por anos por exemplo, registra o nome, profissão, oficina e publicidade de alguns locais e princípios do século XX. Ressaltamos a importância destas análises, porque ajuda na reconstrução histórica da história dos artesãos, ademais de brindar um panorama mais geral dos habitantes artesãos trabalhadores de ferro na cidade.

A seguir apresenta-se a continuação das informações sobre ferrarias encontradas referentes ao período de 1894 – 1928 na cidade de São Carlos, a partir dos Almanack da cidade.

Tabela 7: Almanack de São Carlos. Ferreiros encontrados de 1894 – 1928

| Ano de publicação do anuário | Ferreiros registrados | Ferrárias comerciais Armazém de ferragens |
|-------------------------------------|---|--|
| 1894 | - José Stamato & Irmão (Ferrador de animais) - Vicente Baione (Ferrador de animais) - L. Botelho & C (fundição) | - Joaquim A da Costa Cardoso - Casa dos lavradores - L. Botelho & Comp. |
| 1905 | Ninguém | Ninguém |
| 1915 | Ninguém | - Hugo Dornfeid & Cia - Casa Arrunda, Arrunda Campus & Cia |
| 1916 – 1917 | - Attilio Sassi (oficina de ferreiro e carpinteiro) - Marcilio Barberio | - Casa Guarany Limitada - Casa Novaes. Agenor S. Osorio - Casa Nicola (Filial de casa Zambrano) - Casa Argêo - Horacio Petrilli - Salvador Renda - Toledo & Veltri – Ibate |
| 1927 | Ninguém | Ninguém |
| 1928 | - Mechanica e Serralheria em geral. Viuva Mastrofrancisco & Filhos. | - Hugo Dornfeid & Cia - Casa Arrunda - Mechanica e Serralheria em geral - Casa Novaes. Agenor S. Osorio - S. Francisco Schiavone - Casa Amaral - Casa Nicola (Filial de casa Zambrano) - Armazem de seccos e Molhados |

Fonte: Autora

Registra-se também no Tabela 7, os nomes de alguns ferreiros e armazéns da época onde se vendiam os insumos ou materiais de trabalho. De acordo com o Almanack de São Carlos de 1894, aparecem três possíveis classificações de ferreiros: 1) ferrador de animais, 2) fundidor (fundição), e 3) ferreiro. Distinguindo-se particularmente estas atividades de forma específica.

Nos Almanack de São Carlos, encontra-se além disso, publicidade de oficinas de ferraria e armazéns de ferragens.

Apresenta-se a continuação, uma representação da publicidade encontrada no Almanack de São Carlos:



Figura 39. Publicidade oficina de ferreiro e Carpinteiro.
Fonte: Almanack de São

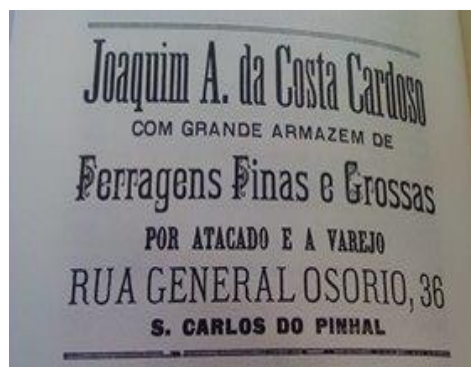


Figura 40. Publicidade de Ferragens.
Fonte: Almanack de São

A memória histórica dos habitantes de São Carlos, Itirapina e arredores tem sido descrita através de trabalhos como os de Rauter (1998, p. 8), destacando para o ano de 1845, trabalhadores livres migrantes entre eles: 64 famílias alemãs, 432 pessoas da Prússia, Baviera e Holstein, para a fazenda Ibicaba em Limeira. Os migrantes enfrentavam árduos trabalhos, quase que de condições similares às dos escravos. Ademais, entre os migrantes se encontravam pessoas que ao não poder trabalhar a terra, se dedicaram aos ofícios artesanais de carpinteiros, tanoeiros, seleiros, pedreiros e ferreiros.

Entre as crônicas cotidianas a finais do século XX, mostra-se nostalgias sobre as mudanças da cotidianidade através de alusões de um tempo de outrora e a contemporaneidade. Numa das crônicas de Keebe (1983, p. 31) narra:

Deitado no tapete o menino contempla a locomotiva rodar nos trilhos do brinquedo de Natal. É apenas uma locomotiva solitária, não ligada a vagão nenhum, a passar pela estaçãozinha, que emite quatro toques de tímpano. No trajeto inteiro a locomotiva apilha emite um ruído característico, como um trem de verdade. Brinquedos eletrônicos são essas coisas que assombam, inclusive os adultos que, procurando enxergar pela nevoa do tempo a infância perdida, jamais imaginariam que a criançada de hoje viesse a brincar com réplicas perfeitas de foguetes especiais, robôs que caem e se levantam sozinhos, aviões de asas escamoteáveis, helicópteros de resgate de cosmonautas, essas coisas fascinantes que exigiram de alguns gênios longas horas de pesquisas, na criação de um mundo mecânico, semelhante ao de Liliput.

Dentro da narrativa de Keebe (1983, p. 88), destaca-se também a descrição da demolição

do antigo Cine São Carlos, anotando assim “pedra por pedra, viga por viga, ferro por ferro, daqui a pouco tudo não passará de um amontoado de escombros”.

No texto de Damiano (1996), encontramos alguns são-carlenses ferreiros ou donos de lojas comerciais que estavam fortemente relacionados com a manufatura da época:

- a) Baprtista Lauria Ricetti- Industrial. Suas atividades foram iniciadas com uma pequena fábrica de artefatos de alumínio, que depois abandonou para fabricar outros produtos, entre eles máquinas de grande porte, empreendimento que a sua família ampliou e solidificou. (Damiano, 1996, p. 37).
- b) Francisco Schiavone: Antigo comerciante. Fundou um grande estabelecimento de ferragens e ferramentas em geral, que ficava na rua Geral Osório, perto da igreja de São Benedito (Damiano, 1996, p. 83).
- c) Leonardo Foschini – Nascido em Campinas em 1906, desde jovens iniciou o seu aprendizado, que o levaria a adquirir bons conhecimentos e experiência em eletricidade, mecânica, fundição e funilaria. (Damiano, 1996, p. 140).
- d) Mario Azevedo Corrêa – Proprietário de uma das maiores lojas de ferragens e material de construção, da cidade, dedicou-se vários anos a esse ramo. Na juventude militou na imprensa da sua terra natal. (Damiano, 1996, p. 161)

Nesta direção, nota-se a presença de artesãos ferreiros na cidade de São Carlos, incluindo até finais do século XX. Estas análises refletem a história da cidade de São Carlos e mostra a participação dos ferreiros como figura social no ambiente urbano. Destaca-se também o ofício de ferreiro e de acordo com Valladares (1986), que a ferraria, ademais de prestar os serviços comuns de manutenção e reparos, inclui a produção de foices, dobradiças, armadores de redes, chocalhos e ferraduras que foram bastante solicitados na pecuária e a agricultura. Particularmente foram conhecidos por elaborar ferramentas simples e eventualmente implementos agrícolas mais complexos.

4.2.2. São Carlos: uma Cidade Tecnológica através do Ouro

Fontes documentais assinalam ao ouro como o primeiro metal trabalhado pelo homem. Este mineral não foi o único, metais como o cobre, ferro, bronze e alheações, foram cenário de aportes tecnológicos que facilitaram e melhoraram as condições de vida de numerosas pessoas. Fontes primárias então geraram através da *forja, fundição e ligas*, ornamentos e instrumentos capazes de atravessar o comportamento do homem, capazes de estabelecer a relação objeto, símbolo e cultura.

De acordo com Valladares (1986, p. 12) no Brasil o conceito de artesanato está muito próximo ao arte, ou seja, perto da criatividade onde dificilmente se pode diferenciar as fronteiras entre arte e artesanato, como dizem alguns antropólogos, “O artesanato está mais próximo da cultura do que a civilização”. Acontece assim, um distanciamento de palavra artesanato frente à representação da manipulação manual de um objeto, descrevendo o conceito como uma noção criativa.

O indígena brasileiro não conheceu a técnica da fusão e tratamento de metais. O artesanato que aqui se desenvolveu é tradicionalmente de europeus e africanos. Portugueses como os espanholes, introduziram em suas colônias todo o instrumental necessário à produção de certos artigos em metal. Como necessitaram também de mão-de-obra melhor preparada e adestrada trouxeram artesãos habilitados em diferentes misteres. Os missionários recrutaram igualmente, em vários países europeus, voluntários habilitados em artes e ofícios diversos, principalmente os chamados ofícios mecânicos. A metrópole, não podendo suprir a colônia de mão-de-obra especializada, estimulou a trabalho artesanal, com índios e negros, mas criou toda sorte de dificuldades à instalação de estabelecimentos e fabris. (VALLADARES, 1986, p. 119):

Em São Carlos, durante a época da abertura da estrada de ferro que une Rio Claro a São Carlos, foram encontradas urnas funerárias e diversos utensílios indígenas próximos à estação do Conde do Pinhal, este legado cultural é herança hoje dos índios do território paulista (SERRA et al, 2008).

Para o ano de 1908 de acordo com Serra et al (2008), a cidade é declarada sede do Bispado e sua igreja matriz foi elevada a catedral, fato que se reveste de enorme importância regional. A população migrante, aportou também diversidade e mudanças culturais ao interior da cidade, o surgimento de atividades industriais, favoreceram o surgimento das indústrias, enriquecendo os ofícios existentes, aportando novas técnicas, não só no contexto São-carlense, senão em vários contextos onde o fator cultural se diversificou consideravelmente. Atividades como a ourivesaria brasileira, são parte da identidade de várias cidades que consolidaram diferentes

técnicas metalurgias ao redor das representações sociais. De acordo com Valladares (1986, p. 120):

Na linha de produção de objetos de metais nobres distingue-se no Brasil, pela originalidade e variedade, os ornamentos que as crioulas baianas trazem pendurados na cintura, nos dias de festa, principalmente na do Senhor de Bomfim, os chamados balangandãs. Os balangandãs são um conjunto de miniaturas em prata e ouro, artisticamente trabalhadas, contendo os mais variados motivos

Respeito ao tema das corporações no Brasil, estas tiveram existência geralmente apropriada por médio de confrarias e irmandades religiosas, que agrupavam centos de trabalhadores; a Irmandade de São Jorge em Rio de Janeiro por exemplo, era uma organização que integrava os ofícios de serralheiro, ferreiro, cuteleiro, espingardeiro, latoeiro, pilhereiro, funileiro, coureiro, dourador e seleiro; uma organização destra na arte dos metais (VALLADARES, 1986).

Retomando São Carlos analisou-se alguns referentes importantes dos joalheiros na relação com o entorno da cidade. O Almanack de São Carlos classificado por anos por exemplo, registra o nome, profissão, oficina e publicidade de alguns locais e princípios do século XX. Ressaltamos a importância deste análises, porque ajuda na reconstrução da memória da história dos artesãos, ademais de brindar um panorama mais geral dos habitantes artesãos trabalhadores de ferro na cidade.

Apresenta-se a continuação, as joalherias encontradas durante 1894 – 1928 na cidade de São Carlos, a partir dos Almanack da cidade.

Tabela 8. Almanack de São Carlos. Joalheiros encontrados de 1894 – 1928

| Ano de publicação de anuário | Joalheiros trabalhadores do arte | Joalherias comerciais |
|------------------------------|--|--|
| 1894 | - José Ricchezza - Cocoz Guisepe - Braz Massao | - Joalheria Parisiense (importação) - Joalheria e ourivesaria (sortimento de José Ricchezza). |
| 1905 | Ninguém | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Cocoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1915 | Ninguém | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Cocoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1916 – 1917 | - João M. Cardoso (Fabricante de joias) ourives | - Relojoaria e Joalheria Suissa de José Cocoz & Comp. (Casa importadora) |
| 1927 | Ninguém | Ninguém |
| 1928 | Ninguém | - Casa Maricondi - Relojoarias S. Carlos |

Fonte: Autora

Registra-se ademais em alguns Almanack de São Carlos, publicidade de oficinas de joalheria. Se mostra a continuação, uma representação da publicidade encontrada no Almanack de São Carlos de 1894 – 1928:



Figura 41. Publicidade oficina de relojoaria e joalheria.
Fonte: Almanack de São

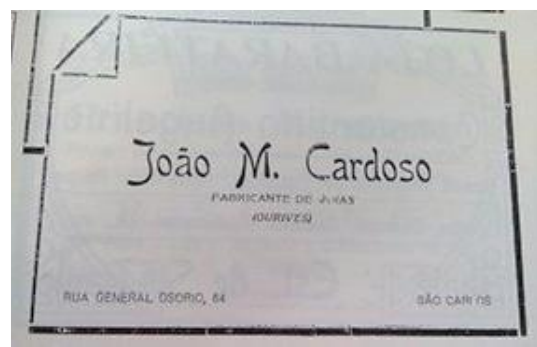


Figura 42. Publicidade oficina de ourives.
Fonte: Almanack de São

No texto de Damiano (1996), encontra-se alguns são-carlenses representativos no artesanato local:

- a) Helio Frigori: Natural de São Carlos, nascido em 1935. Descendente de uma família de joalheiros, aprendeu a profissão com seus pais, tendo trabalhado, mas de 30 anos como ourives. Faleceu em 1994. (Damiano, 1996, p. 93).
- b) Italo Paino: Também conhecido como “Chulipa”, nasceu em 1912 e foi relojheiro de ourives. Juntamente com Antônio Fiorentino, neto, o Totó da tarde, foi um dos grandes animadores do carnaval São-carlense e assíduo colaborador do jornal A Tarde, escrevendo sobre esportes; nessa modalidade, foi um dos pioneiros na imprensa local (Damiano, 1996, p. 98).
- c) João Vilari: imigrante italiano, cuja participação ao desenvolvimento local deu-se através das atividades comerciais, como proprietário de uma relojoaria e joalheria à rua Geral Osório, cujo comercio foi continuado, depois, por um de seus filhos. (Damiano, 1996, p. 111).
- d) José Riga: Nascido na Itália, foi comerciante, longos anos, nesta praça. Foi proprietário de uma joalheria, que ficava na rua General Osório, que um dos seus filhos ainda continuou mais alguns anos. (Damiano, 1996, p. 130).

Nota-se a presença de artesãos joalheiros na cidade de São Carlos, incluso até finais do século XX. Este análises reflexivo através da história da cidade de São Carlos, mostra a participação como figura social dos joalheiros no ambiente urbano. Contudo, a mudança social dos ofícios mediante de seus técnicas, oficinas e práticas, mostra câmbios significativos.

5. Trabalho de Campo Etnográfico



Um ourives em sua oficina, possivelmente San Eloy. Óleo sobre tela. Petrus Christus, 1449
Fonte: <https://www.aparences.net/es/escuelas/los-primitivos-flamencos/los-sucesores-de-jan-van-eyck/>

5.1. Construindo histórias de vida entre Colômbia e Brasil: uma aproximação à arte

Nos últimos anos as mudanças dos ofícios tradicionais têm sido bastante notáveis na vida social de muitos ambientes urbanos. O desenvolvimento das sociedades, tem deixado de lado a técnica do artesão pela consolidação iminente de uma contemporaneidade arraigada às ideias de progresso. A imagem clássica dos antigos mestres cuja técnica se foi reconfigurando, é quase hoje uma distante lembrança. América Latina, experimentou o desenvolvimento no cause de uma percepção alheia (MARTI, 1992, HALE, 2000), e baixo conceptos como atraso e progresso, países como na Colômbia e Brasil adaptaram referentes sociais encaminhados a consolidar as destrezas técnicas como símbolo de industrialização. A educação população da mão das EAO e os LAO, ensinaram a indígenas, afros, estrangeiros e população mestiça, a destreza de uma técnica específica.

Considerando-se os lineamentos interdisciplinares que integram os enfoques históricos, tecnológicos, sociológicos e antropológicos da técnica com o trabalho de historiadores, antropólogos, artistas – designers, arqueólogos, psicólogos cognitivos, tecnólogos – engenheiros, sociólogos e filósofos (GRAVES-BROWN, 2000), com do a caracterização dos processos metalúrgicos na ‘cidade da tecnologia’. Estes aportes, ajudaram a estabelecer uma noção mais integral ao redor desta pesquisa. Cada campo epistemológico integra assim desde seu próprio enfoque, a valoração funcional sistêmica e simbólica do valor semântico que tem os objetos na representação que fazem os sujeitos e grupos humanos.

Joalheiros, sapateiros, alfaiates, ferreiros, carpinteiros, entre outros artesãos, transformam suas técnicas manuais, alguns justapondo e misturando suas técnicas clássicas, com técnicas contemporâneas, diminuindo o tempo de trabalho e a qualidade dos objetos, na procura por ter uma melhor aceitação social e econômica respeito à produtividade, eficácia e efetividade. Outros artesãos, permaneçam no ofício tradicional, mas explorando o comercial, envoltos na dinâmica de converter seu entorno de trabalho, em verdadeiras lojas comerciais, confundindo-se ao artesão com o vendedor.

No universo dos ofícios técnicos, as mudanças sociais trouxeram perdas de alguns ofícios que hoje não existem mais, por outro lado, o fechamento de oficinas causado pela falta de clientela, a herança do ofício de uma geração a outra que hoje não é muito comum, o envelhecimento do artesão que acaba com sua oficina, tradição e memória, e a transformação

radical do símbolo social e cultural dos artesãos na cidade onde o valor social do trabalhador manual é apreciado só por os habitantes mais velhos.

Esta etapa do estudo apresenta percepções ao redor dos ofícios de ferreiro e joalheiros, colombianos e brasileiros. Participaram desta etapa 8 artesãos como se apresenta na Tabela 9:

Tabela 9: Perfil dos participantes do estudo

| Nome | Nacionalidade | Idade | Ofício | Característica |
|--------------------|---------------|---------|-----------|---|
| Braulio Lezma | Colombiano | 57 anos | Ferreiro | Professor de forja do SENA, Cauca – Colombia. Oficina própria ubicada no bairro Pueblillo, Popayán |
| Dilmer Ramos | Colombiano | 50 anos | Ferreiro | Trabalhador independente no ofício da ferrária e outros ofícios quando precisa. Tem sua própria oficina em sua casa ubicada no bairro La Trece, Popayán |
| Gustavo Cardenas | Colombiano | 44 anos | Ferreiro | Trabalhador independente no ofício da ferrária e a forja artística. Tem sua oficina no bairro Santa Inés, Popayán |
| Andrés Calle | Colombiano | 39 anos | Joalheiro | Trabalhador independente no ofício da joalheria. Tem sua oficina em sua casa no bairro Santa Inés, Popayán |
| Cristina Rodriguez | Colombiana | 46 anos | Joalheira | Trabalhadora independente no ofício da joalheria. Tem sua oficina no bairro Caldas, aprendeu o ofício no SENA, Popayán |
| Valter | Brasileiro | 46 anos | Joalheiro | Trabalhador independente no ofício da joalheria. Tem sua oficina no centro da cidade, São Carlos. Planeia ir embora de a cidade a mais tardar em cinco anos. |
| Zulmiro Donizetti | Brasileiro | 50 anos | Joalheiro | Trabalhador independente no ofício da joalheria. Tem sua oficina no centro de São Carlos. Trabalhou em várias joalherias comerciais, onde aprendeu o ofício. |
| Alexandre | Brasileiro | 70 anos | Joalheiro | Trabalhador independente no ofício da joalheria. Tem sua oficina perto do centro da cidade, mas hoje sua oficina fica em sua casa onde as pessoas que conhecem sua trabalho e amigos, lhe ajudam para continuar com seu ofício em São Carlos. |

Fonte: Autora

5.1.1. Percepções ao redor dos ofícios: ferreiro e joalheiro em Popayán – Colômbia

Tendo contado com a participação de três forjadores de ferro, dois joalheiros e dois arquitetos: Tomás Castrillón Valencia, professor aposentado da Instituição Universitária Colégio Mayor do Cauca, muito conhecedor da Cidade respeito ao tema da arquitetura colonial do ferro, e Álvaro Montilla, ex-diretor da Fundação Escola Talher de Popayán onde se ensina a arte da forja como técnica

Cada uma das intervenções dos participantes no contexto do trabalho de investigação em campo na Colômbia, apresentam relatos sobre a transformação dos ofícios artesanais dentro de uma continuidade de tempo, uma percepção própria de acordo com cada história particular.

Assim, procura-se construir uma história conjunta da mão dos artesãos, respeito aos referentes bibliográficos encontrados e os documentos de arquivo desde o ano de 1920 até hoje. O propósito, é relacionar como a tecnologia da metalurgia e a ourivesaria através da antropologia e os estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade – CTS – transformam os ofícios artesanais da forja e a joalheria num entorno espaço-temporal. Se realizaram entrevistas abertas onde se permitiu que cada pessoa, narrara sua experiência dentro de sua própria especialidade. Os participantes se apresentaram a continuação, na ordem que eles foram entrevistados.

Entrevistados na Colômbia



Álvaro Montilla Vega: Arquiteto e ex-diretor executivo da FET na Popayán. Ajudo a implementar programas dentro da Escola Talher como a formação de jovens nos ofícios tradicionais e o desenho e implementação de programas e conteúdos teóricos e práticos de diversos aprendizes de formação técnica. Têm ampla experiência em restauração de obras arquitetônicas e execução de projetos, sobre todo, os que vão da mão do ensino técnico dos ofícios. Trabalho como diretor da FETP, sendo removido faz

Figura 43. Alvaro Montilla

poucos anos, da sede de Popayán a outra cidade.

A FETP, faz parte do ‘Programa Escolas de oficinas’ desde o ano de 1995, acordo estabelecido no marco da cooperação entre Colcultura, o SENA, a Governação do Cauca, a Prefeitura Municipal de Popayán, a Corporação de Turismo do Cauca e a Agencia Espanhola de Cooperação Internacional. Depois do terremoto de Popayán no ano de 1983, a FETP restaurou grandes legados culturais da cidade, fiz a restauração arquitetônica de alguns casas e igrejas, e finalmente, fomento programas de ensino técnico de artesanato na formação de profissionais. A finais do 1997 adquiriram valor jurídico, e hoje é uma fundação privada sem lucro ante a Câmara de Comercio de Cauca – Popayán.

Esta escola de acordo com Álvaro tem formado mais de três mil jovens nos ofícios tradicionais, preocupados pelo patrimônio cultural e a recuperação de técnicas que se encontram ameaçadas pela transformação dos ofícios. Álvaro descreve através de sua experiência como diretor da FETP, que os estudos sobre os ofícios artesanais em Popayán, recém é um projeto que está iniciando, pois no caso de Popayán de acordo com ele, os estudos são bastante escassos. Destaca, que particularmente no tema da metalurgia na cidade de Popayán, os estúdios são quase que nenhum, e que a FETP, pouco se tem dedicado a reconstrói-la, já que seu labor como escola, é só a formação técnica.

Em palavras de Álvaro (Entrevista, 2016):

Este tema de los oficios es apasionante, más un estudio como tal de la herrería en Popayán, no se conoce, no hay, y nosotros no hemos hecho mayor cosa sobre eso. Y decir, a más de buscar formas de trabajo, tenemos algunos lenguajes patrones claros del oficio como el hierro doblado, o el hierro caliente, que es lo que se encuentra en las puertas y ventanas en Popayán, es lo que podemos hacer, pero carecemos de una información un poco más profunda. Aquí se enseña como tal el oficio. Tenemos la experiencia de enseñar el oficio hace 19 o 20 años aproximadamente. No obstante, cuando motivo a un joven a realizar un oficio, casi que tengo que seducirlo para que el hoy en día aprenda un oficio como los que se dictan aquí en la Escuela, es bastante complejo, porque competimos con escuelas que enseñan computadoras o cualquier otra cosa. Muchos de estos jóvenes piensan ¡Qué aburrido aprender herrería!

Com tudo, cabe ressaltar que existem diferentes estratégias de ensino que Álvaro pode utilizar, com a finalidade de fortalecer a aprendizagem do estudante, tal como argumenta Villota (2016, p. 41): “as estratégias de ensino podem favorecer as tomadas de decisões que redundem em benefícios para as aprendizagens”.

Atualmente na FETP, não conta com referentes bibliográficos alusivos aos ofícios técnicos ensinados, pois sua função é ministrar a formação e não se centrar em mostrar aos aprendizes, a história particular dos ofícios. Álvaro Ressalta: *“a esta escuela os muchachos vienen a aprender las técnicas, ellos poco se preocupan de la historia (...) en algunas ocasiones yo mismo en colaboración con otros profesores hemos intentado profundizar en el tema, más no es de interés del aprendiz de esta escuela que se esta formando”*.

Respeito à chegada dos ofícios artesanais à cidade de Popayán, o único referente norteador, foi que faz muito tempo, ele havia pesquisado por motivo da reparação de uma igreja na cidade, unos documentos antigos, onde se nomeava um Franciscano que veio à cidade chamado Jodoco. De fato, nos recomendo para analisar de forma mais acertada nossa investigação, procurar arquivos antigos no Arquivo Histórico da cidade. Falou:

Hay aquí cosas muy particulares de la herrería, como los balcones de la Contraloría y varias construcciones en el centro. (...) pero para profundizar acerca de cómo llegaron los oficios a Popayán, tienen que remontarse es a Fray Jodoco Ricke, un monje franciscano que fue el que construyó el Convento de San Francisco, hoy el actual Hotel Monasterio. Es un cura franciscano que vino desde Quito y fundó 23 conventos; y funda éste aquí, lo construye, enseña el oficio y muere. Fray Jodoco, es una persona como todo franciscano, que trajo los oficios aquí a la ciudad de Popayán y que quería ayudar a que los que aprendieran, tuvieran un arte para sobrevivir.

A arte da ferraria, foi ensinada pelos monges na cidade de Popayán. Foram os sacerdotes de acordo com o arquiteto Álvaro, os que trouxeram os ofícios e os ensinaram por primeira vez nestas terras, porque a diferencia dos conquistadores, ou outros personagens que veiam pelos metais, eles traziam a mentalidade de ensinar. A fala de Álvaro continua:

Los curas en América, fueron los primeros que pensaron en que tenían que quedarse, y para quedarse, tenían que tener personas que supieran hacer cosas, estos personajes, son los que formaron albañiles, carpinteros, herreros, y entonces empiezan a formar a indios y a mestizos, que son los que se empezaron a educar o a alfabetizar. En aquella época, enseñar un oficio o aspirar a que les enseñaran un oficio, era difícil, usted tenía que ser una persona con muchos méritos para que le enseñaran, porque le iban era a transmitir, los secretos de un oficio, que no todo el mundo iba a saber hacer.

Entonces creo que existe todo un mundo por investigar. En el año de 1955 o 1956 -no recuerdo bien-, Braulio, el profesor de forja de aquí de la Escuela Taller, habló que tuvo un profesor español, él fue como de la última generación de los grandes herreros que tuvo el SENA, Braulio fue uno de los últimos herreros en formarse con españoles en el año de 1955 o 1956. El SENA tenía unos talleres muy buenos. ¡Los talleres de joyería del SENA fueron hasta 1920 uno era un lujo! Las personas de clase alta, querían estudiar en el SENA, querían entrar a estudiar joyería, porque era una escuela de formación muy selectiva.

O tema dos ofícios segundo a Álvaro, apenas está sendo construído na cidade, onde no 2013 logro visibilidade. A escola realizou um Encontro de Ofícios que se levo a cabo fora da

igreja de San Francisco, com o objetivo que as pessoas conheceram a importância dos mesmos nos espaços populares, foi interessante fala Álvaro, diz que as pessoas que foram ao evento, notaram por que o tema dos ofícios artesanais, não é só a construção, senão que existem outros ofícios que tradicionais no espaço urbano da cidade, que constroem identidade.

Lembra de um antigo ferreiro de sobrenome Ramos (do que não temos registros nesta pesquisa só por relato oral) e da arte de ferrar, assim:

Me acuerdo de José Maya que José es hijo de uno de los maestros herreros que vino de España (hace referencia al maestro herrero que ayudó a forjar la iluminaria del Paraninfo, hoy localizada en la Universidad del Cauca). También, está el abuelo herrero por cierto, del antiguo rector de la Universidad del Cauca, el señor Danilo Reynaldo Vivas (entrevistado para esta investigación). Él es nieto de uno de los herreros más reconocidos y recordados de Popayán: el señor Jorge Ramos. Entonces así de forma general, recuerdo dos personas: Chepe Maya y Danilo Vivas, los cuales emparejaron directamente con el oficio de la herrería históricamente.

Yo impulsé a Danilo Vivas a que conserva obras y figuras de su pariente herrero (abuelo), lo motive a que escriba sobre el tema y publicará lo que tiene, porque esa es una forma de que ellos también se sienten orgullosos de su pasado. No se trata claro, de hacer el contraste de hablar, bueno mi abuelo era herrero de caballos y ahora soy profesional, ¡No! Si no de saber que él llegó allí de alguna manera por eso, porque el bisabuelo de él fue herrero de caballos, y luego su hijo heredó el oficio de herrero ornamental, y ese es el ave del ex rector. Este oficio en el caso de la familia de Danilo, paso de generación en generación.

Álvaro destaca ademais, que a tradição da ferraria não foi a única que se continuo na cidade. Na ourivesaria por exemplo, ele ressalta a importância de ourives representativos na manipulação e elaboração de joias e metais na cidade. Ele falou:

De los orfebres antiguos de Popayán, conozco por fuentes de gente que me ha contado, que los grupos familiares, algunos de ellos negros, se dedicaban a la joyería. A los negros, negros de la época, se les enseñaba el oficio de la orfebrería. La filigrana Momucalina (filigrana tradicionalmente reconocida en Colombia), que desapareció totalmente de la región, era un arte propio de los negros, porque aquí estaban las minas de oro del Cauca. Y a los negros más hábiles, se les enseñaba el trabajo del oro y a cómo hacer filigrana.

Una cosa es la orfebrería y otra cosa es la filigrana. La filigrana consistía en coger un hilo magro de oro, y con ese hilo comenzar entorcharlo, uniendo. Así se conseguía hacer pecas o tejidos característicos de joyería, muy bellos. De hecho, a los negros que eran excepcionales en el oficio de la joyería, o sea que hacían su trabajo casi que con destrezas que los demás que aprendían no tenían, se les daba como premio que llevarán el apellido Filigran. Aquí en el Cauca, todavía quedan una o dos familias que tienen el apellido, más tiene que buscar y preguntar, porque seguramente su familia, o sus abuelos fueron grandes joyeros. Hay otro joyero del que he escuchado dentro de estas familias, que se, quedó ciego al final, y fue el último joyero de esa familia, su hijo estudió ingeniera civil y ahí se perdió el oficio.

Temos todo um mundo da metalurgia e a ourivesaria por descobrir na Popayán. Textos antigos como a Ilíada e a Bíblia, destacam o papel dos ofícios antigos, onde se podem encontrar

escritas por exemplo, técnicas e relatos do trabalho de metais através da bigorna, os martelos, etc. Hoje, a utilização de máquinas reforçam o trabalho artístico dos artesãos, mas o ofício segue sendo o ofício. De acordo com Álvares, o ofício como tal há mudado é são essas mudanças o que fazem dele que seja representativo. Na cantaria por exemplo, por muitas máquinas que sejam inovadoras ou úteis, este ofício sempre necessitará de um cinzel, uma pedra e uma maceta. Deve-se imaginação fala Álvaro, porque se por exemplo a pedra está ali e você não pode imaginar, não faz nada, mas se você se equivocar, deve começar de novo.

Complementando sua fala assinala:

El problema con los oficios que se enseñan en la FETP, es que desde el principio cuando nos quedamos acá, nos hablaron que teníamos que enseñar sólo el oficio y no más. Tenemos mucho un sistema de la Edad Media, donde el niño aprende dentro del taller con el maestro y ya, pero nada, nada de teoría, sino sólo el oficio. Hoy después de muchos años, estamos teniendo en cuenta que tenemos que devolvernos a investigar en la historia, a encontrar los orígenes de lo que estamos enseñando, para poder valorar. En el caso de la Cruz Roja (organismo de salud de emergencias), en emergencia, hay que formar canteros, albañiles, herreros y demás, porque la ciudad los necesita. Hoy quisiera tener los recursos económicos para decir: ¡escuche, empezemos a investigar los oficios! Pues son de suma importancia.

No texto de Saavedra (1972), registra-se já para finais do século XX, vários ofícios tradicionais como pintores, jornalistas, costureiras, maquinistas de locomotora do trem, torneiros, ferreiros, entre outros, que mostram o papel do ofício no contexto tradicional colombiano como herança cultural. SENA e Ministério Nacional, adiantam hoje o programa de ensino técnico como patrimônio, procuram estabelecer a relação artesão – meio urbano, mediante da recuperação dos ofícios.

O valor de uma arte, ajuda ao resgate cultural do patrimônio. Herança imaterial, a imagem dos artesãos reconfigura o espaço e a temporalidade de uma cidade. A imagem de ferro forjado da cidade colonial de Popayán, é um fato construído representativamente que envolve a labor dos artesãos, e dá conta da cidade, a medida que se reconfigura e consagra o ferro colonial.

A continuação apresenta-se apartes da entrevista do arquiteto Tomás Castrillón Valencia, com quem tivemos a oportunidade de aprofundar no tema da arquitetura colonial e a cultura do ferro forjado na cidade branca de Colômbia.

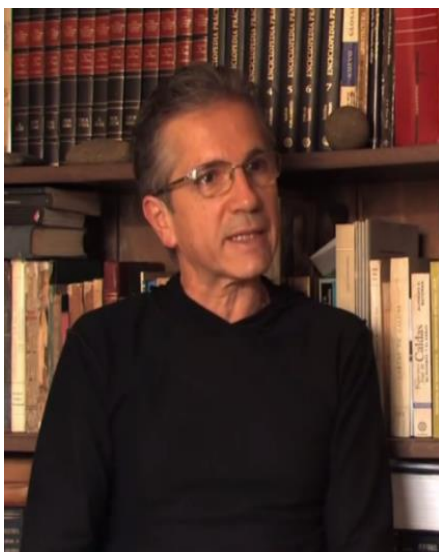


Figura 44. Tomás Castrillón

Tomás Castrillón Valencia: arquiteto payanés nascido em 1954, com ampla trajetória na conservação e preservação do patrimônio e urbanismo. É conhecido em Popayán por suas grandes obras e reparações na arquitetura colonial, e atualmente está aposentado da Instituição Universitária Colégio Mayor do Cauca onde ensinava como professor no programa de arquitetura. Teve que retirar-se da docência, devido principalmente a problemas de saúde, o que gerou que se afastasse um tempo da cidade e dos espaços públicos. Este arquiteto ha reconstruído parte da história colonial *patoja*.

A arquitetura de Popayán desde a primeira metade do século XVIII apresenta grandes mudanças. Os dois terremotos acontecidos na cidade, permitem identificar grandes mudanças, sobre todo depois do terremoto de 1983, quando na cidade sugue um novo povoamento. Popayán experimentou de acordo com sua experiência como reparador e arquiteto, dois momentos históricos importantes: o terremoto de 1736 e o terremoto de 1983, cambiando a estrutura colonial espanhola característica. A finais do século XX, a cidade se transformo em termos arquitetônicos, tentando preservar a característica colonial das fachadas, muitas construções antigas foram reparadas e outras foram replicadas. A ferraria da cidade mudou, e parte do legado cultural se transformou com as novas mudanças.

Castrillón descreve com suas próprias palavras e no trabalho de Villanueva (2010), como até o ano de 1983 ainda Popayán, conservava a imagem colonial de 1976, pese à influência do barroco americano e as correntes do neoclássico. Neste sentido chegaram a Popayán, arquitetos como o espanhol Antônio García, o alemão Simon Hschenkerr; o Santaferenho Gregório Carsi e o sacerdote Andrés Pérez (VILLANUEVA, 2010), integrando assim o significado próprio da arquitetura colonial.

O tema da forja de acordo com Castrillón foi importante dentro da arquitetura, pois este elemento que num princípio foi decorativo, logo converteu-se num elemento próprio da arquitetura colonial. Em palavras de Castrillon então: “*la ciudad fue caracterizándose por la forja, tanto así, que podía apreciarse en las puertas, balcones, chapas, llaves y faroles de la ciudad, el colonialismo de una ciudad presa en el tiempo*”. Vários artesãos da cidade, destros na arte da ferraria então, empunharam marretas e cinzeles, plasmando seu trabalho como símbolo colonial

de identidade. A estes artesãos, se os considero mestres.

Apresenta-se a continuação, a caracterização da forja artística antiga, diferenciada pelo arquiteto Valencia no espaço urbano, conhecendo-se a outra técnica, como ferraria ou forja contemporânea. Fotografias tiradas durante o recorrido pelo setor histórico da cidade feito com o arquiteto Valencia:



Figura 45. Balcão de ferraria antiga. Setor histórico – Popayán
Fonte: Autora.



Figura 46 Balcão de ferraria antiga. Setor histórico – Popayán
Fonte: Autora.



Figura 47. Ornamento antigo e contemporâneo em porta payanesa no centro
Fonte: Autora



Figura 48. Janela de ferraria antiga
Fonte: Autora



Figura 49. Grades em ferraria antiga.
Educativa São Agustín
Fonte: Autora

Instituição

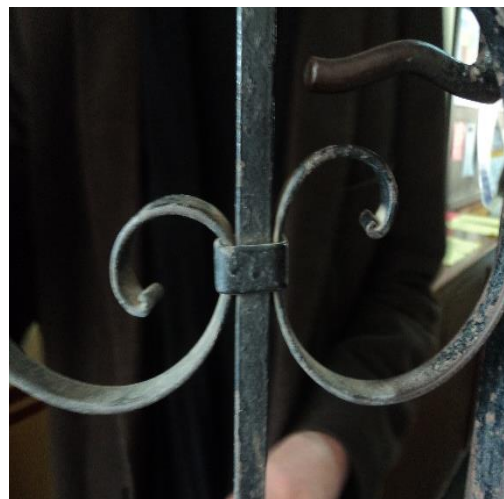


Figura 50. Característica da ferraria antiga –
broche. Colégio Maior do Cauca
Fonte: Autora

Durante o recorrido pelo setor histórico de Popayán que Castrillón fez para o desenvolvimento desta investigação, identifiquei dois tipos de forja na cidade: uma antiga e outra contemporânea, ambas coexistindo hoje na espacialidade de uma cidade colonial.

De acordo com Castrillón então: *“Existen hoy de los tipos de forja en la ciudad, una forja antigua hecha por artesanos herreros que utilizaban técnicas como el alfil (broche) y el remachador (remache) y la forja de hoy, se conoce como herreria contemporánea, donde las uniones del hierro tienen soldadura”*. A ferraria antiga, pode ser diferenciada nos trabalhos artísticos por técnicas como os broches de ferro, parafusos que atravessam as barras de ferro, e as figuras polidas e planas plasmadas nas mesmas. Contudo, a ferraria contemporânea, só implementa técnicas de soldadura, é descer que pode observasse uma massa exterior e as barras atravessadas, passam de lado a lado através de um buraco.

Duas técnicas convivem num mesmo espaço. A ferraria antiga com a nova ferraria contemporânea, reconfiguram o espaço urbano de Popayán.



Figura 50. Braulio Ledezma

Bráulio Ledezma: Forjador de ferro da Payanés. Desempenha o cargo de professor de forja na Fundação Escola Taller de Popayán, e o Servicio Nacional de Aprendizagem SENA. É muito conhecido na cidade, por ser reparador e construtor de obras feitas em ferro artístico. Leva 44 anos trabalhando no ofício, arte que aprendeu de mestres espanhóis que legaram à cidade com o propósito de transmitir diferentes tipos de técnicas. Seu pai foi carpinteiro e desde pequeno com ele, rodeado de artesãos e trabalhadores de multiplex ofícios. Conhece as técnicas da forja antiga que conservam algumas casas em Popayán, devido a que conheceu mestres ferreiros

espanhóis e ferreiros tradicionais da cidade.

Atualmente pratica o ofício de ferreiro, desde sua própria oficina artesanal que fica em sua casa no bairro Pueblillo na Popayán. Ocasionalmente alterna o trabalho em sua oficina, com atividades de ensino da forja em alguns lugares da cidade. Bráulio tem sua oficina de forja em sua própria casa, onde ele mora.

Bráulio forma parte dos últimos forjadores que quedam em Popayán, que se educaram com espanhóis. Estes mestres ensinavam a arte da forja na antiga Escola oficina da Universidade do Cauca e o SENA. Seu pai Alirio Ledezma carpinteiro, aprendeu o ofício na Escola de Ofícios da Universidade do Cauca. Bráulio lembra de seu pai foi temperamental e que até em férias, ele fazia trabalhar a ele e seu irmão no oficina, incluindo os sábados e domingos. Seu pai tinha um mal caráter e quase sempre ficava bêbado, criando um ambiente ruim. A oficina dele ficava diagonal ao bairro Villa Marista, hoje os julgados. Bráulio estudava todos os dias na manhã e pelas tardes trabalhava no oficina de seu pai.

Quando Bráulio estava no último ano do ensino meio, seu pai falou para ele, que não tinha mais recursos para investir na educação de ele, assim que poderia ajudar no Oficina, o teria que conseguir um trabalho para ajudar com os gastos econômicos da casa. A intenção de Bráulio era continuar estudando, mais ficou como ajudante durante um longo tempo no Oficina de seu pai. Ele lembra assim:

Quando ya terminamos los estudios de la escuela primaria, mi padre nos reunió a mi hermano y a mí y habló: ¿niños, ustedes quieren seguir estudiando? Entonces todos dos contestamos que sí. Mi padre se quedó mirándonos y respondió: ¡Estudien por la

noche y trabajen en el día, porque yo no voy a mantener vagabundos!. Así empezamos a estudiar desde las 19 horas hasta las 23 horas todos los días, y nos movíamos en bicicleta, para llegar más rápido. Las mañanas y las tardes nos dedicábamos a ayudarle a mi papá en el taller.

Um dia quando Bráulio estava trabalhando na oficina de seu pai, unos dos clientes que frequentava a oficina, falo com ele para lhe propor que fizesse um curso de forja no SENA.

Bráulio lembra:

Yo me inicié en el oficio de herrero, porque un señor de apellido Aragón, llegó un día al Taller de carpintero de mi padre, y me habló de los cursos de forja, él me dijo que impulsaría, me dijo que fuera a averiguar. En ese tiempo, yo fui a los talleres del SENA e hice mi matrícula. Recuerdo que los talleres quedaban donde hoy queda el Colegio Mayor, al frente de la facultad de Artes de la Universidad del Cauca. Llegue un lunes a hacer mi matrícula, y como tenía 13 años, ellos me dijeron que estaba muy pequeño. Hable con ellos y les dije que conocía al señor Aragón con quien me encontré después, le recordé que me había hablado de los cursos de forja y él me dijo que haría una excepción respecto a mi edad, pues las personas que iban a inscribirse, debían tener como mínimo 15 años. Él (Aragón) me dijo que tenía que ir a la sede del Alto Cauca, ósea era en ese tiempo, más allá del Puente viejo, donde ahora queda la sede del SENA por la Paz (barrio). De esa forma entré estudiar forja, más antes de ir, él me indicó para mí, que tenía que estar al día siguiente las 6 horas en el antiguo Banco del Estado, para tomar el transporte. Nos transportaban en esa época para ir a aprender allá arriba.

Essa anedota faz parte da vida de Bráulio e marcou o início de seu trabalho dentro do ofício da forja, pois nesse instante, ele começou a receber aulas de forja todos os dias. Todos os dias ele tinha aula, de 7:00 – 12:00 e de 14:00 – 19:00, no transcurso de um ano.

A continuação apreciase a promoção de carpinteiros que obtiveram o título de carpinteiros junto ao pai de Bráulio em 1939 na Escola Oficina de aqueles tempos.



Figura 52. Alirio Ledezma carpinteiro – Pai do senhor Bráulio Ledezma.
Fonte: Autora

Bráulio lembra de aqueles ferreiros cujo trabalho artesanal fez história na cidade. A consagração de uma arte, e sobre todo de um artesão numa cidade, foi particular nas cidades e povos pequenos. Popayán para princípios de século XX, contava com poucos habitantes, e então, foi comum, que as pessoas, por não dizer quase todos os habitantes, reconhecessem ao carpinteiro, alfaiate, ou joalheiro da cidade.

Referente a seu ofício de forjador Bráulio fala assim:

Es difícil encontrar a alguien que conserve la tradición de manipular de forma cierta la forja, muchas personas piensan que ser herrero es hacer llaves, más el herrero es un artista, un trabajador que hace cosas con hierro caliente y frío, sabe hacer de todo. Yo recuerdo que años atrás, el herrero era conocido por hacer herraduras. Recuerdo de niño, el Taller del maestro Ramos (maestro herrero que tuvo su taller en la zona céntrica de Popayán), un antiguo Taller de herrería que quedaba bajo el Puente del Humilladero. ¡Como se respetaban en aquellos tiempos a maestros como él!, él era para nosotros un ejemplo de trabajo y dedicación. Tenía me recuerdo ahora, una figurita como de un caballo dando vueltas encima de la casa, ese señor era de respeto por todo lo que se le conocía que el sabía hacer. Un herrero debe saber así como el señor Ramos, manejar toda la rama que cubre este arte, desde hacer puertas, ventanas, chapas, hasta colocarlas, diseñar e crear todo con el oficio.

É importante simbolicamente para Popayán, a oficina de ferrária do mestre Ramos que ficava no ‘Puente del Humilladero’, ele foi o referente tradicional de muitos payaneses. Bráulio pratica dentro da forja, técnicas artesanais de ferrária antiga colonial característica, dos antigos ferreiros. A continuação, se observa dois trabalhos em ferro de Bráulio: as águias bicéfalas e o lustre de ferro, ambas alucivas a técnicas como o rebite e o alfinete.



Figura 53. Águias bicéfalas. Artesão Alirio Ledezma
Fonte: Autora



Figura 54. Iluminaria em ferro. Artesão Alirio Ledezma
Fonte: Autora

Este trabalho em palavras de Bráulio, é um trabalho bem elaborado, porque se precisa realizar o trabalho com cinzel, maço, fole e bigorna. Adicionalmente, os moldes ou o desenho, se realizam a mão sem ajuda de máquinas que facilitem o trabalho, deixando cada artesão, seu próprio selo, cada golpe de marreta na obra artesanal então, brindam um espetáculo único dentro da própria aura da obra de arte.

Adicionalmente, Bráulio destaca que quase sempre os aprendizes de forja na Escola Oficina, são pessoas de escassos recursos econômicos, população vulnerável que se inscreve a estas aulas, só com o ânimo de passar um momento e não como uma opção de trabalho. De acordo com ele, as pessoas jovens, preferem escolher qualquer outro tipo de ofício, como vigilante, vendedor o empregado, menos aprender uma arte. Para ele, a arte da forja como tal, já não se ensina de forma séria e responsável.

Bráulio tem feito por mais de 44 anos, diversos trabalhos. Inicialmente as pessoas consideram num princípio que os trabalhos são custosos, mais depois de obter o produto, eles ficam satisfeitos pela obra artesanal. O ofício artesanal da forja, não se faz por dinheiro pensa Bráulio, pois de acordo com ele, o gosto pela forja deve ser o motor que impulse a arte mesmo, desta forma então, a forja é arte e não dinheiro. Ele fala assim:

No tengo dinero, más tengo un amplio conocimiento ¡bastante! En la Escuela Taller, por ejemplo, un joven hace poco tiempo, que tenía problemas económicos, me dijo que él podría encargarse del Taller de la Escuela, y como a mi no me gusta pelear con nadie, deje que él, se hiciera cargo. Al tiempo, me di cuenta, que el Taller cayó en todo sentido y todo el trabajo se fue parar el suelo. Después volví de nuevo y me hice cargo de el taller como antes. Hay muchos que dicen ser herreros pero es que la experiencia y el conocimiento es lo que les da las herramientas. Muchos se meten por hacer dinero, pero es que esto no es solo por eso.

Durante os três anos que Bráulio fico fora da Escola, ele trabalhou com o SENA, onde os supervisores mandaram ao INPEC (Instituto Nacional Penitenciário e Carcerário), a capacitar aos prisioneiros.

De acordo com Bráulio, forjar, começa quando se aquece o ferro. Este fato, conta histórias maravilhosas. Ele fala que existem ainda pessoas que hoje só pensam que forjar, é fazer chaves, e lembra de anedotas de sua vida assim:

Anteriormente se hacía mucha herradura para caballo. El herrero de antes, era un señor que hacía y colocaba las herraduras a los caballos, era un trabajo bastante peligroso y de saber, tener cuidado con el animal y todo. En alguna ocasión escuche que un herrero había muerto porque uno de estos animales se había enfurecido y lo mató de una patada.

Cuando yo estaba pequeño, yo conocía el Taller de herrería del señor Ramos, él quedaba debajo del Puente del Humilladero. Trabajos como los hechos por el maestro Ramos, son hoy una obra de arte para nosotros. Muchos de nosotros, miramos cómo se hacían los trabajos en forja, y aprendemos a hacer formas y figuras, propias de la forja colonial, hoy son pocos los artesanos que saben hacer eso.

Os referentes em forja aprendidos pelo mestre Bráulio, mostram dois técnicas muito características da forja antiga: rebite e alfinete, próprias de técnicas artesanais feitas por ferreiros anos atrás na Popayán.

Os trabalhos feitos por Bráulio, incluindo muitas das reparações de barras em ferro, portas, janelas, escadas, entre outras, podem apreciar-se hoje no centro da cidade. Trabalhos como o das águias bicéfalas, mostram a destreza técnica do artesão que praticava a forja artística antiga.

Ele fala assim:

Este trabajo se hace a mano con cincel y golpe de martillo. Hoy los nuevos forjadores sobre todo la gente joven, pretende hacer las mismas cosas con máquina, ellos no van a tener jamás algo parecido, esforzándose lo mínimo. Por ejemplo, una lámpara, donde sólo utiliza la técnica del remache, se puede apreciar en ella, que no tiene ningún punto de soldadura, y esa es la técnica antigua. Mi trabajo es similar al de maestro Ramos por la técnica, estas obras se hacen con diseños propios y a golpe de martillo.

Técnicas como o rebitagem e os fechos, foram técnicas utilizadas pelos antigos ferreiros da cidade, onde eles uniam sem soldadura, peças de diferentes tamanhos. No passado também ficou, a função de ferrar cavalos, podendo-se comprar ferraduras hoje em qualquer loja de ferragens.

Estas lojas vendem em maior quantidade e menor custo, as ferraduras para cavalos, em quanto Bráulio pode ganhar trinta mil a quarenta mil pesos colombianos, enquanto que por um par de ferraduras que se encontram no comercio, as quatro ou oito, se podem adquirir por seis mil a oito mil pesos colombianos de menor qualidade.

Contudo, Bráulio ainda sente preocupação pelos objetos de ferro que ainda permanecem decorando a cidade, ele fala assim:

Muchas obras que hice en Popayán por ejemplo algunos faros del Ayuntamiento y demás lugares, fueron retirados. Creo que hoy, ya las personas no aprecian mucho todo el arte que queda en los trabajos. De las cosas que hice, todavía se conservan los faroles de la Facultad de Humanidades de la Universidad de Cauca, la restauración de algunos sellos de puertas, ventanas y demás objetos que no recuerdo ahora. Creo que las personas en Popayán, se roban las obras en hierro de la ciudad, pues algunas cosas en bronce, cobre, hierro y demás, son generalmente pintadas para que la gente no

intente robarlas. Claro no todo, hay cosas que como la gente no saben que tienen valor, pues no las toca por desconocimiento.

Frente aos novos forjadores que aprendem hoje o ofício da forja, Bráulio fala:

La gente ya no quiere trabajar el arte como él es, esto es debido a que se incrementan los costos, frente a la facilidad de hacer trabajos en el menor tiempo y más rápidos, esa es la diferencia entre la forja artística y el cerrajero. Hasta hace poco, sólo dos personas quedamos que trabajábamos la forja tradicional y artística como tal: yo y Don Felipe Reyes, más él maestro Reyes murió hace poco más de tres años. Yo aprendí este tipo de técnicas, con un español que llegó al SENA, creo que tenía el apellido de Blacks. Recibimos clases yo y otras personas, más ellos ya murieron. Lamentablemente al final, el SENA empezó a enseñar mucho el tema de soldadura, y terminó perdiendo las técnicas antiguas.

Ele conta respeito aos jovens:

Me gustaría poder enseñar a los jóvenes a trabajar en cualquier oficio, recuerdo que una vez, tuve que ir a un barrio muy pobre en Puerto Tejada, uno de los barrios más peligrosos que existe: Altos de París y Carlos Alberto Guzmán. Para llegar allí, tenía que tomar el taxi tanto para ir como para volver, porque era muy peligroso salir solo. Una tarde y después de forjar, me quedé con sed, y como en frente había una tienda, fue a comprar un refresco. Sólo llegue al lugar, la empleada me pidió que entraré rápido a la tienda, pues ya venía detrás de mí, una banda de jóvenes con cuchillos. Creo que al pasar de un lugar a otro, pase una frontera invisible que ni sabía que existía. Esos jóvenes deberían estar aprendiendo un oficio o una ocupación, pero estaban ahí sin tener un sentido claro para mí.

Dentro do ofício da forja, há multiplex histórias, elas transformam e ensinam aos forjadores, características sociais que se devem ter em conta para ficar o afastar-se do ofício. Este é o caso de Bráulio, filho de um carpinteiro que desde pequeno foi criado por seu pai que tinha uma personalidade forte e comportamento agressivo. Bráulio lembra:

Decidí ser forjador y no carpintero, porque mi padre era una persona de comportamiento agresivo y creo que eso también influyó. Era difícil establecer una comunicación cordial con él, porque en la mayoría de las ocasiones, él era agresivo y no nos daban ganas ni de trabajar a mí y a mi hermano.

Recuerdo después que entré al SENA, que yo tenía clase todos los días por las mañanas, más todas las tardes yo y mi hermano teníamos que trabajar en el taller de mi padre. No teníamos vacaciones, porque nos hacía trabajar todo el tiempo. Mi padre decía: ¡Allí está la lija, empiece a trabajar rápido! Recuerdo que en casa, el 24 de diciembre, él sólo trabajaba hasta mediodía, porque él empezaba a tomar licor hasta el otro día. En esa época, mirábamos que otros niños esperaban recibir obsequios, pero mis hermanos y yo, no teníamos nada, porque él bebía y fumaba con sus amigos. Así, creció en mí, como una especie de rencor, todo era gritos y peleas. Mi padre era un hombre rudo y difícil en términos de convivencia.

Esta particularidade da história de vida do senhor Bráulio, ajudou a formar sua personalidade, pois desde pequeno, ele experimentou num ambiente leno de responsabilidades e compromissos, onde o trabalho foi para ele, parte fundamental de sua vida.



Figura 55. Gustavo Cárdenas Camayo

Gustavo Cárdenas Camayo: Forjador payanes com uma experiência de mais de 12 anos. Estudo no SENA e reforço seus estudos na Espanha durante quatro meses. Foi estudante de música e ainda forma parte de grupos musicais, com os que viaja em repetidas ocasiões. Foi professor da Fundación Escuela Taller da cidade. Ele teve a oportunidade de aprender ainda hoje nos anos noventa, o ofício da ferraria da mão de espanhóis.

Em seu Oficina, ele elabora barras de ferro, janelas portas, anúncios, entre outros. Faz parte dos forjadores contemporâneos da cidade. Ele a diferença de outros artesãos, trabalha com ferramenta e maquinaria nova, que facilita seu trabalho técnico.

Na Oficina de forja de Gustavo pode encontrar-se diferentes tipos de máquinas que permitem a realização do trabalho de forma eficaz. Foi professor da Escola Oficina, mas se retirou porque as atividades de professor interferiam com seu trabalho na forja, ele considera que muito grato, o tempo que utiliza na realização de seus próprios trabalhos.

Gustavo iniciou o processo de formação no SENA no ano 2004, mediante o curso de acabados e soldaduras especiais. Gosto tanto da forja, que decidiu parar sua formação como licenciado em música, para dedicar-se completamente como ele mesmo descreve: ‘ao negócio da ferraria’. Não obstante, seu gosto pela música foi um processo que se alimentava em paralelo a sua formação como artesão. Ele ainda hoje continua dedicado à música, atividade que faz como complemento diário de sua vida, arte que combina com a forja artesanal.

Desta forma, Gustavo começou primeiro, fazendo e vendendo candelabros a diferentes pessoas, trabalho que gerou grandes incentivos econômicos numa época de necessidades e crises, onde ele precisava ter uma entrada de dinheiro. As surpresas foram chegando com o tempo, e por parte da música, ele teve a possibilidade de viajar na Espanha, experiência que aproveitou alternativamente para fortalecer a arte da forja.

Uma vez na Espanha, Gustavo aprendeu da mão de mestres espanhóis, a manipulação e o trabalho do ferro forjado, acabados, acabados industriais, ISO nove mil, oxidados e armas

medievais, e demais técnicas. Voltando na Colômbia, ele decidiu construir seu próprio Oficina artesanal. Oficina que foi construindo, a raiz de um empréstimo de dois milhões de pesos Colombianos do Banco Mundo Mulher, depois de ele passar a solicitude ao Banco para a criação de seu negócio.

Desta forma e uma vez obtido o empréstimo, o primeiro que Gustavo compro, foi um pequeno soldador, uma prensa de forjador, uma bigorna, uma furadeira e uma cadeira, e algumas outras ferramentas básicas na cidade de Cali – Valle do Cauca. O primeiro lugar onde fico sua Oficina foi no bairro Lomas de Granada, em um quarto pequeno, no terraço de um terceiro piso. Ao princípio ele pedia prestado ferramentas de trabalho a um amigo, mais com os anos, ele foi adquirindo suas próprias ferramentas.

Depois de quase oito anos de trabalho e percebendo que sua ferramenta começava a oxidar-se devido à filtração de agua na casa, ele estabeleceu sua Oficina no bairro Santa Inés. A continuação se pode apreciar, algumas ferramentas que ficam na Oficina de Gustavo:



Figura 56. Oficina de Gustavo Cárdenas
Fonte: Autora

Posteriormente, Gustavo decidiu trocar de sitio e mudar-se a um pequeno estacionamento. Ele pagava do aluguel cento cinquenta mil pesos colombianos, e ainda que este não foi muito amplo, ele trabalhou neste espaço oito meses. Ele comparte com nós uma anedota:

Una vez estaba necesitando dinero horrible, y no tenía ningún peso, entonces empecé a hacer un candelabro de una virgen para un altar, ese trabajo creo que fue, una de mis primeras creaciones en forja. Este candelabro fue hecho sin tener el cliente, y cuando salía a venderlo, porque yo estaba camino al Parque Caldas (centro de la ciudad) a venderlo, salí de la casa, y en la casa de mi vecino al lado me propusieron compra por el candelabro. Yo lo vendí por noventa mil pesos, y con ese dinero, pagué mis cuentas

y compre más hierro para luego hacer otros tres candelabros. A la gente le gusta mucho los accesorios, así que puedo venderlos rápido.

Gustavo conta hoje, com vários tipos de máquinas, que facilitam seu trabalho. Em sua Oficina pode observar-se, vários cabos da luz, de diferentes cores, onde por cada cor ele obtém uma tenção específica. Estas conexões elétricas, organizam-se de acordo às normas estabelecidas na Prefeitura da cidade, parâmetros industriais que devem seguir-se, para obter a licença ou certificado de funcionamento.

Ele está tentando construir uma empresa até o dia de hoje, que consiga satisfazer as necessidades das pessoas. Em suas próprias palavras ele disse:

Si usted crea su propia empresa, creo que usted va a hacer lo que sea, para conservarla. Obviamente concentrarse no sólo en producir y producir, sino en tener un cliente. Hay que mirar el mercado y las necesidades de las personas. En mi caso, estoy rodeado de una ciudad que vive con el gusto del hierro forjado, y sé que aquí hay toda una cultura del hierro y entonces, la gente paga el trabajo bien hecho, muy bueno. Sin embargo, si el trabajo está mal, no pagan bien y no vuelven nunca más. Los clientes pienso, van escalando con respecto a los trabajadores del hierro en Popayán. Pasan por varias decepciones y después ellos perciben qué trabajo es el mejor, ellos siguen buscando a quien hace bien las cosas. Muchos clientes llegan primero aquí cotizando los trabajos primero para ver si mandan hacer sus trabajos, yo les digo cuanto cobro y ellos al final son los que deciden. Muchos ellos casi siempre vuelven.

A perspectiva conceitual que tem Gustavo, respeito ao entorno particular de seu ofício, nos acerca a entender, que tipo de mudança se está configurado hoje, pois ele é um dos forjadores exponentes da forja contemporânea na cidade.

A mudança da forja como ofício artesanal à forja comercial, é um dos maiores câmbios percebidos hoje nas cidades. É notório neste aspecto, que alguns artesãos para facilitar seus trabalhos manuais, invertem menos tempo, este fato se encontra ligado também ao uso das novas máquinas de trabalho. Artesãos como Gustavo, consideram que o tempo de trabalho que ele invertia antes em construir um objeto de forja manual, foi mais longe, que o tempo que hoje, ele dedica a fazer a mesma obra, mais com uma máquina de apoio. Apresenta-se então uma mudança hoje, nos ofícios como a forja dos trabalhos feitos a mão, e os feitos com maquinarias especializadas.

Dentro da forja em Popayán, destacasse ademais diferentes artesãos que reparam obras como portas, janelas, balcões, entre outros objetos antigos, para conserva-los e mantê-los dentro do colonialismo arquitetônico da cidade. Contudo, forjadores como Gustavo, preferem não assumir esta labor, pois consideram ditos trabalhos repetitivos e difíceis de manter pelo tempo.

Ele prefere melhor, fazer algo novo, diferente e melhor, já que o cliente assim, não perde seu dinheiro.

Tempo atrás, Gustavo foi reparador de obras em forja, mas confessa que ele só intentava ganhar dinheiro para cobrir necessidades. Ele disse:

Al comienzo cuando me inicié en este oficio, yo hacía reparaciones. Se trataba, de cubrir necesidades básicas, más después, cuando aparecieron otros negocios, así que no quise continuar haciendo eso. Creo que fue para mí, como una síntesis del progreso, pues empecé a ganar más dinero por otros trabajos que hacía, me iba mejor. Me categorizé sobre lo que estaba ganando y fue importante para mí. Otra parte importante, aparte del dinero, es pensar en que debes progresar, ¿En cuánto tiempo te ganas ese dinero? porque puedo ganar diez mil pesos en diez minutos, o diez mil en tres días. Pensar en eso, también hace la diferencia.

Gustavo fala ainda da necessidade de ter numa sociedade específica, um forjador que oriente ou direcione determinados tipos de trabalhos. Da importância de que apesar de que as pessoas têm suas profissões ou grau acadêmico, precisam em ocasiões da ajuda de um forjador.

Em termos de Gustavo:

Cuando tienen un metal en las manos, normalmente piensan en un herrero y no piensan por ejemplo en un ingeniero estructural. Ellos casi que siempre buscan un herrero, sobre todo en el tema de construcción o diseño de estructuras u otras cosas. He tenido por ejemplo muchos desacuerdos de tiempo atrás con varios ingenieros; ellos intentaban hacer cosas absurdas que creo que eventualmente se podrían caer, así que yo intenté interferir lo máximo que pude. Pero cuando prevalece más el orgullo de ingeniero y eso, entonces es mejor dejar que caigan las estructuras encima. Desacuerdos de esos sí he enfrentado, de personas que dicen que saben lo que quieren hacer y después no resulta como se ellos esperaban.

Gustavo se considera um artista do ferro, ele desenha e constrói. Gosta muito de inovar. Quando uma pessoa faz um encargo para ele, por exemplo uma cadeira, ele gosta de pensar que a cadeira pode ter outra funcionalidade distinta a sentar-se. É aí, onde ele inova e transforma o objeto com respeito à funcionalidade. Em suas palavras: “busca un objeto versátil que tenga valor y al mismo tiempo semiótica”.

Em seu trabalho, ele a manipulados distintos tipos de metais, como a prata na realização de troféus para campeonatos, estanho, manganésio, magnésio, bronze, cobre, alumínio, aços de vários tipos como inoxidáveis, ao carvão, temperados, rápidos e ferro. Mostra-se a continuação o local onde fica hoje sua oficina:



Figura 57. Ferramentas oficina de Gustavo.
Fonte: Autora

Gustavo não é um forjador de tradição, ou seja, que ele não herdou o ofício artesanal de ninguém de sua família. Até hoje afirma Gustavo, ele é o único ferreiro da família, arte que escolheu por necessidade, e que depois com os anos, foi conhecendo de forma curiosa em meio dos processos industriais e as inovações da forja.

Confessa que se mantém à corrente, das novas ferramentas e maquinarias para forjar, que estão saindo ao comércio, pois estas, facilitam seu trabalho no Oficina. Sua criatividade, permite que ele modifique suas ferramentas e maquinarias forja, implementando novas coisas, com o tempo, ele vende as coisas que modifica. Ele fala:

Yo, permanentemente hago distintos tipos de herramientas y modifico otras, con el objetivo de entregar mis trabajos más rápido. Con los trabajos que van saliendo, voy inventando nuevas herramientas y modificando las maquinas. Yo, modifico las herramientas que creo, pueden ser modificaas. Algunas las he vendido y otras que están en el taller ahora, ya las he negociado. Por otra parte, muchas herramientas hoy en día, ya no se hacen en hierro, porque duran mucho tiempo, así que muchas herramientas hoy en día, han dejado de fabricarlas, creo que después de los años ochenta. Con herramientas que duran menos pues claro uno debe comprar otras para remplazar las que se fabrican hoy, es una estrategia.

Gustavo faz parte, da nova onda de forjadores na cidade, uma nova geração, cujo trabalho se encontra focado em distintas direções, a nova forja contemporânea.

A configuração arquitetônica da cidade colonial, é hoje uma mistura da antiga forja e a forja contemporânea, diferenciadas pelas técnicas e estilo dos trabalhos artísticos dos artesãos. Distingue-se dentro destas características, o tempo que utilizam os artesãos para realizar suas obras, trabalho manual e a destreza técnica das maquinas. Neste sentido então, a cidade, está

imersa, em dois práticas de forja completamente distintas e misturadas: a forja antiga, e a forja contemporânea.

Dilmer Javier Ramos: forjador nascido em Popayán faz 50 anos. Leva no ofício



artesanal da forja 40 anos, desde que ele tinha 10 anos. Ao contrário do senhor Bráulio, Dilmer é um forjador que faz centos de coisas para sobreviver, ele é pedreiro, pintor, encanador, chaveiro, conhece de eletricidade, faz portas, janelas, entre outras. Dilmer tem seu Oficina, em sua própria casa. Sua casa, fica no bairro Alfonso López, perto do Mercado da treze. Dilmer se diferencia dos outros forjadores, não só por sua versatilidade, senão porque ele conhece empiricamente, o que fazer de multiplex ofícios, sem aprofundar especificamente em cada tipo de arte.

Figura 58. Dilmer Ramos

Ele representa ao forjador que nós conhecemos nas ruas, disposto a fazer qualquer tipo de arreglo, trabalho ou atividade respeito das ramas do conhecimento que conhece. Sua versatilidade, permite que possa ter uma entrada econômica de dinheiro.

Veremos então, um trabalhador de multiplex facetas, ele instala chapas, portas, janelas e outros objetos metálicos, incluindo a pintura, a construção e qualquer outro tipo de trabalho que se necessite. Se diferencia dos demais forjadores, porque é conhece multiplex atividades artesanais, destacando-se que não tem uma tradição herdada, nem estudo, mais bem aprendeu o ofício da forja, olhando às demais pessoas trabalhar. Em outras palavras, seu ofício é empírico, e nasceu de olhar a destreza técnica de outros que faziam também coisas similares. Uma das características importantes de este forjador, é que essa versatilidade ajuda na econômica de sua família. Se pode dizer, que ao conhecer de todo um pouco dos temas técnicos de vários trabalhos, ele pode ganhar mais dinheiro com um só cliente.

A experiência de Dilmer transita entre os forjadores de antes e os forjadores de hoje, só que ele decidiu escolher o trabalho da forja de hoje feita com soldadura. Dilmer fala de uma transformação do ofício da forja de forma geral, que aconteceu depois do terremoto de 1983, quando uma parte da população de Popayán, se foi por temor de que aconteceram mais

terremotos, levando-se as técnicas de forja antiga como os rebites e o alfinete em ferro, sendo substituídas pela soldadura e trabalhos mais técnicos que requeriam menos tempo.

Atualmente, seu trabalho se encontra hoje relacionado só com a soldadura, pois permite fazer os trabalhos em menor tempo. Ele fala assim:

Yo trabajo más que todo con las personas que necesitan hacer una puerta, una ventana. Yo hago todo tipo de trabajo siempre y cuando no tenga que ver con los ingenieros. Me gusta trabajar con las personas que hacen hacer cosas comunes que se necesitan. Una vez que usted domine el oficio de la forja, se puede empezar a hacer otras cosas. En un tiempo, ayude a mi ex mujer a trabajar con zapatos, hacíamos elevaciones y moldes, para luego empezar a hacer los zapatos. Ella había hecho un curso en el SENA, y pues yo le colaboraba. Como en todo oficio, creo que es difícil encontrar a alguien que le guste aprender el oficio. La forja por ejemplo, es un oficio donde las personas tienen que tener desde un principio, una idea básica, pues se tiene que aprender a manejar máquinas como pulidoras de altas velocidades y soldadores eléctricos, para facilitar un poco los trabajos.

Pode olhar-se do trabalho de Dilmer, que ele tem tido contato também, com o ofício do sapateiro. Seu trabalho mais técnico e pouco artesanal, há permitido que seu ofício de forjador, continue até hoje, sobrevivendo economicamente como ele fala, afastado de técnicas que já não são úteis. Ele olha dentro do ofício da forja, melhor trabalhar com soldadura para agilizar a entrega dos trabalhos ou “encomendas” como ele fala. Neste processo, a ferramenta manual passa a fazer parte de um segundo plano, enquanto a ferramenta elétrica, começava a ter importância.



Figura 59. Oficina Dilmer Ramos
Fonte: Autora

O trabalho em forja feito por Dilmer se dirige a um grupo particular de pessoas onde ele só tenta satisfazer, as necessidades de sua clientela. Dilmer tem muito tempo trabalhando como forjador, mas considerasse ainda, um forjador relativamente novo na arte da forja, pois trabalhou para uma empresa de vidros. Ele lembra que a um lado de sua casa, morava um senhor Samuel Ventura que fazia trabalhos em forja antiga, mais depois da morte de ele, a ferraria fecho e não volveram a abrir.

O senhor Ventura, de acordo com Dilmer, fazia reparações, e quando vivia, ele fez algumas portas e rejas coloniais com as técnicas de rebite e alfinete para Popayán.

Dilmer fala assim:

Recuerdo que el señor Ventura hacía cosas en forja antigua, él utilizaba técnicas propias de hace mucho tiempo como el remache y el broche. En ese tiempo no se utilizaba la soldadura, aún hoy se encuentran en el centro de la ciudad de Popayán por ejemplo, muchas cosas en hierro que tienen remaches y broches, sin nada de soldadura. Creo que en esa época, sólo se utilizaba el taladro de mano para abrir los agujeros, es hoy algo que resulta para mí difícil hasta de pensar, ¿Se imagina? Una broca de mano para hacer un agujero y luego comenzar a colocar el remache, es todo un arte, se tenía que hacer todo con martillo. De esta línea era también, no sé si recuerdo bien, más creo que era un señor de apellido Prieto, que no se si él aun está vivo. Su Taller quedaba al terminar el Puente del Humilladero, en la esquina de la Lotería del Cauca. También trabajaba con técnicas antiguas como el remache y el broche, estas técnicas, llevan mucho tiempo de trabajo y son bastante complejas. Yo no hago nada que tenga que ver con técnicas coloniales, porque imagínese, ¿Cuánto tiempo tomaría en hacer yo una figura como estas?, tocaría hacer cada cosa paso a paso. Este tipo de figuras en hierro creo yo, podrían costar alrededor de dos millones y medio de pesos colombianos, por lo que ya no se hacen objetos como esos.

Aprendeu olhando como as demais pessoas de seu entorno trabalhavam. Ele lembra:

No tengo estudio, sólo lo que aprendí en las calles. Empece primero por ser ayudante, y después fue aprendiendo. Tengo una prensa artesanal que hice yo mismo y parte de herramientas que he ido modificando así como para ahorrar un poco más de trabajo. Aquí tengo una enciclopedia de cosas que se pueden hacer en forja.

Atualmente, ele tem três soldadores eléctricos: grande, médio e pequeno, a única diferença é o peso de cada um. Respeito a seu trabalho, ele fala: *“Cuando yo voy a soldar, llevo la pulidora, pues es necesaria para que desbaste los grumos que quedan después de soldar y no se note la soldadura. También uso brocas para perforar vigas, gira y se puede cambiar de tamaño”*. Dilmer contrata em algumas ocasiões, a uma ou duas pessoas que ajudem.

Hoje, tende-se a não utilizar mais por parte dos forjadores, técnicas de forja antiga, presentes em alguns locais da cidade. Eles preferem fazer em menor tempo, trabalhos que com este tipo de técnicas se volveriam dispendiosos. Para fazer isso, eles preferem utilizar a soldadura e

demais maquinas, entregando seus trabalhos e adquirindo outros, quase de forma imediata.



Figura 60. Dilmer Ramos e seu ajudante. Preparando-se para o trabalho.
Fonte: Autora

O tempo, é um fator importante para ser analisado hoje nas técnicas artesanais. Trabalhadores como Dilmer, se afastam do conceito da arte, porque ele considera seu trabalho, um ofício cotidiano. O tempo de dedicação que emprega um trabalhador, imprime a aura da obra que ele entrega.



Carlos Andrés Calle: Joalheiro artesanal da cidade de Popayán. Participa atualmente com seus trabalhos e arreglos feitos dentro da joalheria, no Programa artesanal Mãos de Ouro, que fica na Fundação Junta Permanente Pro Semana Santa. Sua família tem tradição no ofício da joalheria. É conhecido no campo da joalheria como ‘Palito’, desempenhando o ofício desde 1996. Sua casa fica no bairro Santa Inés, mesma onde no segundo andar, tem seu Oficina de joalheria.

Figura 61. Carlos Calle

Na parte esquerda do segundo andar, encontrasse um quarto pequeno onde se pode encontrar, uma mesa com um lustre e alguns cadinhos, limas, martelos de diferentes tamanhos e alicates e serrotes.

Ademais pode olhar-se, um pequeno estante onde se guardam moldes, algumas pedras preciosas, uma cadeira, uma máquina para laminar, um soldador, uma máquina para brilhar,

entre outras coisas. Carlos Andrés tem hoje 40 anos, dos quais 21 leva no ofício. Palito tem sido instrutor de joalheria no SENA desde o 2011 onde ele tem dado aula de joalheria e filigrana, ademais de reparar e fazer trabalhos independentes, para diferentes tipos de organizações e pessoas.

Trabalhos como o arreglo da coroa da Virgem dos Dolores feita em lâmina de ouro y prata em Popayán, são próprios de seu trabalho.

A Escola de joalheria do SENA oferece programa fez mais de 20 anos. Muitos professores espanhóis fizeram parte importante da formação de muitos aprendizes ao longo do tempo. Neste aspecto, a joalheria de Popayán, demonstra certa tradição espanhola nas técnicas de seus artesãos. Contudo, o ofício da joalheria tem perdido também ao igual que na forja, técnicas antigas que só faziam joalheiros tradicionais.

Palito fala assim:

Algunos antiguos joyeros han muerto en la ciudad, entre ellos algunos de mis familiares. Los joyeros que hay hoy en día, tienen poca idea de lo que es y fue el arte de la joyería. La tradición española, es la que prima dentro de las técnicas artesanales de joyería en la ciudad. Los indígenas como se sabe, trabajaban el oro, más sus técnicas cambiaron, cuando llegaron los españoles. De las técnicas poco trabajadas por los joyeros hoy, están: el Martillado, Laminado y La Cera Pérdida que involucra un trabajo muy arduo. La técnica de La Cera Pérdida tiene por fin obtener una pieza de metal, pero primero se tiene que sacar el molde, luego colocarlo en la cera y después de tallar, se fundirá. Se encapsulaba en barro, arena, y después de evaporarse se sacaba el molde, fundiendo el metal. En aquella época, la cera que se utilizaba era de abejas, y se vaciaba en un cono o en un vaso, donde luego se tenía que ejercer una horca centrifugas con la mano. Hoy tenemos maquinas centrifugas o aparatos de vacío, entonces sólo se funde el metal y se hace succión, luego se queda en forma de árbol.



Figura 62. Oficina de joalheria de Andrés Calle - 'Palito' em sua casa.
Fonte: Autora

Palito percebe um incremento no valor comercial da prata, ouro e demais elementos materiais para trabalhar joalheria. De acordo com ele, um aumento da competência dos joalheiros dentro da área comercial.

Ele fala assim:

Antes eran uno o dos artesanos que trabajaban en el oficio de la joyería, ahora hay muchos. Hoy los joyeros que queremos destacar, tenemos que innovar todo el tiempo, trabajar con maderas, resinas, seda, semillas y demás, estas cosas se hacen, con la finalidad de competir con el comerciante que vende cualquier joya. La joyería que hoy se practica en la ciudad, no tiene otro objeto que vender. La gente piensa que ser joyero, es tener una tienda comercial y hacer pedidos a grandes distribuidoras de joyas. Las joyas de Popayán, por ejemplo, hacen pedidos grandes a distribuidoras que se quedan en otras ciudades como Medellín, Bucaramanga, Bogotá, grandes ciudades. Se nota entonces, un desplazamiento de la joyería que se practican los joyeros, a la bisutería china y el acero, con la nueva joyería.

A joalheria como técnica artesanal, tem várias formas de ser feita. Palito fala do ofício de ser joalheiro, afastando-se do trabalho de comerciante. Ele acha que ter uma loja onde possam conseguir-se joias, não faz que o vendedor seja joalheiro, nem muito menos que exerça o ofício artesanal o manual, pois muitos proprietários de lojas, mandam a fazer encargos a distribuidoras que inovam hoje dentro da nova joalheria.

Palito começou seu negócio de joias no local chamado ornamento TUSH, desde o ano 2009, licitando com a prefeitura da cidade o convenio para poder fazer medalhas de ouro. Palito, conta que anteriormente na cidade, a joalheria foi uma profissão muito classista, pois ao redor do ofício, se conheciam por referências populares, os trabalhos manuais de famílias dedicadas toda sua vida à joalheria. Foram de renome em épocas atrás em Popayán de acordo com Palito, famílias como os Solano, e outras famílias devotas da igreja que faziam trabalhos de joalheria para diferentes sectores sociais.

A mãe de Palito lembra também como sua família antigamente trabalhava o tema do ouro, pois durante muito tempo ela fez parte de uma grande geração de joalheiros. Ela fala assim:

Antiguamente se llevaba el oro en potes, se fundía y se jugaba en un depósito el oro, más eran en grandes cantidades. Esta actividad se hacía en el Taller que quedaba en mi casa, se hacía con forja y con cuchara. Era un trabajo manual, con fragua que tenía que ser calentada, dando vueltas en la manivela, un horno y la hoguera donde se colocaba el molde. Se hacía por etapas, y se hacía un hueco donde salía vaciado de la figura que se necesitaba, podía ser una alianza o cualquier figura, más todo el artesanal va cambiando.

Todas as técnicas mudam fala Palito, hoje só as alianças se mandam a fazer, pois tem certa importância ainda.



Cristina Rodriguez: Joalheira e desenhadora de Popayán. Tem seu próprio Oficina de joalheria na sua casa no bairro Caldas. O nome da loja é Oficina artesanal ouro e prata. Estudo no SENA onde aprendeu o ofício artesanal e há trabalhado como estrutura de joalheria na Fundação Escola Oficina de Popayán. Mora com seus cães numa casa bastante ampla, eles são sua companhia. Uma amiga dela, ajuda na loja Artesanal, onde também se oferecem outros tipos de produtos de beleza. É um acordo entre ela e seu amiga. Fica a maior parte do tempo como ela.

Figura 63. Cristina Rodriguez

Na parte de atrais de sua casa, fica sua oficina artesanal. Tem tudo tipo de ferramentas, e incluso conserva alguns moldes da antiga técnica artesanal da cera perdida que pode olhar-se a continuação:



Figura 64. Técnica de fundição (Cera Perdida). Oficina de Cristina
Fonte: Autora

A maior parte de seus clientes, são transeuntes que passam pelo setor e olham as joias que ela faz. Nos estantes da loja se pode observar: alianças, colares, berloques, pingentes, brincos, pulseiras e outros objetos de decoração. Cristina se considera católica, crente mais não fã. Sente devoção por alguns a virgem Maria e outros santos. Tem um objeto decorativo feito de cristais vermelhos que representam um amuleto de proteção em contra, de energias negativas.

Ela acredita muito na cosmovisão astral. Seu Oficina artesanal, tem uma escrivaninha, um estante onde ficam suas ferramentas de trabalho, se pode encontrar: pinças, alicates, agulhas, cinzeles, argolas, esmeril, fole de gasolina, lustre e um rádio para escutar música e notícias.

Na escrivaninha, Cristina mantém revistas e livros especializados em bijuteria, joalheria e artesanato; ademais de diferentes tipos de catálogos de joias. Quando chega um cliente a sua loja, ela e sua amiga mostram para ele diferentes modelos de alianças que buscam em catálogos, revistas ou publicidades.

Em outras ocasiões, os clientes levam os modelos que querem, e só se discute dos materiais (os gamos que se utilizaram) e o tamanho. Estas alianças podem ser feitas em ouro, ouro branco, ouro vermelho o amarelo, entre outros materiais. Depois se fixa o valor do objeto.



Figura 65. Oficina de Cristina. Zona centro histórico

Fonte: Autora

Cristina também se encarga de fazer reparos em joias que estão deterioradas, pois com o tempo, elas se desgastam, ela fala assim:

Existen procesos de reparación cortos y largos. Hay trabajos de reparación donde las joyas sufren fracturas grandes o pequeñas, como por ejemplo en los elementos de unión de una pulsera. Yo hago la reparación, dependiendo del trabajo que voy a realizar, teniendo también en cuenta el costo del material y el tamaño del daño, es como un diagnóstico que hago, una revisión de la joya.

Sente decepção por haver realizado alguns desenhos de joias, que logo foram roubados ao interior da realização de uma oficina de joalheria em Popayán. Ela fala que uma vez participo de uma oficina de joalheria com vários artesãos da cidade, e pediram para eles, realizar um desenho de alguns objetos que eles quiseram fazer, os artesãos desenharam e depois nunca mais ouviu falar de isso a ninguém. Com o tempo, ela viu o desenho feito, em uma feria empresarial de ideias novas. Por esta razão, ela não voltou a participar de nenhum evento, onde se reuniram artesãos.

Como complemento deste trabalho de campo na Colômbia, se fiz uma aproximação ao resgate do ofício artesanal desde a ferrária, dos familiares que tiveram relação direta desde seu entorno com parentes ferreiros. São muitos as pessoas na cidade de Popayán que lembram da existência de um antigo talher de ferrária chamado ‘O Cavalinho’, este artesão representa a existência de um dos últimos ferreiros que habitaram perto do centro colonial histórico.

Encontramos para complementar esta prospecção, ao senhor Danilo Vivas Ramos, para quem seu avô, representa uma lembrança de um amigo inesquecível. Ele ainda, contou para nós a história de seu avô e bisavó, dos que conserva fotografias, historias, objetos que fazem parte de trabalhos deles e uma profunda nostalgia pela perda do significado dos ofícios artesanais na Popayán de agora. O ferreiro Juan e Jorge Ramos são importantes nesta investigação, porque fazem parte da memória histórica da cidade, mestres que até hoje são lembrados como se os nomes deles foram imortais para os antigos habitantes.



Danilo Reynaldo Vivas Ramos:

Nasceu em Popayán em 1953. É Magister em educação e foi ex-reitor da Universidade do Cauca – Colômbia, recebendo numeráveis distinções acadêmicas. Suas investigações, tem foco no ensino, história e perspectiva das matemáticas. Este Payanés é muito conhecido pelos habitantes da cidade, por ser neto de

Figura 66. Danilo Vivas

um dos mais queridos, lembrados e últimos ferreiros tradicionais que teve a cidade de Popayán: o senhor Jorge Ramos. Danilo Vivas foi filho de Carmen Ramos, filha à vez de Jorge Ramos, um dos últimos ferreiros que teve a oficina

no setor histórico da cidade.

Referenciado em várias ocasiões pelos arquitetos entrevistados e os mesmos artesãos, o senhor Danilo é herdeiro de um ofício artesanal que até hoje lembram entre seus familiares: a forja. Dois gerações de ferreiros avô e bisavô, fizeram do ofício, uma arte com que hoje são imortalizados na cidade.

Ele decidiu fazer a entrevista, com o objetivo de comemorar e ressaltar a tradição da forja no entorno dos artesãos que experimentaram em aqueles tempos de respeito e reconhecimento por sua arte. Danilo falou assim:

Creo que es importante que, si quiere rescatar a los personajes que hicieron de la forja, no sólo como es hoy un negocio, donde todo se vuelve negocio, la raíz del modelo económico capitalista que tenemos. Estos artesanos, hicieron de su oficio, un proyecto de vida. En ese tiempo, la forja estaba en manos de artesanos que no eran grandes industriales sino maestros. Antes todas las cosas se hacían a mano, se hacían a pulso con forja. Yo tuve la oportunidad de ser hijo de Jorge Ramos, que fue a su vez el hijo de Julio Ramos; Julio Ramos fue el herrero más famoso en su época, su lugar de trabajo era la Arcada del Puente Humilladero. El tema fundamental en ese tiempo, era herrar a los caballos, porque era el instrumento de locomoción, no había carros. Pero en la medida que los tiempos fueron cambiando, los caballos fueron abriendo paso a la modernidad, entonces el trabajo de la herrería se fue agonizando porque ya no había tanto caballo, eran coches, así que se fue cambiando del tema de herrar caballos, para el tema de la herrería – forja, que incorpora muchos elementos que han desarrollado.

A continuação de um olhar sobre a fotografia familiar dada pelo senhor Danilo durante a entrevista, do seu bisavô Júlio Ramos e o avô Jorge Ramos (fotografia 57). O bisavô de Danilo morreu ao redor dos noventa anos e no transcurso do tempo ele ficou cego. Danilo pensa que sua cegueira, foi causada, pela exposição permanente das faíscas de forja.

É importante assinalar, que respeito ao bisavô de Danilo não se puderam obter muitas informações, posto que ele só lembra poucas coisas. Lembrando mais de seu avô, ele nos mostra um folheto familiar que fala que seu avô. Neste folheto encontrasse que Jorge Ramos, participou da guerra Colombo-peruana (1932-1933) que não durou muito tempo, alistando-se nas forças colombianas, com a convicção de defender sua pátria. Esta guerra finalizou, com a ratificação do tratado de Salomão Lozano de 1922.

O avô de Danilo o senhor Jorge Ramos, morreu aos 72 anos de diabetes.



Figura 67. Júlio Ramos e Jorge Ramos. Registro familiar
Fonte: Danilo Vivas

Não temos muita informação acerca do bisavô do ex-reitor da Universidade do Cauca o senhor Júlio Ramos, mais fontes próximas à família e amigos, nos contam por relato oral, que o mestre Júlio Ramos ferrava cavalos até avançada idade, quando finalmente ficou cego.

Eles falam que ele acostumava a realizar a sela de ferro para os cavalos, a antigos viajantes que passavam pela cidade buscando um ferreiro, com o objetivo de facilitar o movimento do animal, pelas ruas empedradas de Popayán durante a época. Júlio Transmitiu o ofício diretamente a seu filho Jorge Ramos, que tempo depois colocou um objeto metálico de ferro em forma de cavalo, na cima da casa onde também ficava a Oficina. Esta oficina foi conhecida com o nome do ‘O cavalinho’. Próprios e estranhos tinham como referente a oficina artesanal.

Danilo lembra assim:

Yo conocí al viejo, al bisabuelo más ya en la época de la decadencia cuando estaba ciego y muy viejo. La imagen que tengo de él, fue cuando él perdió la visión y murió ciego como de noventa y pico de años, porque él vivió hasta donde no más. Fue un personaje jovial como los de esas épocas, que tenían gran sensibilidad social. Es que fallamos en no rescatar ese tipo de sensibilidad social que tenía el artesano. Hoy el industrial no tiene interés por la sensibilidad social, simplemente son business, negocios. Ellos no se preocupan por nada sólo lo económico, buscando calidad, no generan proyectos de vida a las personas. La mayor parte de mi experiencia, es con mi abuelo, con él viví muchos años y pude junto con mi hermano, aprender parte del oficio. Mi tío y mi hermano aprendieron bien el oficio, más después nadie sigo con eso. Mi hermano se hizo profesional y obviamente entre estar golpeando hierros a ganarse la vida en la clase, es más fácil dar clase, más con toda la pérdida del espectro del oficio que dejó mi abuelo. Tenemos en la casa, réplicas de cosas que dejó él, nadie más se dedica ahora al oficio. En este sentido trato de rescatar no tanto la memoria de mi abuelo mi bisabuelo, sino la memoria de los artesanos. Es poder profundizar un poco, en la época donde el artesano, maestro en ese tiempo, tenía un papel importante en la ciudad de Popayán.

Centramos a partir de agora nossa atenção, na história, vida e obra do mestre Jorge Enrique Ramos; sendo este mestre uma das personas que Danilo mais conheceu. O maestro Ramos, início seu trabalho na forja ferrando cavalos como fazia seu pai, instrumento de mobilização das épocas em Popayán. Nesses tempos, as ruas foram de pedra e os cavalos precisavam de ferraduras para poder andar com facilidade. Esta situação se apresentou na cidade, incluso até depois da aparição do automóvel.

De acordo com Danilo, ferrar cavalos foi um labor exigente, conferindo nas mãos dos artesãos, características de mãos grandes, fortes, rudes e calosas. Danilo lembra que de criança, sempre admiro que sua mão pequena, correspondia cinco vezes na planta da mão de ele. Foram escassos os momentos que Danilo passava jugando com seu avô porque ele sempre ficava trabalhando na oficina. Impressionava a Danilo, a capacidade que tinha seu avô de fazer tudo tipo obras com ferro, onde as marteladas criavam arte.

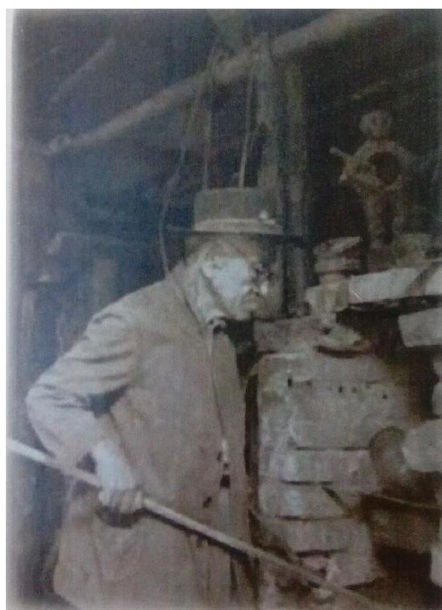


Figura 68. Jorge Ramos na oficina de forja. Fotografia familiar
Fonte: Danilo Vivas

Danilo lembra uma vez jugando com seu avô ele falo: *“te falta mucho tempo y mucho trabajo para que tengas las manos iguales a las mías, pero usted no tiene por qué estar preocupado mijo, usted va a estudiar para ser un doctor”*.

Danilo fala que ao lembrar de seu avô, é encontrar-se dentro da mitologia romana e descobrir a Vulcano o Deus do fogo e os metais, uma arte milenária, onde o desenvolvimento do ofício foi importante para as pessoas. Ele lembra ademais que seu avô leia muito, porque ele

sabia da importância de seu ofício para em outros lugares do mundo. Jorge Ramos viveu desde 1902 até 1974, tempo onde os negócios se faziam de palavra, firmando-se o pacto com um aperto de mãos, o dom de pessoas que se dizia por aqueles tempos.

A importância dos ferreiros em Popayán, pode encontrar-se ainda nas homenagens dos jornais de 1920, registros encontrados no Arquivo Histórico José María Arboleda, até a década dos noventa, onde depois se transformo a cidade de forma paulatina.

Durante este tempo, se apresentaram fenómenos como o câmbio geracional, a permeabilidade dos meios de comunicação e o terremoto de 1983. Ditas trocas sociais, fizeram que alguns ofícios se transformaram radicalmente, uns quedando até hoje, e outros quase perdidos no tempo. Desta forma, percebe-se como os ferreiros passaram de ferrar cavalos – a ferrária de ferrar, a formar com forja faroles, trípodes, candelabros, portas, janelas e demais – ferrária artística. Neste tempo, se perdeu também, a transmissão do ofício artesanal de uma geração a outra.



Figura 69. Porta de madeira com rebites de ferro – centro histórico. Fotografia familiar

Fonte: Danilo Vivas



Figura 70. Trípode de ferro. Fotografia familiar.

Fonte: Danilo Viva

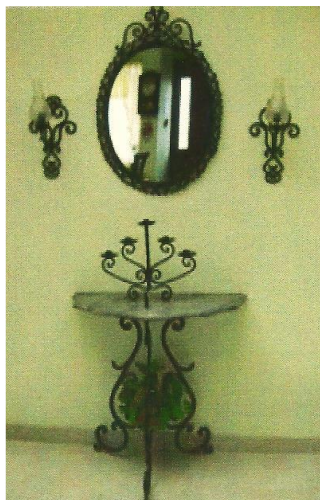


Figura 71. Repisa com forja em platina de distinto calibre e repuxado com cobre e bronze. Fotografia familiar

Fonte: Danilo Vivas



Figura 72. Baú de madeira com rebites de ferro. Fotografia familiar

Fonte: Danilo Vivas

Danilo conta seu sentir:

Yo hasta donde pude y mi padre me enseñó eso porque veíamos que detrás de la artesanía había un proyecto de vida, yo mandaba hacer mis zapatos de cuero; los hacía un artesano. Mi padre nos acostumbra que los zapatos se hicieron de la mano de un artesano y no comprar en tiendas donde vienen fabricados, allí los zapatos de todos son iguales. Recuerdo que yo iba a donde el zapatero, y él tomaba la palmera, después volvía por los zapatos, zapatos que ni yo conocía, hasta que los tenía. Zapatos que se hacían con ese material con que hoy se hacen los neumáticos de los coches, resistieron mucho. El padre de mí, estaba feliz porque eran zapatos que duraban mucho, más ahora no. Hoy cualquier cosa y tenemos que comprar de nuevo. Yo llevo mis viejos zapatos a reparar en homenaje a ellos. Hasta cuando pude, hice mi ropa, pantalones y camisas, los hacía un sastre. Yo siempre iba todos los años sagradamente, hasta que el señor artesano que hacía eso y vivía en un barrio pobre, se rompió al no tener una dinámica económica permanente. ¡Allí es donde uno mira! Esa gente está desempleada y con toda la capacidad que tiene en sus manos. Hoy la imagen del artesano esta contrastada con el comerciante. Para el caso de los herreros, miramos en Popayán cientos de herrajes, mientras que ningún Taller.

Muitas foram as coisas que Danilo aprendeu de seu avô, entre elas lembra a imagem de ele forjando e queimando-se com faíscas, enquanto intentava ajudar na oficina a seu avô.

Lembrando, diz:

Durante muchos años, me quemé forjando con las chispas, y el viejo de mi abuelo hablaba para mí ¡Gran carajo, que va a suceder cuando tú estás en la guerra! Entonces, yo soltaba esa forja claro, y cuando yo soltaba la fragua, ella caía y como se podía romper. Yo sólo podía pensar en que tenía que cuidar de la forja para al herrar, no romper ni dañar nada ¡Gran Carajo! hablaba ¿Cuándo tú estás en la guerra que vas a hacer?

Lo recuerdo, como un tipo que conocía a Shakespeare, Cervantes, hacía poesía,

declamaba; porque había un tronco muy fuerte entre ser artesano y las artes, esa es la porque tenía además una grande sensibilidad social – Me leía por las noches el Quijote o poemas. Siempre lo esperaba que llegará de jugar en el Café Colombia, y como él sabía que necesitaba siempre de él, procuraba no tardar. No hay cosa tan agradable para un abuelo, que el nieto escuche sus historias, porque es volver a vivir. Y ellos asumen algo muy importante, es que parte de esas historias quedan para seguir viviendo con uno. Y ellos continúan viviendo a pesar de que mueren, porque uno los evoca.

Danilo depois encontro um antigo baú, onde seu avô tinha inumeráveis catálogos na Espanha. Nessa época, ele tinha que pedir os catálogos com seis meses de antecipação, para que pudessem legar por barco porque não havia ainda aviões. Sente pesar de lembrar que alguns das obras em ferro feitas pelo mestre Ramos que decoravam o setor histórico da cidade, foram retiradas e outras foram pintadas, perdendo-se a característica própria da obra mesma.

Danilo conta que o mestre Ramos numa ocasião, intentou-se quitar a vida em uno dos momentos de desesperação, quando tinha uma crise econômica grande. Ele se corto as veias num parque no bairro San Camilo, perto onde morava, mais ele foi auxiliado pela comunidade. Desde esse momento de acordo com Danilo, o mestre Ramos cresceu infinitamente no espiritual, morrendo aos 72 anos de diabetes.

5.2. Percepções ao redor dos ofícios: ferreiro e joalheiro em São Carlos – Brasil

A continuação, apresenta-se os participantes que colaboraram dentro do trabalho de investigação no São Carlos – São Paulo, Brasil. Os participantes enriqueceram o trabalho, por meio de sua experiência e o desenvolvimento manual do ofício artesanal como técnica de trabalho. As entrevistas foram feitas no mesmo local de trabalho, e autorizaram tirar fotos de seus Oficinas, obras artesanais, entre outros elementos.

Contou-se com a participação de três joalheiros e um familiar de um joalheiro, que foi muito conhecido em São Carlos. Percebe-se em cada uma das intervenções dos entrevistados, a transformação dos ofícios artesanais dentro de uma continuidade de tempo, gera uma percepção própria de acordo com cada história particular. Procura-se assim, construir uma história conjunta da mão dos artesãos, respeito aos referentes bibliográficos encontrados e os documentos de arquivo. Os participantes se apresentaram a continuação, na ordem que eles foram entrevistados.

Entrevistados no trabalho de campo Brasil:



Figura 73. Valter

Valter: Joalheiro de São Carlos com 30 anos de experiência. Tem 47 anos e aprendeu o ofício artesanal empiricamente aos 16 anos. Foi pedreiro num princípio, mais depois um conhecido seu ensino o ofício da joalheria num transcurso de 6 meses. Nasceu em Minas Gerais e veio a morar no São Carlos onde montou sua joalheria. Tem atualmente uma oficina de joias na Rua Jesuíno de Arruda no centro de São Carlos.

Lembra de seus inícios no ofício assim:

Eu comecei na joalheria quando eu tinha 16 anos de idade. Comecei na oficina do fundo de quintal né. Ai, eu fui pedreiro e trabalhava na área civil, e então apareceu um senhor e falo assim: você quer aprender? Então eu fale, bom vamos a aprender do ramo então, do ofício. E então fique um tempo com ele, acho que foi 6 meses lá máximo. Hoje em dia eu tenho 47 anos e levo como 27 anos, mais acho que são 30 anos. Eu venho de Minas Gerais, sou mineiro né, não sou de São Carlos. Daí eu vim para acá e goste do ramo, e foi trabalhando uma época na área de joias, outra época na rama civil na construção, até que no ano 96, eu mesmo resolvi abrir minha oficina,

vou abrir meu próprio negócio aqui em São Carlos mesmo, na avenida São Carlos aqui na escada, se chamava Pauli Joias que foi meu segundo nome.

Foi assim, eu não tinha conhecimento algum de comercio nem nada, mas eu arrisque, empece a trabalhar e graças a Deus deu certo, mais eu era muito novo, tinha eu acho 20 anos apenas, aí eu feche o comercio, eu vendi, então foi assim eu abria e depois vendia, eu abria e depois vendia. As pessoas chegam a descer vai vender e então eu vendia sabe, esse jeito aconteceu em três pontos na cidade. Mais como eu gostava muito de meu trabalho, então as pessoas falavam, nossa você tem que voltar a trabalhar, então eu voltava a trabalhar e então foi quando eu acabei montando, e estou ali até hoje trabalhando em joias, é um bom negócio.

Ele fala que seu filho e seus sobrinhos tentaram aprender o ofício, mais nenhum dos jovens ficou no ofício. Dos amigos ourives que ele tem, nenhum dos filhos adotado o trabalho de seu pai. Os joalheiros de hoje falam Valter, não podem transmitir o ofício na família, pois os jovens de hoje, preferiram aprender outras coisas:

Eu tenho ensinado o ofício a meu filho, mais ele não quis aprender. De meus sobrinhos dois deles tentaram aprender, mais não deu certo com eles. O que a gente conversa entre nós com os amigos ourives, é que nenhum filho adota o trabalho do pai, e dizer, não aprende o ofício, até hoje, eu não conheço a ninguém que ele transmitiu o ofício ao filho. Meu filho quer aprender outra coisa, nunca o ofício do pai da joalheria, do ramo das joias. Eu acho que é um ofício que ele está acabando, não se está achando mais gente nova. Os meus 41 anos tem um moço de 26 anos que ele trabalha, já do resto tem gente no ramo já velhos já, como uma idade avançada, não tem gente nova.

Como ourives, Valter fala que a não foi formado em uma escola de artes e ofícios, que nunca aprendeu por meio de instituições. Gostaria de aprender fala, mais atualmente com seu trabalho, não dá muito tempo de fazer. Ele diz:

Não, eu aprendi trabalhando mesmo no dia a dia. Não fiz curso nenhum. Tenho hoje até vontade de fazer um curso sabe, fazer um curso de joalheria para mi aprimorar mais sabe, melhorar mais, mas eu fique sabendo que são 250 horas e é muito caro né e só é o sábado em Americana que tem esse curso. Acho que de pronto se tem que estudar um pouco para aprender a técnica, não é suficiente com ter você o dom, você tem que procurar desenvolver a técnica também e junto com isso o conhecimento também, porque senão você fica varado e não tem como fazer coisas, não pode fazer muita coisa. Tem peças que se você não tem a técnica e não sabe, você não monta.

Valter relata que teve três negócios de oficinas de joalheria, mas ele saiu deles porque cada que ele ficava num lugar, as pessoas faziam negócios, que ele não podia recusar. Ademais, ele gosta de fazer joias ainda que ele não trabalha fundindo metais a maior parte do tempo, ele disse: <<Meu trabalho não tem nada de fundição>>. Não obstante as pessoas que passam por seu local, falam do maravilhoso que é seu trabalho:

Eu gosto da montagem da joia que eu faço, eu gosto que ele fique lindo. Aí o cliente chega e fala nossa que lindo, então parabéns, isso é gratificante é muito bom você ouvir isso. Muitas vezes você vai a encontrar que uma joalheria a parte inicial da entrada é onde ela tem o comércio e tudo o demais, mais na parte de atrás, você vai

a encontrar a oficina mesmo, que muitas vezes é uma mesa, algumas ferramentas de fundição e dois ou três cilindros, é só isso sabe. Eu não tenho muita ferramenteira, mas se de alguns joalheiros que eles têm, como o caso de André Rubino que ele morreu e acabou, venderam tudo, mais ele já se considerava de uma área mais especializada, já era tudo mecanizado.

Valter faz montagens artesanais com pedras, especializando-se mais no trabalho manual da joalheria artesanal mesma. Tem um pequeno talher onde fica uma mesa, um tarro de gás e algumas ferramentas, mais são muito poucas. Trabalha todos os dias tendo a oficina aberta, pois ele nunca sofreu nenhum assalto na oficina.

Não conhece a técnica da cera perdida, mais reconhece a técnica da filigrana, como uma técnica difícil de fazer hoje devido ao tempo que os trabalhos realizados com esta técnica implicam, ele fala:

Trabalhar com filigrana é muito difícil, muitas coisas são muito difíceis de fazer com esta técnica, trabalhar filigrana é complicado, demora muito para fazer e hoje não há muito tempo. Eu trabalho mais clássico, eu trabalho mais formatura, brincos de pedra, anelos com pedras raras, coisas mais rápidas.

Nessa parte especial da joalheria ele fala que joalheria tem muita serie de joias, peças artificiais que as pessoas consignem no comercio, mais ainda sua especialidade, é poder trabalhar com pedras naturais, essa de acordo com ele, é sua vantagem como ourives. Ele pensa, que o oficio do joalheiro não vai acabar nunca, pois a mão de obra sempre vai a existir, por mais que venha a indústria por mais que venha a tecnologia, sempre se fez necessário a mão de obra para soldar, aumentar, diminuir, etc.



Figura 74. Oficina de joalheria de Valter. Centro de São Carlos.
Fonte: Autora

Uma de suas experiências que ele comentou, é que ele teve um primer patrão que foi formado em engenharia industrial, mais depois, ele voltou a trabalhar na área da joalheria com joias diretamente. Ele lembra que seu amigo falo assim:

Valter eu sou engenheiro e você é ourives, mais o mesmo valor que tem a engenheira, você vai ter como ourives, é uma profissão que ela está a essa mesma altura, no mesmo nível. Algumas pessoas têm ainda respeito pela tu profissão e fica bem mesmo sobre todo as pessoas de antes.

Valter sente-se bem no oficio, pois ele fala que seu salário é bom, e dá para sobreviver e assim manter-se no oficio. Ele também fala, que ele pudesse ganhar mais dinheiro, só que trabalha sozinho, em algumas ocasiões a oficina fica fechada por mais de dois horas num dia, ou tem viagens quase de semanas inteiras

Lembra que teve dois maestros, um de São Pablo e outro de São Carlos. O senhor de São Carlos que lhe ensino, ele ainda tem sua oficina de joias em sua própria casa, om senhor Alexandre. Sente saudade de alguns joalheiros que já morreram, entre eles Salvadore Trufino que foi um dos primeiros joalheiros da cidade, Torreta, André Trufino, Alfredo e outros que ele não lembra mais.

Depois que eles morreram, algumas oficinas deles foram fechadas, mais ainda não todas, um exemplo é a joalheria do senhor Torreta, negócio que hoje fica nas mãos de seus filhos, ainda que eles não são ourives, eles conservam ainda a parte comercial. Ele acha que depois de ele morrer, eu oficio vai parar ali, porque ninguém vai trabalhar nisso. Contudo, fala que só vai parar de trabalhar até que ele morra. Tem planes de ir embora a Minas Gerais, a São Joao do Rei dentro de cinco anos, onde mora sua família.

De sua experiência na oficina e respeito à compra de materiais para trabalhar fala assim:

Eu faço reciclagem e cubro por isso, tiro do lixo a prata o ouro, por isso eu acostumo a compro o lixo de joalheria. Algumas vezes aparece uma pessoa vendendo ouro ou prata, mais é uma coisa rara. Tem coisas que a gente compra, mais tem outras por exemplo que não se sabe se são roubadas, então eu não vou a comprar. Tem pessoas que vem com a peça e eu compro porque sei que eles não têm outra possibilidade para sair disso, ai você pode pensar em comprar. Algumas vezes as pessoas tiram aliança de matrimonio porque não deu certo e vendem também. Compro algumas coisas ademais, mais é bem restrito. Mais quando você precisa uma quantidade de ouro elevada, a gente liga a São Pablo e compra, é melhor e mais seguro.

Hoje o senhor Valter não conserva nenhum recorde de parte de seu trabalho, não tem fotografias. Acha que gostaria de poder ensinar alguém a trabalhar no oficio, mais as pessoas sejam novas o de maior idade, não querem aprender.



Figura 75. Zulmiro Donizetti

Zulmiro Donizetti Vitor: Joalheiro artesanal de São-carlense, empezou no ofício aos 13 anos. Nasceu em São Paulo no ano 1964 e atualmente tem 53 anos dos quais leva no ofício da joalheria 39 anos. Tem sua oficina no centro da cidade, e conheceu o ofício da joalheria, quando seu pai mudo para São Carlos no ano 1972 quando ficou desempregado. Os pais de sua mãe ficavam em São Carlos e foram muito pobres, então eles veneram a morar na cidade. Seu pai passou de trabalhar em serviço de segurança e depois foi pedreiro.

Quando ele tinha ao redor de 9 e 10 anos, ele começou a entregar o jornal em 1974 para ganhar algo de dinheiro. Nessa época ele morava no bairro Jacobi que nessa época foi um bairro bem pobre. Suas irmãs recomendaram a ele para entregar o Jornal de São Carlos que Chamava Diário de São Carlos, que ele distribuiu durante quatro anos.

Joalheiro de São Carlos com 40 anos de profissão. Aprendeu o ofício artesanal empiricamente numa fábrica e da mão de ourives com Max e Alfredo, onde ele foi empregado. Empezo fazendo trabalhos simples, e depois começou a trabalhar em peças grandes. No ano 1987, ele saiu de trabalhar onde Max onde ganhava o salário mínimo. Depois de essa época, passaram dias muito difíceis, porque ele já não tinha um dinheiro fixo, nessa época começo a trabalhar peças mais complexas e que requeriam maiores conhecimentos nas técnicas.

Lembra uma história bem detalhada assim:

Eu empecei assim desde os nove anos de idade: meu pai mudou para São Carlos no ano de 1972 porque ele ficou desempregado lá, porque os pais de minha mãe eram todos de aqui, e os pais de meu pai, eram todos de São Paulo né. Elos eram do interior e mudaram para São Carlos, os irmãos de meu pai moram todas em São Pablo. Como meu pai ficou desempregado lá, ele vem para aca porque era mais fácil conseguir emprego aqui na época né. Ele trabalhou como segurança e depois passo a ser pedreiro. Era uma família de 4 filhos que tinha dificuldades, e aí quando então, quando eu tinha dez anos empecei a entregar o jornal tipo ano 1974. De aí veneram umas irmãs que arrumaram a profissão ao jornal, eu morava no Jacobusi, um bairro agora é melhor, mais na época era bem, bem pobre.

Minhas irmãs ajudavam numa obra de assistência social das irmãs sancramentinas, que é uma parte do colégio San Carlos, tem lá, até hoje ainda tem, tem cresce e mais coisas lá. E essas irmãs pegavam pessoas do bairro pobre e veiam famílias que tinham essa condição de pobreza, e viam as famílias que tinham filhos e então tinham curso de sapateiros, costura, cursos de eletricista para ensinar a toda as pessoas da cidade,

que pessoas com um pouco de dinheiro, patrocinavam esse tipo de cursos e atividades. Lá, elas arrumavam um emprego pra as crianças também, para as pessoas que eles viam que se dedicavam e que podiam dar trabalho, então eles davam um habito, entregavam a eles o trabalho de entregar o jornal, um jornal chamado 'Diário de São Carlos'. Então eu trabalhe 4 anos entregando o jornal, eu dobrava e tinha que entregar ao setor. Ai fique 4 anos lá, só que era assim, eu só que entregava pensava em ir para gráfica, e como eu fique 4 anos e não passava para gráfica, então eu só fique dobrando e entregando. Tive uma época em que eu só dobrava né, eu aprendi a dobrar bem rápido assim e eu dobrava.

Aí apareceu uma firma, um cara que ele era vindo da Itália né, era assim, ele era brasileiro, mas ele era italiano. Os filhos, a mulher, eram todos brasileiros, então ele já era vendedor de joias, então ele montou uma fábrica aqui em Santa Paula, perto Mercado Arco íris no ano 1978. Ele montou na época uma fábrica, só que na época ele fazia pecas pesadas, corrente de 70 grama, 80 gramas. O italianinho não era ourives, ele era vendedor, só que fazia muito tempo que ele estava no Brasil já. Ele vendia, ele era vendedor. Ele pegou um amigo dele, um filho amigo do senhor Rafael Ferreira era o nome é pois, empezou a trabalhar. De aí foi nessa fábrica, que ele precisava de mais crianças, e eu foi lá, porque nesse tempo o menino indicava quem ia pra lá, era como um patrulheiro, indicava, então eu foi lá, só que precisava ser gente de confiança já que tinha que ver com ouro e todas essas coisas. Então não podia ser qualquer menino de qualquer região, era complicado alguns vezes. Então, uma das irmãs me chamo, como eu já entregava o jornal, fazia muitas coisas para eles, quando precisavam entregar correspondências, então ela me chamou y me pergunto se eu queria trabalhar lá. Y como eu já estava meio desanimado porque não saia de aquilo né, no 78 foi eu e mais um menino de lá também a trabalhar.

Então fomos dois. Depois a gente trabalho, tinha um senhor que tinha uma oficina também antiga assim, eles pegavam assim os meninos, eles eram profissionais já, chamava Italo Calico, ele era ourives já muito tempo nessa época aqui na cidade. Ele tinha uma oficina quase como a minha, na frente de aqui da São Veredicto, da igreja, mas ele já faleceu, já. Ai depois conhecer esse senhor, esse rapaz, que era amigo deles lá, e esses dois que eram de sancrumentina, eu e mais um. Ai, preciso, mas de um (faz referência ao senhor italiano) então eu leve a um amigo meu também das irmãs sancrumentinas, mas eu mesmo já falei, que tinha um menino, que todo o dia eu trabalhava eu chegava, e ele já estava trabalhando. Então eu fale com ele, ele falou, ótimo, me arrima lá. Então ele foi pra lá também. Esse outro menino que foi antes, esse menino, já trabalha mais com joias, o que foi junto comigo. Esse que eu recomende, foi pra lá, ele trabalha com joias até hoje, na joalheria Torreta.

Então que aconteceu? Fomos para lá, só que nessa firma, a gente trabalhava só com dois quilos de ouro por semana na época, trabalhávamos com muito ouro, aí era tudo manual, não tinha maquinaria nenhum. Tinha assim, uma laminadora, umas coisas assim para você trabalhar, para puxar as ferramentas, era feito tudo na mão. A maioria dos caras que ganham mais dinheiro dentro desta profissão, não é quem faz, é geralmente quem vende né. Contudo estes recebem os mesmos nomes é. Os ourives geralmente, eles mantem escondidos atrais. Você nunca vai ver, você vai ver um designer, um proprietário, uma pessoa que tem dinheiro e faz um curso de designer, e o pai o a família montam o officio, mais eles são artesãos, mais não ourives. Um ourives, é sempre escondido, todo é assim.

Zulmiro está na profissão faz muito tempo, conhece ourives de São Paulo, Ribeirão Preto, de Piracicaba. Fala que o melhor joalheiro que ele conheceu era um personagem de São Paulo que vinho para São Carlos, o senhor Alfredo Antônio Praceio, que faleceu faz três anos atrais, ele tinha uma joalheria, mais grande que a de Max nesta cidade.

Acha que é difícil quedar desempregado sendo joalheiro, incluso, um bom joalheiro e que

incluso em algumas partes, alguns joalheiros ficam sempre ocupados e são bem pagados, por seu trabalho. A joalheria, é um ofício que requer um dom fala Valter, cada dia se aprende algo novo, já que uma mesma peça não fica igual à segunda. Desta forma, dois pecas não ficam sendo as mesmas, duas vezes. Percebeu, como joalheiros que tinham mais experiência e haviam feito um nome como joalheiros, ganhavam mais dinheiro, claro que ele apenas começava.

Zulmiro acha que quando se é joalheiro, a gente percebe muito as coisas que passam ao redor, ele fala assim:

Está é a primeira profissão que sente o que está acontecendo ao redor, quando a economia é ruim, a primeira profissão que cai, é a joalheria, mais cai drasticamente. Mais também, quando a situação é a melhor, então se sente muito isso, porque as pessoas querem utilizar uma pulseira, ele quer uma corridinha, o uma aliança mais grossa, porque é uma profissão que percebe quando há dinheiro. Este ofício é uno dos mais antigos. Uma das histórias que eu conheço, é a de um farão, em aquela época onde se faziam joias e tinham muitos tesouros, a história conta, que muitos pedreiros eram mortos ao construir pirâmides, para que eles não falaram onde eram escondidos os tesouros e tudo. Contudo, os joalheiros jogavam praia, até hoje, muita gente que se dedica a trabalhar com joias, fica rico mesmos, incluso pessoas que não sabem a profissão, pero sabem administrar o negócio.

Ele diz que para ser bom com o dinheiro, se tem que ser consequente, ou seja, não pensar só no lucro, porque assim a peça não vai sair boa. Se deve pensar na peça, para fazê-la bem.



Figura 76. Oficina de joalheria de Zulmiro Donizetti Vitor. Centro de São Carlos.
Fonte: Autora

Ao largo do tempo, ele foi adquirindo responsabilidades, conhecendo que não importa que tipo de pedra se trabalhe, ela pode quebrar e então gerar perdas de dinheiro e de horas de

trabalho. Ele lembra que a pedra maior que trabalho, foi vendida no Canada, porque no Brasil ainda não tinha nem mercado; essa pedra que ele lavar, polir e colocou a ferver, era um diamante que tinha um valor para essa época (anos 80 e 90), de 22.000 dólares.

Ele fala assim: “se você quebra uma pedra como essas, não só pelo valor da pedra, você tem uma responsabilidade. Ademais algumas pedras como por exemplo a pedra pisabu que se trabalham, tem um valor sentimental, assim que se tem uma responsabilidade”. Esta profissão em termos de Valter, requer muita carga, ele tem o conhecimento da técnica, porque ele já quebrou muita pedra tempo atrás.

Zulmiro fala que hoje é difícil encontrar um joalheiro que faça tudo o relacionado a seu ofício propriamente, ele disse que a maioria das fabricas tem pessoas que só faz, só impulsam, só pólen; que aquele que é cravador só crava, por isso é difícil achar eles. Antes de montar sua própria firma, ele empezou prestando serviços para as lojas que ainda hoje faz. Num começo, ele instalou seu oficina em sua própria casa no bairro Antônio Branco perto da Universidade Federal onde trabalho por cinco anos.

Infelizmente, ele quebrou e teve que voltar a trabalhar como empregado numa firma durante doce anos, fechando o negócio. Ele também recupera ouro e prata do lixo e prefere não comprar objetos que as pessoas oferecem em sua loja, muitas das quais são roubadas, isto a gerado, que as pessoas não usem mais joias porque ele conhece casos de muitos que são assaltados e preferem usar então a bijuteria.

Este trabalho tem muito problema em termos de segurança, ele fala assim: “está profissão tem muitos problemas de segurança, você pode olhar a porta fechada, cada vez você tem mais coisas que arriscar. Trabalhar independente, também é uma coisa complicada diz Zulmiro, pois ter uma oficina própria é ser responsável tudo o tempo, das coisas que você faz, senão vai a trabalhar, se trabalha demasiado, etc., variáveis que podem levar a que se tenha êxito ou se fracasse em termos de empresa. De sua experiência própria nos conta:

Eu sai de Max, porque tive uma época quando eu quebre, que eu perdi tudo, aí eu volte de novo, mesmo que tinha vergonha de voltar, fique sim nada. Isso aconteceu no 91 quando eu quebre, meu filho apenas havia nascido, eu lembro que feche e tive que trabalhar de novo como empregado em um lugar de novo para sustentar. Minha esposa ela também trabalhava em outra firma e teve que voltar a trabalhar porque fico difícil. Eu não queria voltar a trabalhar porque perdi tudo, até a ferramenta. Ai volte a trabalhar na Torreta, em aquele lugar que pagava, mais não queria voltar porque você tem seu orgulho, você tem seus sonhos. Ali trabalhe mais de sete meses, mais aconteceu a mesma coisa que quando eu trabalhava lá, eu não recebia o dinheiro, o recebia atrasado. Então minha esposa falou, porque você não volta lá onde Max. Então

ali volte lá, só que quando eu monte meu negócio por minha conta, ganhava tipo 7 salários mais o menos.

Quando volte lá, trabalhe mais doce anos de novo, trabalhe mais do que a primeira vez, só que ele me pagava agora um salário no começo inicial, me pagava as férias e as tudo o que se fazia e se registrava dentro da profissão. Outra coisa é que a gente trabalha com ácido com tudo, mais a gente não tem salubridade porque você trabalha todo como num lugar clandestino, antigamente você comprava um ácido numa farmácia, hoje não, você tem que pagar uma taxa anual para poder trabalhar com isso, não sei quanto está hoje, mais eu olhe tempo atrás que eram ao redor de 1000 reais por ano, e se usa um litro de ácido por ano, então não compensa muitas vezes você pagar por isso. A gente trabalha com um jeito que é eletro-polimento, você dá um polimento através de eletricidade né, então você pode dar uma limpada à peça. É um negócio bem perigoso, mais não tem como declarar depois para ter salubridade. E é assim, todo o mundo e registrado com tudo.

Destaca-se da fala de Zulmiro, a joalheria e uma profissão que apresenta mudanças dependendo do contexto social, político e econômico da época. Quando se tem dinheiro, a gente compra ouro, mais quando a gente não tem com que comprar, o ultimo que vai precisar é ouro.

Mas aponta:

E difícil então quando você é uma pessoa boa no ramo, não falta o serviço para você. A gente acostuma a saber, que quando tem ourives procurando algum serviço, é que algum problema ele tem ou quebrou (...) é difícil quando um profissional é bom, é difícil que o profissional vai embora. É difícil ficar desempregado. Os ourives que eu conheço até agora, errado ir embora e não vão, porque mesmo assim, que tudo o mundo tem problemas, tem defeitos né, as vezes de faltar, mais a pessoa tem que asseguram mais porque é complicado mesmo assim achar outro. É uma profissão mesmo assim, se você fizesse um curso hoje, mesmo que tenha um dom, você não vai sair fazendo peças assim, tem que ter um tempo para aprender. Eu tenho 38 anos de profissão, de estar aprendendo, tem muita coisa, cada vez é diferente. Mesmo que você faça duas peças, as dois não ficam igual dois vezes, feitas na mão.

Então é assim, é difícil você ver a um ourives desempregado, acontece sem, quando tem crises como agora que é a crises que está passando. É a primeira profissão que sente que é supérfluo o que a gente faz né no trabalho. Então é um pouco assim, a primeira profissão que cai, é a joalheria, mais cai drasticamente. E também é assim: quando a situação está melhor, é a primeira que sobe, porque a pessoa que ganha um dinheiro mais, ele quer usar uma pulseira, ele quer uma correntinha, o ele quer fazer uma aliança mais grossa, entendeu? Quando ele te, dinheiro assim né.

Este ofício precisa de destreza técnica e manual, se tem que ter uma responsabilidade grande para trabalhar peças ou pedras preciosas. Zulmiro fala da importância não só de conhecer a arte mesmo, ou de saber a técnica e haver elaborado muitas joias ou ornamentos, trata-se de conjugar a arte do desenho manual e também a destreza técnica, com a responsabilidade, de dizer não sei fazer esse trabalho ou se o posso fazer, tendo em conta suas habilidades e também o valor que o cliente dá à peça.

Em termo de Zulmiro:

Eu já tenho um conhecimento muito grande, já quebre muita pedra né, então você só aprende quebrando. Quando eu entre a primeira semana, quando eu entre a trabalhar

onde Max, me deram na época onde se usavam unos crucifixos de rubi, que eram umas bolas de rubi assim todas montadas, e meu deram para soldar, e você não pode dar um choque nelas, porque é assim, se fora uma pulseira de ouro, você pode empezar de novo, para limpar dar um choque, eu tenho para isso um tragal um liquido para poder soldar, que eu uso então pra ligar já da. Mais a pedra não dá, às vezes você tem pedras que não pode aventar fogo mesmo, como a esmeralda o a maioria de pedras naturais, você não pode aventar fogo. Ao rubi, você não pode aventar fogo, um diamante pode, só que tem que ter uma corrente de vento, só tem que desligar o ventilador, então você já pode soldar, alguns vezes a gente já cobre com um trapinho para não pegar. São as vezes que mais você arrisca para ter um bom trabalho. Então eu quebre a cruz, então isso quer descer, que eu nunca mais quebre uma pedra, porque eu falei: me vão a mandar embora numa semana de serviço, mais como nessa época tinha mais pedras, resolvi.

Mas é assim, você vai aprendendo né. Que nem a esmeralda mesmo, que ela é uma pedra dura, é fácil de quebrar, as vezes cai de uma altura muito pequena como da mesa à gaveta, e quebra a pedra. Então é uma coisa, que Alfredo falava para a gente: como você vai mexer com esmeralda, você procura estar com a cabeça limpa e baixar com todos os santos, para trabalhar na esmeralda e eles vão ajudar né. Mas isso também depende do dia. Tem um dia que você não está bem para trabalhar, acho que quase toda profissão tem. Então eu quero dizer, eu já perdi tudo o dia enterro fazendo um anel e chegando ou final da tarde, ele não saiu do jeito como eu queria, então eu tenho que fazer de novo quando destravar.

Já quase chegando ao final de sua vida como fala Zulmiro, seus olhos ficam cansados e a vista fraca. Diz: “Ao trabalhar sentado, você força muito a vista, tem gente que tem tendinites, depende da pessoa que faz muita coisa repetitiva né”. Falou que conheceu um caso muito similar assim:

Eu conheço a André que eu já mencione, ainda ele trabalhou depois que se retiro outros 15 anos lá em Piracicaba, aparte dos 15 anos que ele já havia trabalha aca. Ele se podia haver aposentado tipo 10 anos antes aos 62, só que como o salário de ele, era muito alto e a aposentadoria muito baixa, ele trabalhou até o 70 e ali ele aumentou um pouco a ganancia, só que ele não disfrutou muito da aposentadoria porque ele morreu aos 72 anos, só dois anos depois que ele se retirou. Ele era um profissional muito reconhecido, você vai lá e todo o mundo conhece, tinha uma capacidade muito grande de fazer as coisas.

Zulmiro não estudo para ser ourives, aprendeu de Max, pensa que muitas coisas na joalheria têm mudado, por exemplo fala que agora as pessoas utilizam mais as pedras artificiais do comercio. Poucos utilizam as pedras naturais fala, de fato pensa que essa área técnica é já hoje mais especializada. Muito que os aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais estão transformando-se, o joalheiro não vai acabar. Em termos de Zulmiro:

Esta profissão é uma das mais antigas né, até meu amigo (Alfredo) me contava até uma história dos faraós, porque disse que quando ele já fazia uma construção, eles nessa época já faziam joias, tem muitos tesouros lá né. Então é assim né, disse que os pedreiros, eles matavam ne, porque eles faziam as pirâmides, para não saber onde eram escondidos os tesouros tudo. Meu amigo falava assim: os pedreiros os matavam, mais os ourives como era difícil de arrumar, jogavam praia. Até hoje a gente ganha muito dinheiro, e alguns ficam ricos mesmo. Pessoas que as vezes não sabem a profissão, só que sabem administrar, sabem vender tudo. E a profissão falava meu amigo Alfredo, que eu aprendi muito com ele sabe, ele falava assim: Para você ser

bom, o dinheiro tem que ser a consequência, se você vai fazer uma peça pensando só no lucro que você vai receber, ela não vai sair boa, porque você tem que pensar na peça tá, e é assim, é realmente assim.

Atualmente, a oficina de Zulmiro tem ficado de lugar, mais perto do centro. Mesmo que tem problemas de segurança, fica no ofício. Fala que até que não possa trabalhar mais, ele vai tentar sempre continuar na oficina.



José Riga Neto: Filho de joalheiro – São Carlos

José Riga Neto é filho de um antigo joalheiro da cidade de São Carlos. Atualmente se dedica à venda e assistência técnica de ferramentas odontológicas – medicas, e mora em Araraquara fez 18 anos com seu esposa e família. A história que o senhor Riga vai contar para nós, trata de um velho joalheiro que veio da Itália (não lembra a data) onde tinha uma joalheria, e se estabeleceu no Brasil, estabelecendo seu oficina e firma nos anos de 1904, onde faleceu no ano de 1967, ou seja, 63 anos depois de abrir a oficina.

Figura 77. José Riga Neto

Casa Riga foi uma relojeira, joalheria e casa dentaria também. O pai do senhor Riga continuo depois de um tempo trabalhando na oficina até que chegaram novos meninos, e então parou com a casa dentaria e ficou só com a renda de joalheria e relógios. Na oficina do joalheiro se trabalhavam com ouro, prata e pedra até que o pai dele empezou a laminar ouro na mão, foi uma máquina que tinha um pedal, mais como nesse tempo não havia motor, todo se fazia manualmente. A máquina foi normalmente uma roda com uma corda, uma cordinha fina e se pedalava e afinava para laminar o ouro quente. O Senhor Riga falou: *“Era bem artesanal na época mesmo, ou seja, não tinha motores como hoje né. Era bem na mão mesmo. Bem artesanal”*.

De acordo com ele, a técnica da filigrana é muito antiga. Não obstante, a maioria de joalheiros de hoje segundo Riga, não fazem mais porque ela precisa de muito tempo para fazer um objeto bem elaborado, antigamente se fazia fala Riga, e então como o tempo era longe, o artesão só fazia uma só peça, mais agora essas coisas de elaboração ficam suprimidas. Ele lembra de sua experiência com seu pai: *“Eles fabricavam de tudo, como eu te falei. Estou imaginando que faziam a dominação do forno pequi. Era derreter o ouro e faziam as lâminas*

para logo fazer o trabalho artesanal que deve ser o que você o que está falando. Eles faziam tudo a fabricação mesmo toda joia.

Hoje, o senhor Riga fala que grande parte dos elementos e ferramentas da oficina do joalheiro onde trabalho seu pai, foram vendidas, de tudo, só fico a casa de equipamento ontológico, e as coisas de joalheria foram vendidas a um empresário de São Carlos que tinha uma loja de presentes e aí ele ampliou para parte de joalheria. À pergunta porque não aprendeu o mesmo ofício de seu pai respondeu:

Eu era muito novinho eu tinha, quando meu avô faleceu eu tinha 6 meses ou 7 meses mais ou menos. E inclusive assim, meu pai era o último Riga da família então o Brasil iria acabar não tinha mais ninguém. Aí não tinha nem um neto e meu avô queria um neto e meu pai teve 4 filhos e eu sou o quarto filho então foi uma festa quando nasci porque eles queriam um homem né. (...) quando você mostrou as fotos eu me interessei de falar dele porque eu gosto de mexer com ferramenta é a paixão que eu tenho tanto que eu conserte para vir de um lugar longe. Eu gosto e acho interessante vejo muito oportunidade em todo, então até a ideia que você.

O Ofício de joalheria parou com seu pai. Hoje José Riga não conhece nenhuma obra característica de seu pai, fala que não se interessou muito, que nunca se preocupou por isso. Declara assim:

Eu tenho uma foto de joalheria tudo de lá, mas trabalhos deles não. Não tenho essa mania de foto todo, tenho poucas fotos e aí até resgatar mesmo sabe com tia depois foi guardando até ficar comigo. Mais assim também nunca me interessei, agora que você está perguntando eu estou despertando esse interesse, puxa nunca vi uma coisa como meu avô fabricou. Deve ter porque minha família é muito antiga então tem alguns primos e tudo pode ser que alguém tenha alguma coisa. Eu te vejo, e sem tenho a gente manda fotos para você.

Senhor José acredita que ainda se pode sobreviver sendo joalheiro, de fato pensa, que hoje é mais fácil porque a tecnologia facilita mais as coisas com todo tipo de máquinas e ferramentas. Contudo, o entrevistado reconhece que as características de uma peça elaborada por um artesão, tem características que vão muito, mas lá das coisas que ele tem um valor o preço de compra.

Lembra ainda de alguns joalheiros que moravam em São Carlos e trabalharam com seu pai. Conta que seu pai trabalhou na joalheira Torreta que hoje fica no centro da cidade. Entre as pessoas antigas que tem uma tradição no ofício da joalheria, ele lembra de Andrea Torreta, e Fausto quem eram joalheiros, mais não tem certeza se a joalheria Torreta e a mais velha de São Carlos. Jose Riga concorda que a joalheria é um bom negócio, tendo os clientes próprios, e acha que o ofício não vai acabar, porque sempre há a necessidade de uma joia. Ao respeito comenta:

Então assim, prata compra como ou ouro hoje é um material caro então você precisa de um público para comprar. Muito joelheiro fabricante como é mais antigo ele vai tentar conseguir associar com a internet. Como eu te falei sem você tem internet na loja você divulga seu trabalho tanto, mas com certo cuidado pela causa de robô. Então como neste trabalho fabrico joia mais você tem ladrão na porta por isso é importante ter cuidado com a Market na internet. Então você tem que aprender a divulgar o facebook, redes sócias esse tipo de coisa, algumas vezes por isso você tem receio de fazer a divulgação porque pode ser para te roubar. Imagina a loja e o ouro, então é mais perigoso ainda então eu acho que isso negou muita gente a continuar pelos assaltos que tinha e a fabricação por esse lado. O que é que seria legal? Fabricaria mais acho que o mercado muito bom, nós estamos num maior era onde a pessoa está comprando o que é o mais caro. Tem muito dinheiro no mercado, então está-se comprando muito se movei muito numa grande quantidade de classe baixa que não está conseguindo comprar; mais a classe alta que tem dinheiro é só comprar e é muito bom. A classe que tem capital para isso é a alta pelo que quer uma joia cara e muito boa. Porque você pode ter uma loja muito maravilhosa, mas sem não tem marca reconhecidas aquelas pessoas não compram, mais sem eu tivesse algum conhecimento na área sei que hoje é um mercado bom de trabalhar.



Paulo Roberto Torreta: Joalheiro e filho de joalheiro da cidade de São Carlos. De tradição joalheiro, aprendeu o ofício de seu pai, quem aprendeu segundo lembra de um provinciano de São Carlos que tinha uma fábrica de joias, de fato quando era menino, o filho dele ainda tem a fábrica.

Atualmente sua loja fica no centro de São Carlos, onde ao interior fica a oficina. Herdeiro do ofício artesanal de seu pai, o senhor Paulo, tem uma loja comercial onde vende joias de todo tipo. Hoje, está distanciado um pouco do trabalho artesanal da joalheria, não obstante conta com a

Figura 78. Paulo Torreta

colaboração de outros ourives para a elaboração de joias. A joalheria Torreta, é de tradição histórica para os habitantes de São Carlos, muitos ourives o manifestam em suas falas.

Paulo é atualmente o encarregado da Joalheria Torreta, lembra do ofício de seu pai, como um joalheiro muito reconhecido na Cidade de São Carlos, homenageado em vários jornais da cidade. A oficina de joalheria do pai de José se fundou desde o ano de 1949 e recebeu o nome de galeria Torreta. Por pedido da Câmara Municipal, Pedro escreveu faz pouco tempo, um breve relato da história de seu pai depois que ele faleceu. Esta homenagem representa a tradição ao

redor da joalheria como ofício artesanal.

Como joalheiro, Pedro o elabora joias por pedido de seus clientes e também familiares em datas especiais. Segundo a fala na elaboração de joias Pedro diz:

Sim para minha mulher para minha mãe, sempre e feito. Inclusive essa semana passada mesmo eu fiz uma para minha esposa uma porque como meu filho vai-se casar em dezembro, fiz um pinheiro com diamantes para ela usar na festa, foi aniversário dela e aproveite para fazer.

Acredita que se pode manter com o ofício de joalheiro, mais destaca que desde fez quatro anos, a joalheria vem enfrentando muitos problemas com relação a segurança e também a insegurança das pessoas de usar as joias. Ninguém quer usar joias de tão custosas por temor a ser assaltados. Neste ano, a joalheria tem sido assaltada três vezes, e todos os assaltos aconteceram durante a noite ou fim de semana, nada de violência, mais é um prejuízo de uma balança de tudo. À pergunta se roubaram joias o dinheiro, ele respondeu:

As dois, mais na maioria das vezes a gente recolhe guardo tudo, mas nós temos muito prejuízo com relógios, bijuteria essas coisas que a gente não acostumava a guardar, relógio de parede, toda essa coisa deixava no local. Olhe aquele buraco nem concerte ainda [sinala com a mão], mais sempre temos que enfrentar esse tipo de problemas a vida toda só que ultimamente aumento muito esse problema.

A loja, é um estabelecimento, onde também se fabricam joias, vende e compra todo tipo de matérias, incluso até fabricar. Infelizmente, hoje a mais da metade da oficina se encontra desativada. Pedro lembra que na década dos anos 1970, 1980 e 1990, as pessoas trabalhava a pleno vapor, com vários funcionários que fabricavam quase que o 90% da produção em joias da cidade. Com respeito ao aprendiz diz:

Tenho, um sobrinho ele é muito bom e inclusive ele sabe fazer de tudo porque hoje em dia não a problema com isso lá na frente é uma profissão que um ajuda a fazer uma coisa e outro outra, um crava, outro funde, outro do acabamento é difícil achar uma pessoa que faça tudo, mas ele faz tudo. Muito bem feito.

Fala ainda, que a bijuteria veio a substituir em parte a joalheria tradicional, este fato, também pela parte da segurança e a violência que a gente atualmente está obrigada a passar. Apresenta a fotografia da Joalheria Torreta onde aparece o joalheiro Pedro Torreta e seu pai (na loja se tem uma foto dele para lembrar seu legado):



Figura 79. Loja e oficina comercial do joalheiro Paulo Torreta. Centro de São Carlos.
Fonte: Autora

Entre seus trabalhos, nos indicou um anelo com um custo ao redor de 350 reais, feito em prata, ademais de um anelo em ouro branco e ouro amarelo que são técnicas para ele muito gostosas de fazer, anelo que pode ter um valor ao redor de 2000 reais. A loja estava acostumada a vender muito mais que agora, o movimento caiu consideravelmente num 40% falo Pedro, mas continua vendendo. Não trabalha a técnica da filigrana, só para algum adorno ou decoração da peça mesma, mais seu pai sim trabalhou.

Declara que não pensa em fechar a loja, porque é uma atividade que desenvolve fez muito tempo, pelo menos 70 anos, as pessoas conhecem que é um lugar de tradição, que é um ciclo que vai e vem, tem tempos melhores e piores. Ele pensa, que o ofício e a loja, vão acabar depois de ele morrer, com sua geração, os filhos e sobrinhos, partiram para outras profissões. Falou: “então quando a gente se aposentar, eu acho que acaba”.

Fecha sua participação falando:

Hoje em dia a joelheira está sendo automatizada. Então a partir da universalidade de joias feitas a mãos e tudo ela se resumo hoje a pegar e dar novamente crava na pedra. Inclusive até tenho também dessas coisas novas aí tipo vou te mostrar [mostra peças]. Isso aqui é um processo por exemplo, você pega e faz um molde na mão e depois sem você quiser produção faz fundido.

Referência não conhecera nenhum ferreiro hoje, talvez porque tudo é automatizado. Mas faz muito tempo segundo ele fala: “quando era mais jovem tinha pessoal que fazia fundição aqui na loja, hoje em dia não sei mais (...) tem algumas metalurgias que fazem algumas ferramentas para nós tipo estampas essas coisas assim é mais de forma.

6. Considerações



Ourives de Bagdá – Óleo sobre tela 1902. Pintura de Kamal Ol – Molk

Fonte: <https://www.wikiart.org/es/kamal-ol-molk>

6.1. Considerações Finais

A transformação de ofícios como a ferraria e joalheria, tem mudado a partir de práticas sociais, políticas, econômicas e culturais, que tem vivido as sociedades. Dita dinâmica não é nova nem apareceu depois da Primeira Revolução Industrial, mas se acelerou a causa da mesma, quando empezaram a aparecer ferramentas e máquinas mais sofisticadas. No âmbito da manipulação dos metais, diversas populações humanas têm procurado aperfeiçoar suas tecnologias e técnicas; ferramentas e artefatos que hoje, fazem parte mais eficientemente de nossas dinâmicas.

No caso de ofícios antigos como a ferraria e a joalheria, percebe-se uma mudança em alguns ocasiões estratégicas, integrada ao comercial, e outras olvidada e perdida, integrada ao abandono do ofício, a falta de aprendizes, ou a não transmissão do ofício por parte do trabalhador artesão, a qualquer membro da família. Naturalmente, nem uma coisa, nem a outra são positivas ou negativas, pois a transformação de práticas como as artesanais inseridas no âmbito social, mudam para estabelecer-se o para ser descontinuadas.

A manipulação de metais, tem jogado um papel indispensável na transformação espaciotemporal das sociedades. Hoje, nós temos o privilégio de olhar esse tipo de mudança técnica e tecnológica, no meio de um espaço que nos mostra aos trabalhadores dos ofícios artesanais, com atores industriais, encarregados de fazer mais eficientes os processos técnicos. Assistimos nesta época de pleno desenvolvimento social, à mudança das técnicas e tecnologias dos artesãos, dita mudança es representativa quando olhamos no centro das cidades onde se fundaram as mesmas como no caso de Popayán e São Carlos, espaços geográficos ausentes de artesãos, o pelo contrário com representantes dos ofícios, que tem adequado seu trabalho, às novas dinâmicas do entorno.

6.2. Considerações sobre os artesãos na Colômbia e no Brasil:

Na sociedade atual, muitas técnicas artesanais se não transformado com o tempo, enquanto os mestres do ofício manual, perdem sua figura simbólica de nossas cidades. Enfrentamos hoje frente ao tema dos ofícios, a falta de transmissão de técnicas, o envelhecimento de nossos artesãos e a perda do conhecimento tradicional, entre outros fatores.

De acordo aos referentes bibliográficos e o trabalho de campo feito nas cidades de Popayán – Colômbia e São Carlos – Brasil, em relação aos ofícios de metalurgia e ourivesaria: ferreiros e joalheiros, apresenta-se várias considerações:

Para o caso da ferraria na cidade de Popayán – Colômbia temos:

- a) Existe na Popayán, uma tradição em ferro forjado artístico que coexiste atualmente com a tradição de ferro forjado contemporâneo. Esta relação se dá através de copias, réplicas e restaurações em todo o contexto histórico da cidade.
- b) A ferraria é um ofício artesanal que ainda se encontra na cidade. Nesta relação os ferreiros continuam jogando um papel no entorno arquitetônico da ‘cidade branca’.
- c) Existe uma diferenciação no contexto expressada já por outros escritores e arquitetos, sobre o contraste de ferraria na cidade. Técnicas de ferraria antigas, se encontram num mesmo espaço com técnicas de ferraria contemporânea.
- d) O ofício da ferraria se ensina ainda em dois instituições: a EAO e o SENA.
- e) O ofício tradicional da ferraria é enaltecido e valorado pelas instituições de arte e cultura. O ferro neste sentido para a cidade é símbolo de identidade e representação cultural dentro da arquitetura colonial.
- f) Os ferreiros que participaram desta pesquisa não têm conseguido herdar o ofício o passar o legado cultural do ofício a alguém mais.

Para o caso da joalheria na Popayán – Colômbia temos:

- a) Existe na Popayán uma tradição na ourivesaria que pode apreciar-se mediante o trabalho dos prateiros durante princípios da época da Colônia. Muitos prateiros deixaram um legado histórico e cultural que se representa hoje no Museu de Arte

Religioso da cidade.

- b) A joalheria na cidade está fortemente relacionada com a religião pela presença histórica dos prateiros que elaboraram grandes obras artísticas, legado espanhol desde a colonização dos territórios.
- c) O ofício da joalheria se ensina hoje em duas instituições: a EAO e o SENA.
- d) Recentemente os programas de governo na Colômbia, tem incentivado o tema do artesanato, na procura de ressaltar a produção e a identidade dos colombianos. Os esforços para encaminhados estão dirigidos às atividades comerciais dos objetos e não à descrição a documentação da arte dos ofícios.
- e) A joalheria se há difundido hoje como símbolo comercial mais que artesanal nos arredores do centro histórico.

Para o caso da ferraria em São Carlos – Brasil temos:

- a) A cidade conta ainda com ornamentos em ferraria antiga. Ressalta-se parte de esta ferraria na Estação do Trem e os arredores.
- b) De acordo a nossa investigação, não se registraram ferreiros na cidade no centro de São Carlos. Este fato se deve a que a cidade a entrada num processo de tecnologia nos arredores pela presença de indústrias importantes na região, gerando que os insumos e matérias primas sejam obtidos de outras formas.
- c) Registram-se ferreiros na cidade a princípios do século XX nos arquivos documentais da cidade.
- d) A cidade tem uma forte tradição com o ofício da alfaiataria. Destacando-se ainda hoje o Grêmio de alfaiates de São Carlos.
- e) A presença dos estrangeiros nesta região é apreciável.

Para o caso da joalheria São Carlos - Brasil temos:

- a) Existem ainda várias joalherias que ficam no centro da cidade, alguns tradicionais.
- b) Os Joalheiros entrevistados têm transmitido o ofício artesanal, contudo, nenhum dos

aprendizes há ficado como ourives.

- c) Ser joalheiro para os entrevistados, e ainda uma profissão com a qual hoje se pode sobreviver.

As dinâmicas dos ofícios na ferraria e na joalheria estão mudando, de forma geral pode apreciar-se que existem distanciamentos e aproximações referente ao tema dos ofícios e suas práticas. Caracteriza-se que a maior parte dos artesãos tanto ferreiros como joalheiros acreditam que atividades como a fundição (cera perdida), a filigrana e a ferraria antiga, são técnicas manuais difíceis de executar hoje pelo tempo de trabalho. A continuação apresenta-se dois das técnicas mencionadas



Figura 80. Técnica de ferraria clássica. *Rebite* (remache).

Fonte: Autora



Figura 81. Técnica de ferraria clássica. *Alfinete* (broche) e barras de ferro atravessadas

Fonte: Autora

No caso dos joalheiros, encontrasse ainda dois técnicas artesanais em desuso: a cera perdida ou cera fundida e a filigrana. Ambas técnicas estão sendo pouco praticadas, pelo tempo e complexidade técnica das mesmas. A técnica da cera perdida, permite obter figuras de metal mediante de moldes de cera, e a técnica da filigrana

Observe-se ainda que a técnica de joalheria que hoje já os artesãos não fazem mais, na seguinte ilustração:



Foto 82. Técnica da Cera Perdida.
Fonte: <http://www.gremiomadrid.org>



Foto 83. Técnica da filigrana.
Fonte: <http://www.artesantiasdecolombia.com.co>

As quatro técnicas artesanais de acordo com as entrevistas realizadas aos joalheiros e ferreiros durante a pesquisa, ficam excluídas da maior parte de seus trabalhos devido ao tempo que elas demoram e à complexidade do trabalho das mesmas.

Referencias Bibliográficas

- ALMEIDA, Jorge. *Hierro forjado en la arquitectura*. Colombia: Colcultura, 1996.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Buenos Aires: Fondo de Cultura económica, pág. 17-25, 1993
- APARECIDA, Cintia. *Coleção Monografias – São Carlos. Residenciais Fechados e a História Recente da Cidade de São Carlos*. São Carlos: UFSCar, 2014
- ARENAS, Jorge. *Hierro forjado en la arquitectura*. Colombia: Colcultura, 1996.
- ARROYO, Santiago. Vida Universitaria. *Popayán, Revista histórica e científica*, Popayán, n. 174, 1926.
- AUGUSTO, Joaquim. *Almanach de São Carlos de 1894*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007a
- AUGUSTO, Joaquim. *Almanach de São Carlos de 1905*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2007b
- BUENDIA ASTUDILLO, Alexander. La narrativa urbana de Popayán (Colombia) en la primera mitad del siglo XX. Entre la hidalguía y el patriarcado. *Chasqui Revista latinoamericana de educación*, Ecuador, n. 132, 2016.
- BACHELARD, Gaston. *La formación del espíritu científico. Contribución a un psicoanálisis del conocimiento objetivo*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2004.
- BARDI, P.M. *Arte da prata no Brasil*. Brasil: Banco Sudameris, 1979.
- BAZZO, Walter. *Ciência, tecnologia e sociedade*. São Carlos: Editora UFSC, 1998
- BECERRA, Javier. *Origen y desarrollo de los estudios CTS y su perspectiva en América Latina*. In MANCERO M; POLO, R. *Ciencia, política y poder: debates contemporáneos desde Ecuador*. Quito: FLACSO, 2010.
- BELL, Daniel. *Internet y la nueva tecnología*. Letras libres, Vol. 2, No 13, p. 56 – 61. 2000
- BORSODORF, Axel. *Cómo modelar el desarrollo y la dinámica de la ciudad en Latinoamérica*. *Revista Scielo*, Vol. 29, No 86, p. 37 – 49. 2003

BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Editora brasiliense, 1990.

_____. *Razões práticas sobre a teoria da ação*. Brasil: Papirus editora, 1996.

_____. *O mercado de bens simbólicos*. In: *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998. P. 99-181.

_____. *Argelia 60. Estructuras económicas y estructuras temporales*. Argentina: Siglo XXI, 2006.

_____. *Um mundo à parte*. In: *Para uma Sociologia da Ciência*. Lisboa: Edições 70, 2008.

CAICEDO, Isabela e MAZUERA, Tatiana. *Plan de negocios de una escuela productora y comercializadora de joyería en filigrana para los estratos 5 y 6 de la ciudad de Bogotá*. Colombia: Pontificia Universidade Javeriana, 2009.

CAMARGO, Sebastian. *Almanack de São Carlos de 1915*. São Carlos: UFSCar, 2007a.

CAMARGO, José. *Almanack de São Carlos de 1927*. São Carlos: UFSCar, 2007b.

CÂMERA, Friedrich. *Conquista e dominação dos povos indígenas: Resistencia no sertão dos Maracás (1650 – 1701)*. Salvador: Universidade Federal de Bahía, 2008.

CASABÓ, Juan. *Joyería*. Argentina: Editorial Albatros, 2010.

CASTELLS, Manuel. *Sociedad en Red*. Madrid: Alianza, 1997.

CASTRO, Flanklin. *Almanack de São Carlos de 1916 - 1917*. São Carlos: UFSCar, S.F.

CHALMERS, Alan Francis e FIKER, Raul. *O que é ciência afinal?* São Paulo: Brasiliense, 1993.

COESTA, Mariano e SALVADOR R. *Museo de América. Los Trabajos en Metal en el Área Andina*. España: Ministerio de Cultura- Patronato Nacional de Museos, 1982.

COLLINS, Harry: We cannot live by scepticism alone. *Nature*, v. 458, n. 7234, p. 30-30, 2009.

COLLINS, Harry M.; EVANS, Robert. The third wave of science studies of expertise and experience. *Social studies of science*, v. 32, n. 2, p. 235-296, 2002.

CORRAL, Miguel Angel e ARAÑO, Ignácio. *Biblioteca Atrium de la Herrería. Forja y Fundición*, Vol. I. España: Océano, 1994.

CUNHA, Luiz Antônio. *O ensino dos ofícios artesanais e manufatureiros no Brasil escravocrata*. Brasil: UNESP, 2005.

DA SILVA, Maria Lucia. *De Potosí a Ouro Preto: Um esboço comparativo*, participação da Universidade. In: PERSPECTIVAS HISTORICAS DE UMA MESMA AMERICA, 2., 2009, Rio de Janeiro: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro,. 2009. 1 CD.

DAMIANO, Octavio Carlos. *Caminhos do tempo*. Brasil: UFSCar, 1996

DÁVILA, Jesús. *Síntesis Histórica de la Cultura Intelectual y Artística del Ecuador*. Ecuador: Jodoco Ricke, 1996

DE ALBUQUERQUE, Wlamira e FRAGA, Walter. *A história do negro no Brasil*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

DE GRANDE, Pablo. Constructivism and Sociology. Seven Theses of Bruno Latour. *Revista Mad*, Santiago de Chile, pp. 48 – 57, septiembre de 2013.

DE MELLO, Antônio. *Almanack de São Carlos de 1928*. São Carlos: UFSCar, 2007

DE NIETO, Clemencia Plazas; FALCHETTI, Ana María. *Tradicón metalúrgica del suroccidente colombiano*. Colombia: Boletín Museo del Oro, No 14, 1983.

DE OLIVEIRA, Moacir Almeida. O barroco mineiro: edificações religiosas. *Revista Historiador*, Porto Alegre, p. 21, 6 de janeiro, 2014

DE RUEDA, Marta Fajardo. La orfebrería en la gobernación de Popayán. *Ensayos. Historia y teoría del arte*, n. 17, p. 42-63, 2009.

DEL PRIORE, Mary VENÂNCIO, Renato Pinto. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.

DI GIULIO, Gabriela. Pólo de jóias e bijuterias cresce com informalidade e pouca inovação. *Inovação Uniemp*, 2007, vol. 3, no 2, p. 42-45.

DÌAS, Zamira. *La ciudad colonial. Popayán: Política y vida cotidiana (siglo XVI)*. Colombia:

Fondo mixto para a promoción de la cultura y el arte del Cauca, 1996

EL LIBERAL. *Publicidade de Ferramentas Agrícolas*. Popayán: El Liberal, 1942.

ELIADE, Mircea. *Herreros y alquimistas*. España: Alianza, 1974.

ESPINAR, Jaime e CAZENAVE, L.P. *Los oficios a través de los tiempos*. Argentina: Atlântida, 1944.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil-História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias*. São Paulo: Edusp, 1996.

FERNÁNDEZ, Esteban, et al. *Acumulación, naturaleza e imitación del conocimiento tecnológico: una revisión de literatura. Investigaciones Europeas de Dirección y Economía de la Empresa*, Vol. 4, No 1, p. 11 – 34. 1944

GLOBO. Cidade Cearense mantém tradições e profissão dos ferreiros. Disponível em: <<http://g1.globo.com/ceara/nosso-ceara/noticia/2012/09/cidade-cearense-mantem-tradicao-e-profissao-dos-ferreiros.html>>. Acesso em: 12 Ago. 2017

GONÇALVES, Nicola. *Narrativas e Crônicas de Todos os Tempos, Sobre Varios Temas*. São Carlos: Impresso na Gráfica Lamanna, 2000.

GORDINHO, Margarida. *Liceu de artes e ofícios de São Paulo missão excelência*. São Paulo: Marca D'Água, 2000.

GRAVES-BROWN, P.M. *Matter, materiality and modern culture*. London: Routledge, 2000.

GUERRA, Maria Filomena, Patrimônio cultural em ouro e prata: técnicas de fabricação de objetos e origem dos metais In: Congresso Latino-Americano de Restauração de Metais, Rio de Janeiro, Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2005, p. 79 – 102

HALE, Charles. *Historia de América Latina*. Vol. 8. Barcelona: Crítica, 2000

HARRIS, Marvin. *Vacas, cerdos, guerras y brujas. Los enigmas de la cultura*. Madrid: Alianza, 1998

_____ . *Antropología Cultural*. Madrid: Alianza, 2001

HERRERA, Neve. *Artesanías de Colombia. Listado general de oficios artesanales*. Bogotá:

Ministerio de Desarrollo Económico, 1989.

HERRERA, Marta Cecilia. *Historia de la educación en Colombia. La Republica Liberal y la modernización de la educación: 1930 - 1946*. Revista Colombiana de educación, n. 26, 1993.

HESS, David. *The new Ethnography and the Anthropology of Science and Technology*. In HESS, David and LAYNE, Linda (eds): *Knowledge and Society: The Anthropology of Science and Technology*, Jai Press Inc., Greenwich / Connecticut, 1992.

HOBBSAWM, Eric. *Some reflections on 'The break-up of Britain'*. London: New Left Review, N° 105, 1977.

IBGE. *Brasil 500 anos de povoamento*. Brasil: Instituto Brasileiro de Geografia e Estadística, 2007.

INGOLD, Tim. *The perception of the environment. Essays in livelihood, dwelling and skills*. London and New York: Routledge, 2000.

JARAMILLO URIBE, Jaime. *Las sociedades democráticas de artesanos y la coyuntura política y social colombiana de 1848*. Colombia: Anuario Colombiano de Historia Social y de la Cultura, n. 8, 1976.

KEEBE, Eduardo. *Relatos do cotidiano: Crônicas publicadas em jornais de São Carlos no período de 1974 - 1974*. Brasil: UFSCar, 1983.

KROPF, Simone Petraglia. Carlos Chagas y la ciencia en Brasil: entre el laboratorio y el debate público. *Revista Biomédica*, 2009, vol. 20, no 3.

KUHN, Thomas. *La estructura de las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1971.

LARGER, Johnni. *Arqueologia do irreal. As cidades imaginarias do Brasil*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1996.

LARRAÍN, Jorge. *¿América Latina moderna? Globalización e identidad*. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2005.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

_____. *Ciência em Ação*. São Paulo: Editora UNESP, 1997

_____. *When things strike back: a possible contribution of 'science studies' to the social sciences*. *The British Journal of Sociology*, 2000, vol. 51, no 1, p. 107-123.

_____. *Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor – red*. Argentina: Manantial, 2005.

LATOUR, Bruno. e Woolgar, Steve. *Vida de Laboratório*. Rio de Janeiro: Dumará, 2007.

LEMONNIER, Pierre. *Elements for anthropology of technology*. Estados Unidos: Universidad de Michigan, 1992.

LIÉVANO, Enrique Gaviria. *El liberalismo y la insurrección de los artesanos contra el librecombio: primeras manifestaciones socialistas en Colombia*. Colombia: Universidad Jorge Tadeo Lozano, 2002.

LÓPEZ-YARTO, Amelia. Aproximación al arte de la platería española. *Ars longa*, n. 17, p. 169-179, 2008.

MAGALLÓN, Mario. *Cultura, tradición y modernidad en Latinoamérica del siglo XXI*. La Colmena, México, p 59 – 66 jul. 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Los argonautas del pacífico*. España: Planeta – Agostini, 1972.

_____. *Magia, ciencia y religión*. Barcelona: Planeta – Agostini, 1974.

MARTÍ, José. *Nuestra América*. En Obras Escogidas. En tres Tomos. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, Centro de Estudios Martianos. Tomo II. En SANTANA, Joaquín. El problema de la modernidad en América Latina, 1992.

MARTINEZ, Mazadiego e RIART, Puche. *Minería histórica. Mitologías del oro: El oro y el sol*. España: Boletín Geológico y minero, Vol. 109-5 y 6. 1998

MAUSS, Marcel. *Sociología y antropología*. Paris: Tecnos, S. A.P.430, 1971.

MAYOR, Alberto, et al. *Las escuelas de Artes y Oficios en Colombia (1860-1960)*. Colombia: Pontificia Universidad Javeriana, 2013.

MEAD, Margaret. *Cultura y Compromiso. Estudios sobre la Ruptura Generacional*. Argentina:

Granica, 1971.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2007.

MORIN, Edgar. *O paradigma da complexidade. Introdução ao pensamento complexo*. Barcelona: Gedisa, 2000.

MOURA, Gloria, et al. *Uma história do povo Kalunga*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental MEC/SEF, 2001.

MURASSE, Celina Midori. *Industrialização e educação: a origem do liceu de artes e ofícios*. Brasil: Sociedade Brasileira de História da Educação, 2016

NÁRVAEZ, Rosalio. *Colonia penal de Munchique. Informe del secretario del gobierno*. Popayán: Talleres editoriales del departamento, 1943.

NIETO, Carlos Eduardo. El Ferrocarril en Colombia y la búsqueda de un país. *Apuntes*, vol. 24, n. 1, p. 62-75. 2011

OLANO, et al. Profesionales liberales, artes y oficios. *Revista Mensual*, n. 94, diciembre, 1918.

OLIVARES, Juliana Álvarez. *Las Escuelas de Artes y Oficios en Medellín y la profesionalización de los artesanos 1869 - 1901*. *Revista de Historia y Sociedad*, n. 26, p. 99 – 119, 2014.

PALOMERO, Natalia Horcajo. El orfebre y el joyero en el Renacimiento. *Espacio Tiempo y Forma. Serie VII, Historia del Arte*, n. 10, 1997.

PEDRO, W.J.A. **Metamorfoses masculinas. Significados objetivos e subjetivos. Uma reflexão psicossocial na perspectiva da identidade humana**. Tese de Doutorado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social, PUC/SP, 2002

PEDRO, Wilson José Alves. Reflexões sobre a promoção do envelhecimento ativo. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 16, p. 009-032, 2013. Acesso: 22 de fevereiro de 2017

_____. Aging process assets and social dimensions of Science and technology (keynote). *Gerontotechnology*. v. 15, n. 2, 2016, p. 71-72. Acesso: 1 de Setembro

de 2017

PINTO, Das Neves. *Crônicas Sãocarlenses*. São Carlos: UFSCar, 2000.

_____. *São Carlos na Estera do Tempo 1884 - 1984*. São Carlos: Fac – Similar, 2007.

POVEDA, Ima. Las mujeres de la élite bogotana del siglo XIX y la moda. *Revista Gráfica-Cuaderno de trabajo de los profesores de la Facultad de Ciencias Humanas. Universidad Autónoma de Colombia*, 2015, vol. 12, no 1, p. 93-123.

PREFEITURA DE SÃO CARLOS. História de São Carlos. Disponível em: <
<http://www.saocarlos.sp.gov.br/index.php/historia-da-cidade/115269-historia-de-sao-carlos.html>>. Acesso 29 April. 2018

QUIJANO, Aníbal. *Modernidad, identidad y utopía en América Latina*. Lima: Ediciones Sociedad y Política, 1988.

QUIJANO, Aníbal. *Modernidad, identidad y utopía en América Latina*. Lima: Ediciones Sociedad y Política, 1988.

RAMÍREZ, Daniel. *Colombia artesanal. Disputas por una colombianidad desde la producción artesanal*. Colombia: Universidad Javeriana, 2011.

RAMÍREZ DE LÓPEZ, Lucy. *Aproximación al Estudio de la Artesanía en Popayán*. Colombia: Universidad del Cauca, 1982.

RAUTER, María Inês. *A cidade na memória se seus velhos. Estudo sobre São Carlos, Itirapina e arredores*. Brasil: Universidade Federal de São Carlos, 1998.

REIS, Liana Maria. Africanos no Brasil: saberes trazidos e ressignificações culturais. *Cadernos de História*, 2006, vol. 8, no 10, p. 11-23.

RESENDE, Sancha Livia, et al. *Um olhar sobre o fazer do ourives em belo horizonte – MG*. Brasil: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

RESTREPO, León Henao. *Bocallaves. Entrada a la Arquitectura Regional*. Colombia: Banco de la Republica, 1992.

RAMBELLI, Gilson; FUNARI, Pedro Paulo A. Patrimonio cultural subacuático en Brasil: pensamientos varios. *Memorias. Revista Digital de Historia y Arqueología desde el Caribe*, 2007, vol. 4, no 7.

SANTA, Eduardo. *El libro de los oficios de antaño*. Colombia: Academia Colombiana de Historia, 1998

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Um discurso sobre as ciências*. São Paulo: Editora Cortez, 2008

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*, 1996.

SANZ, Vicente e PIQUERAS, José. *En el Nombre del Oficio. El Trabajador Especializado: Corporativismo, Adaptación y Protesta*. España: Biblioteca Nueva, 2005.

SEMANARIO DEL CAUCA. *Publicidade de venta de Ferramentas Agricolas*. Popayán: El Semanario del Cauca, 2008

SERRA, Oswaldo; NUNES, Paulo e TILKIAN, Ricardo. *Café, Indústria e Conhecimento. São Carlos uma Historia de 150 anos*. São Carlos: UFSCar, 2008

SEYMOUR, John. *Artes y Oficios de Ayer. Guía Práctica de los oficios Tradicionales*. España: The National Trust, 2001.

TOCANCIPÁ, Jairo. *Perspectiva de investigación para el Cauca. Una construcción interdisciplinaria sobre la tecnología y su impacto en el entorno*. Colombia: Universidad del Cauca, 2006.

TRUZZI, Oswaldo, et al. *São Carlos: Eu e minha cidade*. São Carlos: Fundação Pro – Memoria de São Carlos, 2008.

VALENCIA, Alonso. *Empresarios y Políticas en el Estado Soberano del Cauca*. Colombia: Universidad del Valle, 1993

VAQUERO, Davila. *Síntesis histórica de la cultura intelectual y artística del Ecuador*. Quito: Editorial Jodoco Ricke, 1946.

VARGAS, Héctor Llanos. *Los cacicazgos de Popayán a la llegada de los españoles*. Colombia:

Fundación de Investigaciones Arqueológicas Nacionales, Banco de la República, 1981.

VALLADARES, Do Prado. *Artesanato brasileiro*. Rio de Janeiro: Funarte, 1986.

VEJARANO, Jaime. *Popayán en su Anécdota 1537-1999*. Colombia: Tecnigrafic, 2000

VELASCO, Javier. *Consideraciones Sobre la Arquitectura en Popayán*. Colombia: Universidad del Cauca, 2004

VILLEGAS, Alberto. *Recursos Minerales de Colombia. Tomo I: Metales Preciosos y Minerales Metálicos*. Colombia: Ministerio de Minas y Energía, 1987.

VILLOTA, Jakeline Amparo. *Estratégias utilizadas por professores que ensinam Matemáticas na implementação de tarefas*. [dissertação]. Bahia (BH). Instituto de Física. Universidade Federal da Bahia; 2016.

VILLOTA, Maribel Deicy, et al. Los espacios tecnológicos: un acercamiento al malestar cultural de los medios de comunicación en McLuhan. *Revista Colombiana de Filosofía de la Ciencia*, 2017, vol. 17, n. 34.

VON LAUENSTEIN MASSARANI, Emanuel. *Visão de São Paulo*. Brasil: TELESP, 1983.

WALLERSTEIN, Immanuel, et al. *Abrir las Ciencias Sociales. Comisión Gulbenkian para la estructuración de las ciencias sociales*. México: Siglo XXI editores, 1996.

ZEQUINI, Anicleide. *Arqueologia de uma fábrica de ferro: Morro de Araçoiaba séculos XVI e XVIII*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

ANEXOS

1. APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: OS FUNDIDORES DE METAL NA COLÔMBIA E BRASIL:
UM ESTUDO TRANSVERSAL EM POPAYÁN E SÃO CARLOS, ATRAVÉS DO
CAMPO CTS

Pesquisador: Maribel Deicy Villota Enríquez

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 63763816.8.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.896.432

Apresentação do Projeto:

Durante muito tempo a transformação de ofícios artesanais como ferreiros, sapateiros, joalheiros, alfaiates e outros, tem sido deixados de lado na sociedade a causa da ideia de progresso das grandes cidades. As gente vem atravessando um fluxo de relações sociais nos que o indivíduo há arraigado fortemente a ideia do progresso e modernidade, como um significado simbólico: o progresso em lugar do atraso; isso pode verse representado na aquisição de artigos cada vez mais obsoletos que precisamos para resolver uma necessidade específica, onde estes não representam nenhum tipo de valor simbólico. Ofícios ancestrais desapareçam, abrindo passo a novas tecnologias, não obstante, esse tipo de desaparecimento se resiste a deixar as cidades, representada através do artesanato.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever e caracterizar a transformação dos ofícios artesanais metalúrgicos na Colômbia e Brasil, através de um estudo transversal entre Popayán e São Carlos.

Objetivo Secundário:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

UF: SP

Município: SAO CARLOS

CEP: 13.565-905

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 1.896.432

- a) Realizar um estudo exploratório sobre as transformações e reconfigurações dos ofícios metalúrgicos em Popayán y São Carlos através de análises documental
- b) Descrever de forma qualitativa como foi a transformação dos ofícios na cidades
- c) Identificar os ofícios de ferrador e joalheiro na cidade desde a chegada do trem, baixo a característica particular que as cidades tiveram via férrea (o progresso).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Tendo em vista que toda pesquisa envolvendo seres humanos possui risco, este projeto oferece risco mínimo tanto de natureza física, psíquica quanto moral. Caso durante a entrevista você sinta qualquer desconforto, de qualquer natureza, como cansaço, algum constrangimento, pode interrompê-lo.

Benefícios:

Fica também garantida a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo sem qualquer prejuízo. Os resultados dessa pesquisa podem trazer como benefício informações e contribuições para o fortalecimento do campo CTS introduzindo o conhecimento tradicional, a transformação dos ofícios, e o envelhecimento na prática do ofício.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma investigação exploratória e descritiva, combinando técnicas próprias do método etnográfico e histórico e da investigação colaborativa. O estudo objetiva a compreensão das mudanças nos ofícios dos fundidores do metal, joalheiros e ferreiros, na Colômbia e Brasil

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Estão presentes todos os Termos de apresentação obrigatória.

Recomendações:

Aprovação

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há nenhuma pendência ou inadequação.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 1.896.432

| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
|---|--|------------------------|--------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_844824.pdf | 19/12/2016 11:46:19 | | Aceito |
| Declaração de Instituição e Infraestrutura | declaracao.pdf | 19/12/2016 11:45:46 | Maribel Deicy Villota Enríquez | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | PROJETOMARIBEL3122016.pdf | 19/12/2016 11:17:50 | Maribel Deicy Villota Enríquez | Aceito |
| Outros | RoteiroEntrevista.pdf | 19/12/2016 11:12:52 | Maribel Deicy Villota Enríquez | Aceito |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE_Mestrado_Maribel.pdf | 19/12/2016 11:08:28 | Maribel Deicy Villota Enríquez | Aceito |
| Folha de Rosto | Folharostofundidores.pdf | 19/12/2016 10:43:07 | Maribel Deicy Villota Enríquez | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 23 de Janeiro de 2017

Assinado por:
Priscilla Hortense
(Coordenador)

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9683

E-mail: cephumanos@ufscar.br

2. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO **COORDENADOR DO PROGRAMA**

1. Você está sendo convidado para participar da pesquisa "**Os fundidores de metal na Colômbia e Brasil: Um estudo transversal em Popayán e São Carlos através do campo CTS**". As informações descritas neste termo têm o intuito de esclarecer o real sentido da sua participação voluntária neste estudo.

- a. Este estudo tem como objetivo geral: Descrever e caracterizar a transformação dos ofícios artesanais metalúrgicos na Colômbia e Brasil, através de um estudo transversal entre Popayán e São Carlos. A ideia do progresso no que países como na Colômbia e no Brasil tem adaptado, têm fortes repercussões nos artesãos tradicionais que trabalham o arte manual como no caso dos ferreiros e joalheiros que ainda hoje buscam estratégias mais comerciais para inserir-se no mercado de trabalho.
- b. Foi feito um convite pessoalmente aos participantes para estabelecer um diálogo conjunto com os artesãos: ferreiros e joalheiros de ambos países em Popayán - Colômbia e no São Carlos- Brasil, para que participassem da pesquisa, a fim de auxiliar no desenvolvimento deste trabalho para que o objetivo acima descrito seja consolidado.
- c. Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder ao questionário semiestruturado com questões abertas e fechadas tentando direcionar a pesquisa à perda do conhecimento tradicional, a transmissão do ofício e as estratégias empreendedoras que tem que assumir em relação com a idade e seu quefazer social como artesãos.

2. Descrição dos desconfortos e riscos possíveis e os benefícios esperados.

Tendo em vista que toda pesquisa envolvendo seres humanos possui risco, este projeto oferece risco mínimo tanto de natureza física, psíquica quanto moral. Caso durante a entrevista você sinta qualquer desconforto, de qualquer natureza, como cansaço, algum constrangimento, pode interrompê-lo. Fica também garantida a liberdade de retirada do consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo sem qualquer prejuízo. Os resultados dessa pesquisa podem trazer como benefício informações e contribuições para o fortalecimento do campo CTS introduzindo o conhecimento tradicional, a transformação dos ofícios, e o envelhecimento na prática do ofício.

3. Não haverá benefícios diretos em curto prazo para o participante, como também não haverá despesas ou compensação financeira em qualquer fase do estudo.

4. Explicação da garantia de esclarecimentos do participante da pesquisa: acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive garantia de receber respostas a qualquer pergunta ou esclarecimento a dúvidas acerca do estudo. Compromisso de proporcionar informação atualizada durante o estudo, ainda que esta possa afetar sua vontade de continuar participando.

5. Informações sobre o acompanhamento da pesquisa e para contato quando necessário.

Maribel Deicy Villota Enríquez: (16) 99600-1033 mares-696@gmail.com e/ou Prof.
Dr. Wilson José Alves Pedro: (16) 3351-6669 wilsonpedro@ufscar.br

6. **Explicação da liberdade do sujeito** em recusar a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado.

- a. A qualquer momento você pode desistir de participar e retirar seu consentimento.
- b. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

7. Explicação da garantia do sigilo que assegure a privacidade dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa.

- a. As informações obtidas através dessa pesquisa serão confidenciais e asseguramos o sigilo sobre sua participação.
- b. Os dados não serão divulgados de forma a possibilitar sua identificação. O instrumento de coleta de dados não contém campo para colocar o nome do participante para que sua identidade seja mantida no anonimato e assegurada sua privacidade.

8. Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e o endereço do pesquisador principal, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

Prof. Dr. **Wilson** José Alves Pedro. Departamento de Gerontologia/ UFSCar, Rod. Washington Luís, Km 235, São Carlos/SP Fone: (16) 3351-6669 e-mail wilsonpedro@ufscar.br.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

São Carlos, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do participante da pesquisa

3. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Esquema de perguntas

1. Qual é seu nome completo?
2. De onde é você?
3. Desde quando mora você em Brasil (ou na Colômbia)?
4. Quantos anos tem?
5. Desde quando você é ferreiro o joalheiro?
6. Como se iniciou neste ofício artesanal?
7. Quem lhe ensinou o ofício? Você estudou para ser joalheiro o ferreiro?
8. Qual foi o nome de seu maestro? Aos quantos anos se iniciou neste ofício?
9. Em que lugares trabalhou em Brasil (na ou Colômbia)?
10. Tem alguma pessoa a quem transmitiu o ofício?
11. Você lembra quantas pessoas são? Quem são elas ou eles?
12. As pessoas que você ensina, são ferreiros o joalheiros?
13. Você acha que seu ofício mudou nos últimos anos?
14. Se pode viver economicamente do ofício artesanal?
15. Que ferramentas ou máquinas você percebeu que não são as mesmas?
16. Você modificou alguma ferramenta de trabalho ou máquina de trabalho?
17. Se deve estudar para ser ferreiro o joalheiro?
18. Você pensa que vai morrer como ferreiro o joalheiro?
19. Que acha que não se pode aposentar e tenha que trabalhar toda a vida no ofício?
20. Se imagina como idoso ainda exercendo seu ofício?
21. Tem projetos a futuro que gostaria contar-nos?
22. Que dificuldades de saúde têm a consequência do ofício? Perda da visão? Dores?
23. Gostaria de lembrar alunos ferreiros o joalheiros que conheceu?

4. APOIO DE PESQUISA GESC, COLOMBIA



Universidad
del Cauca

8.7.8.3.11.10.3.14.002

Popayán, 13 de Diciembre de 2016

Señores:

Comité de Ética en Pesquisa – Universidade Federal de São Carlos, Brasil
CEP/UFSCar

Asunto: Respaldo en la investigación “Os fundidores de metal na Colômbia e Brasil: Um estudo transversal em Popayán e São Carlos” por parte del grupo GESC – Colciencias.

Apreciados miembros del Comité de Ética:

En nombre del Grupo de Estudios Sociales y Comparativos GESC del programa de Antropología de la Universidad del Cauca – Colombia, reciba un afectuoso saludo. Como parte de las actividades de investigación de la estudiante de Pos-graduación Maribel Deicy Villota Enríquez y siendo la misma investigadora de nuestro de grupo, respaldamos su propuesta de pesquisa en el área de herrería y orfebrería en Popayán. Este grupo de investigación trabaja dentro de sus líneas *Antropología de la tecnología* pertinente para estrechar lasos entre ambas Universidades.

Es de anotar que el grupo de investigación, respaldara la pesquisa con ayuda durante el trabajo de campo, documentación accedida debidamente reportada y acreditada en productos de investigación, al igual que los agradecimientos a las personas participantes y demás involucradas en el transcurso del trabajo. Igualmente y como acto de reciprocidad, se les entregará a los participantes de la pesquisa, los resultados producto de la investigación.

Agradecido a su amable atención
Cordialmente

Jairo Tocancipá Falla, PhD
Profesor Titular
Departamento de Antropología
Universidad del Cauca



Departamento de Antropología
44 Años